

MODESTA

(MAFALDA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE)

CONTOS

COM UM PREFACIO

DE

D. JOÃO DA CAMARA



LISBOA

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{DA} — EDITORES

132 — Rua Aurea — 135

1906

27

Liv. Castro e Silva
Bd. 433, nº 1552

Berta Aguiar



Contos

MODESTA
(MAFALDA MOUZINHO DE ALBUQUERQUE)

CONTOS

COM UM PREFACIO
DE
D. JOÃO DA CAMARA



LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{DA} — EDITORES
132 — Rua Aurea — 138
1906



COMPRA

257559

75227

Typ. a vapor da Empresa Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184 — PORTO

Hermínia Lourenço

PREFACIO

Um prologo. . . para quê?

Ha uns doze annos, — era Modesta uma criança — o saudoso Thomaz Ribeiro, por inspirados versos encantado, escrevia ao director da «Mala da Europa», enviando-lhe um soneto da poetisa «espírito gentil, que eu tenho a honra, dizia, de apresentar no glorioso Parnaso portuguez.»

A apresentação estava feita. A poesia era esta:

No leito da agonia

*É moça, e que formosa! No seu rosto
Reflecte-se expressão tão dolorosa
Como a última luz. dubia, saudosa,
Pallida, moribunda, do sol posto.*



*Lembrando a vida livre e descuidosa
Que em lubricas orgias ha transposto,
Transparece-lhe a sombra do desgosto
Nos olhos côr de noite procellosa.*

*Mas... seccam-se essas lagrimas que encerram;
E os labios n'um sorriso se descerram.
N'um sorriso d'amor e de ternura!*

*É que entre as nuvens negras do passado
Surgira-lhe um phantasma idolatrado!...
A estrella da bonança em noite escura!*

Se transcrevemos para aqui estes versos, assim recordando o alvorecer d'um bello espirito, é para avisarmos os que sobre as paginas d'este livro deixarem cahir uma lagrima, que bem pudera este formoso soneto ser prologo ás tragedias que no livro vão contadas. Já então a poetisa se comprazia, no meio da escuridão, em procurar anciosa uns fios de luz, fosse qual fosse, raio de estrella entre a espessa folhagem ou pallido fogo fatuo n'um cemiterio. E é talvez por muito querer á luz, que tanto a tuutora — extranho caso! — de preferencia busca um scenario de trevas.

Outro prologo para quê? Conhecidos seus primeiros versos, a poetiza impoz-se. Para

chamar a attenção dos que só lhes concedessem um olhar distrahido, n'um bello e justo entusiasmo de lyrico, a que o impellia a eterna mocidade de seu coração, o auctor do «D. Jayme» acclamou seu nome, desvendando o segredo d'um pseudonymo. Bem hajam corações de poetàs! E contou-nos depois quem era Modesta, e a que gloriosa familia de militares e de poetas pertencia, filha de Fernando Mousinho de Albuquerque, neta de Luiz Mousinho de Albuquerque. Que nome era o da poetisa, e com que profundo sentimento o escrevo, porque foi o d'um camarada meu de mocidade, que muitas lagrimas me fez verter de entusiasmo e de dôr muitissimas mais!

Ainda mais nos disse Thomaz Ribeiro que não frequentava a poetisa theatros nem salões, que não viajava nem procurava os grandes centros, que mal conhecia o Tejó e o campo.

A mesma vida retirada continua levando D. Mafalda Mousinho de Albuquerque. Recollida a alma em si mesma, nem um ecco do bulicio da cidade chegará ao quarto de trabalho. Então sonhos confusos tomam fór-

ma e nos rostos de indecisos fantasmas vão-se as feições definindo a pouco e pouco. No desenrolar da acção, a fantasia vai regendo o movimento das personagens, e o coração procura dar-lhes algum consolo nas grandes misérias.

Foram estas, mais do que vistas na realidade, adivinhadas por certo. O recolhido viver da auctora assim nos obriga a suppol-o; mas, muitas vezes, um quasi nada, um encontro fortuito póde revelar muitissimo á sensibilidade d'uma alma d'artista. Mais esta adivinha, muito mais do que podem ver os olhos. E sempre a tal luzinha de que falámos, zigzagueando na escuridão!

Não, este livro não precisava de prologo, e muito menos sendo meu; mas a sua auctora assigna-se « Modesta »; ainda não tem confiança na sua obra, e, por muita bondade de seu coração, quiz dar-me a honra maior e lisonjear a minha vaidade.

Lisboa, 12 de Novembro de 1906.

JOÃO DA CAMARA.

A promessa

.....
Ah! Sim! Elle queria-o?!... Certamente o queria, porque de longo tempo lh'o vinha dando a conhecer. Não eram necessarios taes rodeios... por Deus!... A ferir, é mais generoso ferir d'um só golpe, vibrado com corajosa força, do que ir enterrando lentamente um punhal!... Ella tinha vivido muito pouco, sim, na sua vida de selvagem, de serrana! Mas como soubera amar, saberia esquecer...

E leve, ligeira, com uma ligeiresa feroz, de gata, saltou do leito tepido ainda do calor das ultimas caricias e enfiou os pés brancos e assetinados nos pequenos sapatos de velludo carmezim.

O sol ia muito alto. Pelo quarto espaçoso e triste, corria um frio, um desconsolo, que ella de ha mezes vinha sentindo, desde que entrava no seu outr'ora tão ridente ninho de amôr.

— Ah! — continuava na sua voz pausada e cantante — porque lh'o não tinha dito já? Porque foi preciso deixar-lh'o adivinhar?

E ia-se vestindo agora lentamente: lentamente, com uma lentidão de verdadeiro cansaço; com uma moleza doentia, onde não havia sombras de coquetterie, o menor desejo de provocação.

O espartilho pequeno e pouco barbeado, apenas lhe ajustava a cintura naturalmente delicada. As mãos, muito transparentes e d'uma brancura de lyrio, desatavam e compunham sem o menor atavio, aquelle cabello rebelde e preto, outr'ora a tentação de Gerardo, que hoje o olhava com uma indiferença glacial, de homem saciado e egoista.

— Que diabo de extravagancia de ideia aquella, que ella tivera! Elle, em principio, (e ella bem o sabia) tivera sempre um instinctivo horror ao casamento!...

Fugira sempre d'isso como da peste e não era agora aos quarenta annos que se deixaria prender na rede. — Tanto mais que — tornava elle ao vêr desaparecer sob o corpete, os seios brancos e pequeninos de Mathilde — o casamento mata o amor... Não temos nós sido grande e soberbamente felizes assim?

E poderiam continuar a sê-lo, porque a fresa de que ella o accusava, não existia tal... era uma ideia das muitas e tão extravagantes, com que ella ás vezes lhe vinha!

Mathilde observava-o, parando agora um mo-

mento, na sua resumida e simples toilette, com as lagrimas a razarem os seus grandes olhos pretos e melancholicos.

Observava-o com profunda magua e com profundo amôr: um amôr grande, firme, inabalavel, que ella sentia nada e ninguem no mundo poderia destruir!

O casamento mata o amôr! — tinha elle repetido; e, para adoçar a amargura d'esta cruel affirmativa, procurava-lhe os labios e passava-lhe os dedos pelos cabellos.

O casamento mata o amôr! — Ella bem sabia, porém, que em si, nada mataria esse amôr forte e são, duradouro e dedicado até á morte e através de todos os contratempos ou de todas as facilidades.

Encarava-o numa fixidez de sonambula e ficava dir-se-ia que deslumbrada pela formosura de Gerardo, como no primeiro dia; mais ainda, que no primeiro dia em que o vira.

Nessa desculpa -- o casamento mata o amôr -- via ella, sentia-o bem, o que Gerardo pensava sem o dizer, e na sua amorosa indulgencia para com aquelle que adorava, repetia de si consigo ella tambem:

— Decerto! O conde Gerardo de Farley, não póde casar com a filha do lavrador André Miguel!

E quasi corava a triste rapariga, só de pensar que Gerardo poderia ter visto naquella sua ideia de casamento, a vaidade, a ambição, o desejo de

trocar o seu simples nome de Mathilde de Oliveira, pelo titulo pomposo de condessa de Farley.

Quem pudera abrir o seu peito e deixar ler nelle quão errado andaria quem assim pensasse!

Quem poderia mostrar o pobre André Miguel tão cioso da sua honra, tão crente na candura da filha, tão vaidoso da sua dignidade de homem de bem ás direitas!

Quem pudera mostral-o na ultima noute de Natal, quando á sua meza se discutia entre tantos, a desgraça da filha do Antonio Gil, dizer cheio de completa confiança na filha:— Se tal acontecesse á minha Mathilde, eu, com ser ella a minha unica filha e toda a minha alegria no mundo, mettia-lhe uma bala na cabeça tão certo como Deus estar no ceu! A ella e ao malandro que m'a perdesse!—

Retrogrademos um pouco.

Vamos encontrar Mathilde, quatro annos antes, na sua bella e feliz vida sem cuidados e sem mancha.

Era então uma esbelta e activa rapariga de vinte e cinco annos.

Muito grave e muito seria, d'aquella sisudez que lhe dera a orphandade desde os quinze annos.

Mathilde nunca tivera um unico namoro, a mais pequena intriga amorosa, o mais leve pen-

samento para além dos muros da quinta onde se fechavam os milhos e os trigos do pae.

Quando lhe morrera a mulher, André Miguel teria sem duvida seguido a sua adorada companheira, se não fosse a filha querida, aquella mulher pequenina, aquella filha exemplar e terna que ella lhe deixara no mundo.

Mathilde chegava apenas do collegio de Lisboa, onde os paes a tinham internado desde os sete annos e onde a sua excepcional intelligencia lhe despertou toda a sympathia dos mestres, toda a rivalidade das condiscipulas e todo o orgulho dos paes.

Tornada mulher repentinamente pela morte da mãe, Mathilde, uma perfeita creança, fragil e pequenina como um vime, atrasada no seu desenvolvimento physico, tanto como precocemente desenvolvida intellectual e moralmente, achou-se dona de casa, senhora, amparo, conselho e alegria do pae, que a seu turno, nada lhe sabia negar.

Quando um creado lhe pedia qualquer cousa, dizia — pede á minha filha.

Quando chegava a grande faina das sementeiras, e se tratava de destinar as terras para trigos, milhos, cevadas, etc. consultava sempre a sua Mathilde como a infallivel cabeça que não pode errar, cumprindo á risca tudo o que ella lhe apresentava como seu parecer.

Á noite, recolhida a gente da lide, Mathilde

tocava ao piano e cantava com a sua voz fraquinha, mas fresca e bem timbrada, uma ou outra *romanza* que levava de Lisboa, na sua visita semanal á cidade.

E o pae ouvia-a, ouvia-a em doce recolhimento, em terna contemplação, e sentia-se feliz quando ella se lhe vinha um momento sentar aos pés, sorrindo e perguntando:

— Pae, qual das minhas musicas é mais bonita? De qual gosta mais? Quero saber para a estudar melhor e para trazer mais no mesmo genero.

E depois, beijava-lhe muito as mãos e chamava-lhe tres vezes com enthusiastica ternura — o melhor dos paes!

Nesta monotonia se tinham passado dez annos. André, continuava rijo e forte, na sua rude vida de lavrador.

Aquella organização robusta e sã, não conhecia cansaço. Levantava-se ao alvorecer, ia para o campo vigiar a sua gente e, quando á hora do almoço, encontrava a figura esbelta e franzina da filha, muito fresca e muito delicadinha no seu claro vestido de chita azul, exclamava do fundo d'alma: — Que feliz eu sou, em ter uma filha assim, tão linda, tão boa e tão assisada!

Então admirava a boa ordem em que tinha tudo — a cozinha que tambem dirigia; o acejo deslumbrante da mesa; o bom gosto do ramallete cortado de fresco e variado dia por dia; o esmero e a simplicidade da sua *toilette*; a suavidade do seu

perfume favorito; e depois a delicadesa dos seus dedinhos brancos e afilados, como os de uma estatua de cêra.

E foram estes tambem, sem duvida, os melhores annos da vida de Mathilde: estes em que a consciencia tranquilla e candida lhe dava o somno dos innocentes e um grande amor pelo trabalho e pela vida!

Era no verão, quando, uma tarde, quasi ao sol posto, Mathilde e as raparigas do campo que tinham trabalhado durante o dia, sentiram para alem do portão da quinta, passar um grande tropel de cavallos que rapidamente avançavam, envolvendo os cavalleiros em enormes nuvens de pó.

Eram uns trinta, e ao longe pareciam mais de cincoenta pelo barulho e confusão que os rodeava.

— É a cavallaria — affirmava uma rapariga satisfeita de ir ver passar as espadas reluzentes e as charlateiras douradas sobre os hombros fortes e bellos d'algum bravo militar.

— É uma caçada real — tornou-lhe outra sorrindo e correndo a abrir o portão por onde todas se precipitaram á estrada, a ver passar a estrepitosa cavalgada, dizendo a um tempo: — Vamos ver!

Entretanto os cavalleiros avançavam sempre.

Já se viam agora claramente os vultos de dez ou doze em primeiro lugar, rindo, conversando, airoso e elegantísimos no seu traje de caça.

Depois, os restantes, mais atrasados, mais sisudos e menos á vontade; eram os creados nas suas vistosas librés, trazendo presa ás sellas a caça, fructo do divertimento de tres bellos dias de correrias e folguedo.

Entre os primeiros o primeiro, distincto e elegante como a mais bella gravura, vinha aquelle junto de quem todos se curvavam ao fallar, aquelle que com o olhar commandava, com os labios sorria, com o seu porte inconfundível e com todo o seu aspecto de superioridade incontestavel e incontestada, parecia um príncipe dos contos das mil e uma noites.

Vinham rapidos como setas, porém, ao ver o gracioso grupo de raparigas que os esperava, com um galhardo sorrir de curiosidade e sympathia, os cavalleiros affrouxaram a carreira e ao passarem junto do portão onde ellas se tinham postado quasi em «posição de sentido», sorriram-lhes familiarmente e disseram-lhes mesmo umas amigaveis — boas noutes — descobrindo-se, com uma talvez exaggerada cortezia.

A cavalgada passava. Havia mais de cinco minutos que ella se tinha sumido além, na estrada.

As raparigas tinham-se recolhido e só Mathilde ali ficara ábsorta, calada, junto do muro.

muito pallida e muito triste, n'uma vaga tristeza que ella nunca sentira e num completo alheamento do mundo, de tudo o que a cercava.

Assim ficou longo tempo, até que o padre cura passando, lhe chegou ao pé e dando-lhe uma palmada no hombro, familiarmente, lhe disse, num tom reprehensivo: — Olé! As raparigas bonitas não se querem sósinhas ao portão da quinta, quando a lua já acolá vem a apparecer!

— Ah! senhor padre, eu não tenho medo. Não o tenha tambem por mim. Todos me respeitam aqui e todos me estimam.

— Embora — tornou-lhe já a caminho, o cura — o teu logar a esta hora não é ahi. É em casa, a cuidar da ceia do teu pae e dos teus creados.

— Senhor padre — tornou-lhe Mathilde num leve embespinhamento de quem se vê tutelada sem o pedir — eu já tenho vinte e sete annos; estou uma velha e sei o que faço!

— Deus te guarde, rapariga, Deus te guarde!

— Como até aqui — respondeu-lhe Mathilde, que apezar da revolta com que acceitou a admoestação, se recolheu immediatamente, dando ella propria toda a volta ao pesado chavão da porta, que de ordinario costumava mandar fechar, pela mão calosa dum creado da quinta.

... E á noute, naquelle seu pequeno quarto a que ella tanto queria pela elegancia lisboeta com que o mobilara a seu gosto, Mathilde despidendo-se lentamente, dizia comsigo: — Quem seria

aquelle homem tão fino, tão distincto, tão elegante, tão differentes dos outros? Quem seria? D'onde vinha? E... tornarei a vel-o?...

A noite correu-lhe a principio numa insomnia má, de tristes ideias e negros presentimentos. Depois, a sua natureza, ou antes a segunda natureza do habito, dêixára que um somno bemfazejo e tranquillo, viesse fechar as palpebras da pobre rapariga.

A semana decorrera na costumada monotonia. Mathilde acabou por não pensar mais no formoso caçador.

A vida corria-lhe outra vez boa e feliz. O *prince charmant* não tinha voltado a perturbar-lhe os sonhos e a doce paz da consciencia.

Um julho ardente, com as suas borboletas brancas a pousar nas flôres do campo, com as suas noutes luarengas e formosas, vinha dar á alma de Mathilde um pouco da alegria e da animação que a si propria pedia para entreter o pobre pae. Nada lhe faltava. Era por assim dizer, rainha e senhora naquelle pequeno reino — a casa paterna.

Gosava duma illimitada liberdade, porque tinha a illimitada confiança do pae, a que ella galhardamente correspondera sempre. Ia, vinha, sahia á cidade, tinha algumas amigas onde se de-

morava dias, sósinha, e na frente do pae, jámais passára uma sombra, uma dúvida, uma desconfiança que de leve magoasse Mathilde creada assim, duma altivez espantosa, profundamente convicta, ella propria como o pae, de que era — impeccavel!

De facto ella fôra sempre não só impeccavel mas — inatacavel.

Quando os paes começavam a ver as filhas namoradeiras e malucas logo que chegavam aos quinze annos, costumavam dizer: — Se tu me fosses assisada e seria como a filha do André Miguel!

E o pae ao fallarem-lhe na seriedade, no juizo da filha, sorria com um santo orgulho e dizia apontando em direcção á casa onde devia estar o seu idolo: — É verdade, é! Aquillo é a perola das raparigas! E olhem que lhe não falta a liberdade; não, senhores! Não foram os conselhos e a educação que a fizeram seria. É mesmo assim. Foi sempre assim!

E esfregava as mãos de contentamento, mais feliz, mais alegre, que quando nos seus vastos campos verificava que o anno lhe ia deixar grosso dinheiro de ganho!

Mas... o caçador voltára. Agora, recolhia tarde; cada vez mais tarde e menos acompanhado. Pode dizer-se que todas as semanas passava re-

gularmente uma vez e sempre á mesma hora tardia, quando a lua começava a pratear a estrada dando á cavalgada um aspecto romanesco e poetico.

E affrouxava o passo mais e mais, ao chegar ás proximidades da grande porta da quinta onde Mathilde a seu turno não deixava de o esperar infallivelmente.

Elle, passava e saudava-a com o seu mais gentil cumprimento.

Ella correspondia-lhe com um affectuoso sorriso e num *savoir faire* que denunciava a pobre lisboeta transplantada aquellas rudes serras e montanhas.

E elle sabia tudo isso já. Tudo o interessava e tudo indagára.

Sabia que ella era a filha do André Miguel, a fada daquelles sitios; da sua bondade, da sua ternura para com o pae; da sua educação ésmorada e da solidão da sua vida triste, sem companheiras, sem mãe. Ella, por seu turno, nada sabia, senão que elle era bello como um principe encantado; que tinha uns olhos azues muito escuros, que a miravam com uma extranha insistencia; uns cabellos ondeados e louros, que mostrava nos seus cumprimentos muito longos e profundos.

E um secreto instincto lhe affirmava: — É muito rico e muito nobre, duma alta nobreza quasi de rei!

As linguas do povo são más.

André Miguel tinha invejosos. Invejavam-lhe a fortuna, a fama de honradez e a filha, como ninguém tinha por ali, educada, bonita e séria, a perola das raparigas, como dizia sem favor o cura, apesar da extranha antipathia que sempre existira entre elle e a filha do lavrador.

Á bocca pequena começou-se a dizer que a filha de André se deixára enfeitiçar, finalmente . . . que a deshoras esperava na estrada solitaria o formoso caçador!

Mathilde ignorava ou fingia ignorar o que della se dizia e continuava a esperar a luzente cavalgada que se lhe começava a afigurar com um quê de mysterioso, de poetico e de deslumbrante.

Esperava a pé firme, via o esbelto caçador, saudava-o, sorria-lhe com um sorriso agora triste, com alguma cousa da tristeza do outomno que se aproximava, e o seu sorriso quasi lhe dizia:— O inverno aproxima-se . . . não nos tornaremos a vêr.

Pela sua parte, elle pensava tambem nisso. O inverno viria. Então, como caçar? Como esperar encontrar Mathilde ali firme no seu posto? E a chuva? E o vento? E o frio? . . .

Alem do que, era já tempo de mais . . . e elle queria absolutamente falar-lhe.

Foi por isso que ella um dia o viu apaar-se, entregar o cavallo a um creado que se descobriu e inclinou respeitosaente diante d'elle a receber

as redeas e avançar, muito resolutu e muito desembaraçado para ella, sorrindo e dizendo-lhe: — Queria agua, minha senhora, e offereço-lhe ensejo de tornar-se a minha formosa Rebecca... Venho pedir agua.

Mathilde, muito confusa e sentindo-se córar violentamente, bateu as palmas chamando um creado, que dentro em pouco voltava com um copo de agua fresca, limpida em que ella pegou, para que das suas proprias mãos passasse ás d'elle.

Depois, com um bom humor, com uma despreocupação pouco natural, quando elle acabou de beber, perguntou-lhe: — É necessario dar de beber aos seus camellos?... Para que a semelhança seja completa, meu senhor, tenho pelo menos que dar de beber aos seus cavallo.

— Obrigado, minha senhora, mas não estamos longe. Só eu não tive coragem para soffrer a sêde! Elles não precisam incommodal-a.

Depois, como a sua gente já fosse um pouco longe e na estrada se não visse mais ninguem, elle deixou-lhe rapidamente nas mãos um pequeno bilhete, que puzera no punho da camisa, e retirou-se depressa, um pouco nervoso, olhando-a uma ultima vez com os seus olhos penetrantes, azues, expressivos e intelligentes.

Mathilde ficou com o bilhete nas mãos, correspondendo aos últimos adeuses que já na curva da estrada elle lhe dizia.

Depois, abriu-o, e, á luz da lua cheia que a envolvia toda num reflexo de prata, leu: — Amanhã ás duas horas da tarde, espero-a num trem fechado na estação do Rocio. Preciso falar-lhe livremente. Nada receie de indiscreto ou descortez da minha parte. — E assignava — Gerardo de Farley.

Uma corôa de conde, com as iniciaes G. F. encimava a carta, que Mathilde acabava de metter religiosamente no peito com uma extraordinaria commoção.

... Iria?... Não iria?... Com um medonho susto... angustioso, horrivel, acabava de descobrir que o amava louca e ardentemente; que lhe seria impossivel viver sem tornar a vê-lo; que a sua alma lhe pertencia a elle, por um extraordinario predomínio que de repente tomava sobre ella.

Foi uma noute de vigilia e de febre; foi uma tortura que ella até ahi não conhecia, essa extranha mulher que chegára aos vinte e seis annos positivamente sem saber o que era amôr!

Nunca na sua vida tinha recebido uma carta amorosa. Nunca tambem ninguem lhe falára de amôr, nem inda sonhára acordada ou dormindo, com aquellas palavras doces e suaves que alvoçam o somno das raparigas.

Começava tarde o seu tormento, mas começava desde logo com todas as peores amarguras.

O conde era um nobre, muito nobre e, demais a mais, estrangeiro.

Tinha-lhe ella notado durante a sua rapida conversa, a exaggerada accentuação dos érres e sabia agora que elle era parisiense, conhecendo mesmo o nome pelos jornaes.

Que podia ella esperar d'ali? A filha de um lavrador, embora honrado, podia lá esperar, pensar sequer, em ser a condessa de Farley?

E a pobre Mathilde passou uma noute horrivel, uma noute de agonia, dizendo a si mesma que não iria; que suffocaria em si aquelle amôr impossivel; que morreria antes do que dar um tal desgosto ao pae!...

Mas a manhã avançava. Tão pallida como os alvos lençoes de linho da sua pequena camita, não tinha, ella, a costumada pressa de se levantar.

Deitada, pensava mais e melhor.

... Afinal o melhor era ir. Expôr-lhe-ia a sua vida, dir-lhe-ia que série de impossiveis os separava e por fim... pedir-lhe-ia com lagrimas que não voltasse; que da sua parte a ajudasse tambem a seguir o bom caminho.

Elle que era um nobre, fizesse essa nobre acção.

Era melhor ir.

Que afinal, nem a carta admittia duvidas. O

conde habituado a *mandar*, mandava mesmo sem querer. Não lhe perguntára *se queria ir?* Não viria mesmo receber a resposta, . . . não? Gerardo dizia-lhe: — espero-a — e não admittia sequer a possibilidade de ella lhe faltar! . . .

E ella não faltou. Foi! E desde o primeiro dia em que lhe falou, a altiva mulher, a soberana rainha da sua grande casa, aquella que a ninguem soffria uma replica ou uma recusa . . . tornou-se a escrava voluntaria do conde!

Às duas horas precisas, com uma pontualidade quasi servil, Mathilde estava no ponto marcado, onde o conde a esperava na sua carruagem, muito enluvado, muito cerimonioso e mil vezes mais encantador ainda nesse traje de etiqueta, que quando ella o vira como caçador.

Qualquer mulher habituada á sociedade e ao mundo, teria comprehendido logo talvez, só ao simples exame daquella *toilette recherchée*, que esse homem estonteadoramente bello, brilhantemente nobre e elegante e tambem profundamente convicto de todas estas suas qualidades, não era o que uma mulher deve procurar para a tornar feliz.

O culto que dava á sua propria pessoa, não lhe deixaria o tempo de occupar-se de mais nada e de mais ninguem.

Nelle tudo era estudado, desde o nó da gravata até ao bico do sapato de polimento; desde a maneira de passar os dedos negligentemente pe-

los vastísimos e graciosos anneis do cabello louro, até á grave magestade do andar vagaroso.

Nelle tudo era estudo — o andar, o sorriso, os gestos, e por ventura o amôr!...

E Mathilde era a mulher simples, por feitio e por habito, que não sabia o que era fingir, extraordinaria rapariga, que talvez não soubesse bem ao certo de que côr tinha os olhos, que medidas tinham o seu pequeno espartilho e os seus sapatitos de verão!

O conde com a sua elegancia, com o seu luxo e com as suas maneiras, deslumbrára-a, endoudecera-a por completo e, desde o primeiro dia que disposera della como de objecto seu, como de cousa que inteiramente lhe pertencia, sem contestação.

Recebera-a no trem com um sorriso de amante e ao mesmo tempo com um olhar de senhór.

Ella dissera-lhe commovida, porventura lançando um olhar de saudade á conducta de outr'ora:

— Estive quasi a não vir! Por fim, achei que era melhor vir; tinha que dizer-lhe, e não poderia fazel-o de outra fórma.

— Qual não vir?... Minha querida Mathilde!... Mas eu sabia que vinha. Que havia por força de vir!

Ella olhava-o admirada, completamente dominada.

A carruagem com o seu rodar muito suave, no trote largo dos magnificos *horse* que a tiravam,

cheia de almofadas e com as cortinas de seda cerradas aos olhos curiosos, levava rapidamente aquella desditosa mulher, a caminho da desgraça.

Elle pegava-lhe nas mãos e não a deixava propositadamente entregar-se á meditação em que ella parecia cahir. A sua experiencia dizia-lhe que não era bom deixar que o espirito della voejasse longe d'ali.

Então para não a amedrontar, fazia-se muito alegre, elle, muito creança, duma completa despreoccupação, como que a não dar áquelle facto duma primeira entrevista, uma importancia exaggerada.

Tinha descalçado as luvas brancas, tinha-as pousado com o chapéu sobre o banco da frente e falava a Mathilde sobre cousas sem valor!...

O tempo tão lindo, havendo só a lastimar o grande calor pesado daquelle dia de outomno... As caçadas que tinham agora de acabar, o que era pena, pois que eram o seu divertimento favorito...

Mathilde conchegava-se pequenina a um canto do trem.

De vez em quando, levantava uma ponta da cortina e abaixava-a sorrindo já, contente com a attitude do conde.

Afinal, elle queria só falar com ella, e a familiaridade ia crescendo rapidamente entre os dois, como se ambos tivessem já uma larga convivencia de muitos mezes.

Dentro em pouco, já ella se sorria e tirava tambem as luvas.

Começava a *viver* ali.

A figura amiga e serena, mas terrivelmente prosaica, de André Miguel, começava a desaparecer da mente da filha.

.....

O trem, de repente, estacou diante d'uma porta, e Gerardo sem a menor hesitação, com um desembaraço de quem não duvida, disse alegremente: — Estamos chegados.

Mathilde córando, abriu seus grandes olhos admirados e exclamou:

— Mas aonde, meu Deus?

— Mas... a nossa casa, querida.

E agil, desceu do trem, indo receber a mão d'ella, que não pôde ainda recusar-se a obedecer áquelle olhar que tão extranhamente se lhe impunha mais uma vez!

— Que faço eu, meu Deus! — tinha dito, atirando-se, por assim dizer, para a porta que a esperava aberta e junto á qual o trem quasi se tinha encostado para que ninguem a visse descer.

A pobre rapariga, na sua pouca pratica do mundo, e na completa ignorancia da vida, caminhava de olhos fechados para a sua perda, num deslumbramento que, por tão tardio, mais doloroso era ainda!

Perdera a vaga, a feliz inconsciencia dos dezoito annos... mas não ganhára a salutar previdencia dos seus vinte e sete!

Tinha vivido sempre só. Não vira o mundo. Não sabia de todo o que era a vida!

Transplantada aos quinze annos, para fóra do meio onde o pae a mandára educar, tinha conservado um pouco os seus habitos de lisboeta; tinha mesmo cultivado as prendas de educação e illustração que adquirira no collegio. Mas, desde os quinze annos, vivia entre a gente simples da aldeia, sem sociedade, sem ninguem, entre a profunda veneração dum pae que a adorava e a humildade dos servos, que a chamavam — a nossa santa senhora.

A porta fechára-se rapidamente. Dir-se-ia que cederá a uma mola occulta. E ella achou-se só com Gerardo, que parecia não perceber a terrivel angustia que ia na alma da pobre rapariga.

—Vamos ver a nossa casa — dizia-lhe no mesmo tom jovial e mettendo o braço pelo della. — Veja. Arranjei por agora este refugio aos olhares dos curiosos; e eis aqui como nós poderemos passar juntos umas deliciosas horas, sem que nada do que vae lá fóra nos venha incommodar. Diga-me, gosta de flôres? Tive o cuidado de as mandar vir hoje de manhã... mas não sei onde o meu creado as pôz... procuremol-as... E Gerardo caminhava sempre prazenteiro, superficial

e alegre, e arrastava consigo Mathilde deslumbrada, dominada, sem forças para resistir a nada do que lhe impunham os olhos dominadores do conde.

Se lhe perguntassem nessa hora se era feliz... por certo que a triste diria — não! — e a sua consciencia tão limpida, tão pura, como as aguas que corriam nos rios da sua aldeia, dir-lhe-ia ainda — o pae, o pae, o pae!

Mas se lhe perguntassem tambem se queria ver de repente cessar aquelle sonho, se queria achar-se na rua, livre para voltar a casa sem que Gerardo lh'o impedisse, teria tambem respondido bem alto o seu coração de mulher doidamente apaixonada — não!

Gerardo, comtudo, continuava na sua tactica de seducção pela confiança.

Observava finalmente que ia ganhando 'assim mais e melhor terreno, que se se mostrasse ou-sado.

Sentára-se longe della e pedia-lhe licença para cerrar um pouco as janellas de ondê vinha a intensa claridade do sol, que estava realmente de queimar.

Mathilde sentia-se pouco e pouco socegar junto delle, começava a achar-se outra vez bem, a habituar-se áquella graciosa casa, muito ornada, muito alegre, muito recheada de elegancia e bom gosto, como se tinha habituado depressa ás almofadas e ao trote largo da carruagem do conde.

Tudo ali era harmoniosamente seductor. E tudo tinha um ar de elegancia e de distincção que continuava a fascinal-a.

Gerardo tirára da algibeira um leque pequeno com que se abanava lentamente, fazendo entrar o fresco ora pelo pescoço, ora por um e outro punho da manga, ora por sobre os seus formosos caracoés de cabellos louros que se agitavam revoltosos, graciosamente desgrenhados.

Olhava para Mathilde com um ar de bom rapaz, terno e respeitoso, sem ousar mesmo pedir-lhe que se sentasse no sophá, junto d'elle; de vez em quando, sorria-lhe com um sorriso bom que mostrava uma dentadura alva e certa como a mais cuidadosa coquette poderia apresentar!...

Mathilde, tirava agora o chapéu, voluntariamente, sem que ninguem lh'o pedisse, apenas por muda imposição de Gerardo talvez, e compunha com os dedos os cabellos pretos, muito sedosos e muito fartos, com uns cambiantes azulados que elle observava com attenção.

Depois sentou-se ella propria, cheia de confiança ou de inconsciencia, no mesmo sophá onde Gerardo se tinha sentado.

— Quando vamos embora, meu senhor? — perguntou-lhe fixando-o agora bem de frente.

A loucura tinha ido longe. Mathilde sentiu-se bruscamente presa nos braços trémulos do conde que lhe respondeu baixinho, mas retomando o seu tom de dominio que abandonára um momento:

— Quando tiveres vivido commigo uma hora, alheia, alheia a tudo que não seja o nosso amôr...

Eram seis horas da tarde, quando de novo a carruagem do conde parou mansinho junto da porta.

Dez minutos depois, Mathilde appareceu com um ar feliz, sem receios de arrependimento, numa completa fusão do seu sentir e da sua vida, na vida e no sentir desse encantador e esbelto homem que a acompanhava e que tão facilmente fizera della sua amante!

Não tinha agora pressa de entrar para o carro, de esconder-se!

Começava logo desde o primeiro momento a horrorosa lucta da sua franqueza. Queria apregoar pela cidade inteira o seu amôr. Queria mostrar ao mundo aquelle amante tão bello, tão perfeito, tão nobre como não havia outro!... Queria dizer a todos — deixei ha pouco a minha honra, a minha innocencia, a minha alma, nos braços do meu amôr!

Não era impudor, nem vaidade!

Era simplesmente uma manifestação do seu amôr delirante, do seu affecto doido!

Gerardo entrára com ella para o carro; e todo o trajecto até á estação onde a deixou, não se

cançou de repetir-lhe: — Amo-te muito, sim, meu amôr! É sou livre, liberrimo! Completamente livre... *um solteirão... un vieux garçon...* mas é necessario esconder do mundo e das más linguas o nosso amôr! Que necessidade temos de paten-tear ao mundo a nossa felicidade?...

Começára o inverno.

Na quinta de André Miguel já não havia o movimento e a vida, que no verão tanto distrahia o bom do lavrador.

A vida levava-a agora mais em casa, mais com a filha, para quem esta intimidade forçada era verdadeira tortura.

A sua lealdade, a sua franqueza, a sua consciencia profundamente maguada, não lhe soffriam aquellas boas caricias com que o pae continuava a apontal-a aos amigos, como a perola das raparigas!...

Muito bem sabia Mathilde, que todos murmuravam já das suas vindas quasi a deshoras, da cidade; que todos sabiam que o *conde francez* tinha dado volta ao miolo á filha do André Miguel; que á bocca pequena, diziam os paes e as raparigas: — É bem feito! Para elle não cantar tão alto! Para elle não havia crystal d'agua mais

pura que a honra da lambisgoia da filha!... Ahi tem!

Ella era como as outras!

Depois, as eternas mentiras, cuidados e azares de toda a especie; o occulto pezar da sua constante deslealdade para com o pae; o susto incessante das mil eventualidades que podiam descobri-la; aquella vida tão outra da que quadrava ao seu character leal e honrado; aquella lucta de todos os momentos comsigo propria, acabára por tornal-a triste como uma sepultura, por levar-lhe a saude e os risos da mocidade!

Nas vespervas das suas sahidias, depois de prevenir o pae que uma amiga a esperava, ou mesmo que lhe appetecia sahir no dia seguinte, uma tristeza profunda vinha envolver os seus amôres numa atmospherã de dôr.

André espreitava-a em casa, preocupado com aquella subita reviravolta, e ás vezes fallava nisso ao padre cura, com o mais apprehensivo cuidado.

— Não sei que tem a minha filha, senhor padre. Anda-me ha mais dum anno completamente transtornada! Tomára que volte o tempo da lide a ver se o trabalho a distrahe!...

— Tem cuidado, André, — volvia-lhe o padre, a cujos ouvidos chegára já o que a André Miguel ninguem se atrevia a dizer. — Andarias melhor se nunca tivessés dado tanta liberdade á filha! Ella tem juizo, é verdade! Mas... que diabo,

homem... sempre são raparigas!... Ferve-lhes o sangue nas veias e o demonio na cabeça!

Na sua inabalavel convicção da infallibilidade de Mathilde, André respondia-lhe sempre — Ah! isso não! Mesmo ella bem sabe que eu não a estorvava de casar, se ella quizesse!... Fazia-me falta, é verdade; mas emfim, eu não hei de amaral-a á minha velhice contra vontade della... Se gostasse de alguém, dizia-m'o e casavam já. Pobre que elle fosse; ella possuía com que bem se governassem os dois... e eu pedia-lhes que vivessem aqui commigo, que dessem um cantinho da sua felicidade ao pobresinho do pae.

O padre, retorquia-lhe ás vezes: — E se elle não quizesse casar?...

Então André, longe da realidade tão triste, ria abertamente duma similhante tolice!

— Se elle não quizesse casar? Que lembrança aquella do padre! Como se houvesse alguém no mundo que fosse parvo a pontos de não *querer* a sua Mathilde!... Rica, bonita, nova, educada, boa como um anjo... Ora o senhor padre queria ouvil-o... é o que era!

Entretanto a vida de Mathilde continuava no mesmo tenebroso inferno.

Bem via que corria atraz dum impossivel!

que cedo ou tarde, aquella loucura havia de ter fim.

Era um amôr sem futuro; um tormento de muitas horas, em troca duns minutos de felicidade...

O conde de Farley era um nobre estrangeiro, um diplomata de grande vulto, cuja habilidade era tão notoria e tão notada na alta roda, na côrte mesmo, como a sua primorosa belleza.

Mathilde via todos os dias nos jornaes que chegavam da cidade: — O conde de Farley passeára a cavallo na Avenida; no ultimo baile do Paço da Ajuda a Rainha tivera por par o conde de Farley; a carruagem do conde de Farley fôra a que melhor ornamentada se apresentára na batalha das flôres... Fallava-se d'elle como quasi dum principe.

Nas obras de caridade, dava generosa e largamente, tanto ou mais do que a casa real. E por sobre isto, tinha ainda o prestigio da sua belleza distincta e magestática.

Gerardo era filho unico e desde a sua infancia que a mãe, viuva aos vinte annos d'um nobilissimo e bravo militar, se entregára exclusivamente á educação e á felicidade daquelle filho, que lhe ficára dum casamento de louca paixão.

Gerardo fôra digno fructo d'um verdadeiro amôr!

Ficára orphão de pae, com um anno, mas não lhe faltou intelligente direcção nos seus estudos e verdadeira vocação.

Senhora duma grande fortuna; muito orgulhosa da sua raça e do seu nobre nome; bella, mas duma belleza glacial e serena que affastava todos os pretendentes, m.^{me} de Farley dedicou-se ao filho querido do seu unico e ardente amôr que a fatalidade tão bruscamente cortára.

Gerardo cursou brilhantemente todas as aulas, alcançando os primeiros premios e as primeiras classificações, quasi sem trabalho — sem o menor esforço, manifestando sempre uma lucida intelligencia a par duma inegalavel gentileza de maneiras.

Mais tarde, seguia a carreira diplomatica, dando a sua mãe o grande desgosto de affastar-se do lar, durante annos consecutivos, no cumprimento das mais elevadas funcções que dentro em pouco o governo lhe entregava.

Havia dois annos agora que elle residia em Lisboa, e sua mãe não se cançava de repetir-lhe em longas cartas que a ausencia era já immensa, que viesse vê-la, que estava velha, que viesse, emfim, passar ao menos dois mezes de tranquillidade no solar onde tinha vivido e morrido o seu nobre e adorado pae...

Mas Gerardo encontrava em Lisboa o galhardo acolhimento que ella faz aos estrangeiros.

Gerardo, estrangeiro e illustre entre os illustres, achava em Lisboa tudo o que a sua ambição podia sonhar!

Tal era, em duas palavras, o amante de Ma-

thilde. Que tinha ella, pois, que pudesse fazer-lhe conceber uma esperanza?

As entrevistas continuavam regularmente. Havia quasi dois annos, que Mathilde vivia aquella vida *transitoria*, como ella lhe chamava, porque a pobre rapariga, teimava em querer convencer-se que aquelle estado de cousas havia um dia de modificar-se... Como?

Isso é que não sabia.

Entretanto, illudia-se a si própria, miseravelmente; procedia comsigo mesma como com o pae. Mentia, mentia, mentia!

Em redor da sua vida, manchando-lhe os esplendrosos amores, havia um charco de lama!

Gerardo continuava encantador.

Cercava-a de todos os disvelos e cuidados dum grande amôr cheio de carinho.

Nunca faltava á hora marcada. Logo que Mathilde sahia da estação, do comboio via immediatamente a carruagem do conde chegar-se pressurosa a recebê-la, como no primeiro dia.

Mas... o instincto admiravel de toda a mu-

lher que ama, começava a revelar-lhe que o affecto do conde pouco a pouco se ia modificando.

A realidade era dura, mas impunha-se ! Agora Gerardo, já se não esquecia longas horas junto della.

Já era elle quem olhava para o relógio, com receio de que ella faltasse ao comboio.

Outras vezes, lastimava-se do fundo d'alma, cobria-a de beijos, mas prevenia-a de que o ministro tal o esperava para uma conferencia importantissima a que não podia faltar ! Era preciso que se separassem um tudo-nada mais cedo...

Então sentia ella bem que o amor do conde, tinha agora um pouco de similhaça com o dó, talvez !

Elle não podia fingir, fingir tão bem, que illudisse o instincto daquella mulher, que, de dia para dia, se lhe prendia mais e mais ! Ai, a sua quietação de outr'ora ! A paz da consciencia ! A vida de raparigã honesta ! Como ella volvia agora um olhar de saudade, para esses dias de serena felicidade!...

O amor de Gerardo arrefecera, sem duvida !... Ella, porém, continuava a adorar-o, a vêr nelle o seu deus, o seu sol, o seu amor, emfim.

Então naquella miseravel vida, tão cheia já de amarguras, de atribulações e de cuidados, começou a haver tambem um terrivel pesadelo : — o amor de Gerardo arrefecera !... Meu Deus, que fazer para conservar esse amor que era hoje toda

a luz dos seus olhos, toda a alegria da sua vida no mundo?!!

Fazia-se *coquette* a desgraçada, tão contra o seu feitio, tão contra o seu character e tão contra o seu habito!

Enchia-se de rendas e laços; escolhia um pouco a posição de apertar ao espelho o collete; estudava as vantagens das perfeições que possuía; soltava de proposito as madeixas pretas, para que lhe emoldurassem bem o oval do rosto pallido, com umas olheiras fundas, cançadas, que esta dura penitencia mais fazia cavar!

Era um *tour de force* a sua vida!

Queria por todas as fórmas, reapoderar-se daquelle amôr que lhe fugia! E quanto mais se debatia naquelle ardente desejo, mais o desanimo, a funda magua que a adoecia e os cuidados que a angustiavam, affastavam della quem porventura lhe impunha mais que tudo, a obrigação de ser bella, sã, alegre e fresca, tal como elle a appetecera e a tivera naquella memoravel tarde de outono, pela primeira vez.

A par disto, notava tambem no seu regresso de Lisboa, que quem a via já não lhe falava; que as raparigas da vizinhança sorriam em rancho, quando a viam regressar coberta de pó e de carvão da machina do comboio, manchando-lhe, no inverno, as pennas brancas ao marabú do pescoço, no verão, a gaze e as flôres do seu elegante chapéu de palha claro.

Os lavradores, nem levavam a mão ao chapéu, se ella passava!

E o padre cura, inflammado numa beatifica indignação, dissera já a André Miguel, que, em vez dos passeios longos e demorados em que Mathilde gastava o tempo em Lisboa, seria muito mais conveniente fazel-a, como d'antes, olhar pela casa e ao domingo ouvir a missa que manda a religião!

A pobre pagava bem caro o seu desvario!... Que humilhações soando como tiros ao seu deliado coração!

Mas era preciso que Gerardo o não soubesse! Para quê? Aborrecer-se-ia ainda mais depressa se ella lhe fosse contar aquellas miserias!

Mentir, mentir, mentir! Sempre mentir!...

Distrahil-o... Bem sabia que era isso o que elle della queria — umas horas deliciosas de amôr!...

Quanto a entrar na sua vida intimamente; quanto a compartilhar-lhe os males e as dores... isso, nunca!

De cada vez que ella tentára começar a fallar-lhe na sua insustentavel situação, arrependera-se sempre.

Gerardo acolhia mal todas as queixas.

Se lhe dizia, referindo-se ás humilhações, aos desgostos soffridos: — A minha vida é um inferno! Elle respondia-lhe immediatamente, offendido: — Sou eu então que te faço assim a vida?

Mathilde fallava num quasi involuntario desafogo... As lagrimas, tinha deixado de choral-as; evitava por todas as fórmas o suave e eterno allivio dos grandes desgostos.

Junto de Gerardo elle poderia acreditar que as lagrimas eram fingidas!.. Ella havia já lido algures, numa cruel asserção dum escriptor notavel — que as mulheres choram e riem quando querem — Gerardo podia ser desse parecer...

Longe de Gerardo não chorava tambem, não queria chorar, porque o chorar lhe fazia umas profundas olheiras, negras e inchadas, que poderiam durar até á primeira entrevista.

Não as chorava mas ellas cahiam-lhe, por assim dizer dentro do peito, ardentes, amargas, pesadas e mortíferas.

Evidentemente — era elle quem lhe fazia da vida um inferno!

Mas como continuar a dolorosa narração dos seus soffrimentos, se elle á primeira palavra a fizera adivinhar de que modo remediaría o mal?

Começou então a germinar no animo della um grande desejo de morte — morte, morte! — Como a chamava apaixonadamente evocando ao mesmo tempo a alma da sua mãe!

Que a mãe a levasse! Que a viesse buscar sem grande soffrimento para o pé de si; mas já... emquanto ella ainda era formosa; emquanto de todo se não 'extinguisse o amôr de Gerardo!

Queria que elle a chorasse, que a visse partir

fresca ainda e bonita... que tivesse saudades do seu pequenino peito avelludado e pallido; das suas mãos brancas e afiladas, que tão bem sabiam acariciar-lhe os ondados cabellos louros!

Mas a mãe não a ouvia. A pobre continuava sempre na mesma vida arrastada entre as mil misérias e mentiras de que se cercára.

Um dia dissera a Gerardo que seria melhor para elle e para ella acabar com aquella situação duvidosa.

Não lhe fallava já em casamento, a triste! Apenas lhe pedia que a deixasse ficar ali, no seu ninho de amôr; viver para elle só; esperal-o dia a dia, num suave recolhimento, abandonar tudo, esquecer tudo o que não fosse o seu grande amôr!...

— De que servia ella em casa, agora que a felicidade do pae éra illusoria e que tinha de viver n'um lodaçal de mentira?

O conde respondeu-lhe friamente: — Não penses nisso. Que loucura! Deixar a casa de teu pae... Um escandalo! Quando de mais a mais podermos ver-nos como temos feito até aqui.

Ella callára-se. Compreendera que Gerardo nem para amante certa a queria, que não desejava sacrificar-lhe nem um pouco, pouquissimo, da sua liberdade de rapaz; nem ver o seu nome envolvido numa aventura com ella talvez, porque não era nobre.

E sancionando a sua terrivel sentença, elle

repetia ainda: — Eu quero lá dar-te uma posição falsa, dessa maneira?! Não quero que fallem de ti; não quero para ti posições dubias e falsas!... Assim, ninguem o sabe, ninguem o commenta; não damos escandalo. Guarda-se o maior segredo e tu podes conservar a tua posição.

Era uma troça? Era um escarneo?... Não!... era simplesmente o egoismo do solteirão a fallar pela boca adorada daquelle homem por quem ella daria tudo no mundo.

Em resumo — não queria — era quanto Mathilde podia comprehender por aquellas duras palavras, douradas pelo mais falso e ridiculo zelo pela sua honra de mulher! — A sua honra de mulher! A sua felicidade! A sua reputação! Como se tudo isto não estivesse já irremediavelmente compromettido, ou como se elle, com um pouco do seu amôr, com duas boas palavras e dois beijos que lhe fosse levar ao seu refugio, não pudesse compensar-lhe tudo o que ella perdia!

E no meio desta amargura, mais a doce lembrança do pae a torturava.

O pae com a sua obstinada confiança, a bondade sem limites, o dedicado e carinhoso cuidado de todas as horas!

Só elle lhe podia fazer hesitar um momento sobre tão arrojada resolução!

Era justamente nelle que Gerardo não fallára!

A roda da fortuna começára pois a desandar de vez para a pobre Mathilde; e quando ella começa, raras vezes se cança!

As raparigas visinhas, os lavradores, o padre e até os creados que dantes tanto a amavam e respeitavam, tinham passado já do murmúrio ás ameaças!

Bastas vezes lhe succedia entrar na cosinha e ninguem se levantar á sua presença; dar uma ordem, ser-lhe respondido — lá irei em acabando de comer; — e medirem-na dos pés á cabeça, com um olhar impregnado de insolencia, para ver o effeito, gozar da humilhação por que faziam passar aquella que dantes era a rainha *absoluta* a quem ninguem se atrevia a desobedecer!

Uma tarde, á ceia, Mathilde encontrou André Miguel taciturno, triste, duma tristeza sinistra, com um brilho desusado e torvo no olhar carregado.

As mãos tremiam-lhe nervosas.

Comeu pouco, e quando, ao levantar da mesa, entrou como de costume na sala do piano, encarou Mathilde com sombrio gesto e, segurando-a pelos hombros, disse-lhe com voz terrível e surda:

— O senhor padre cura disse-me hoje cousas

em que eu, Deus me livre de acreditar ! Não te esqueças do que eu te digo hoje. Mathilde : se fosse verdade, tu não me estavas em casa nem mais tres dias. Encarregar-se-ia elle, como bom padre que é, e bom pastôr das suas ovelhas, de te ir levar a Lisboa a um recolhimento, onde umas portas pesadas de ferro cahiriam sobre as loucuras que te tivessem toldado o juizo !

Não dissera mais nada. Mathilde tambem lhe não perguntou o que lhe tinha dito o padre. Ella bem o sabia...

Se não tivesse uma terna piedade do pae, um grande respeito pelos seus cabellos brancos, uma verdadeira gratidão pela sua acrisolada meiguice, teria sorrido ao ver imporem-lhe a ella, que completava trinta annos, a penitencia que se impõe ás raparigas de quinze !...

Passou a mão pela testa fria e respondeu simplesmente ao pae :

— Diga ao padre cura que depois de amanhã á tarde quero fallar-lhe. Que lhe peço que venha aqui.

No dia seguinte era dia de encontrar Gerardo.

Mais cedo que o costume, para que não a espiassem e surprehendessem, vestiu-se e sahiu com

passo apressado para a estação, onde tomou um comboio anterior áquelle em que costumava partir.

Chegou a Lisboa, esperou vigilante,

Ninguem a tinha seguido.

Gastou o tempo como poudo e, á hora marcada, metteu-se no trem de Gerardo, que lhe notou logo a pallidez marmorea das faces, a sobresahir num traje de quasi rigoroso lucto que ella escolhera para aquella derradeira e suprema entrevista.

Pelo caminho, ella dizia-lhe sempre:— Em casa te direi!

Chegados ali, sem rodeios nem hesitações, Mathilde atirou-lhe com estas palavras:

— O pae descobriu tudo. Sabe tudo. Disse-lh'o o padre hontem de manhã. Agora, quer-me fazer entrar num recolhimento, visto que não posso pensar em remediar d'outra fórma a minha loucura!

Gerardo, fez-se branco, pallido como um espectro, de commoção ou de cólera... uma cólera surda, que não se sabia bem onde e sobre quem poderia recahir.

Depois, passeando pelo quarto a largos passos, começou na difficil tarefa de convencer a desgraçada...

— Era melhor, então, entrar para o recolhimento. Fazer a vontade ao pae. Evitar o escandalo, sobretudo... e depois... elle, Gerardo, não a esqueceria... e atraz do tempo, tempo viria...

O conde usava para com ella, «a sua alta diplomacia!» Esperava lagrimas, soluços, queixas, como das outras vezes em que se manifestára pelo que elle chamava — a sua prudencia!

Mas ella estava farta de tanto soffrer. E tinha tambem a certeza da inutilidade de taes argumentos.

O conde ficou surprehendido, quando ella de olhos enxutos, muito firme e muita serena, lhe respondeu:

— Adeus, então, meu amigo. Lembra-te sempre de que foste o meu primeiro e o meu ultimo amôr!

E sem esperar pela hora, com o passo oscilante e vagoroso duma sombra, sahiu, deixando o conde perplexo, admirado, sem saber o que pensar daquella mulher que se lhe apresentava tão outra do que elle a tinha sempre visto durante os três annos das suas longas e amorosas entrevistas!...

Emfim, deixou-se cahir um momento sobre o sophá, com a cabeça nas mãos, a sentir as pulsações rapidas do coração, que lhe fazia mandar uma saudade, a seu pesar, talvez, áquella doce e terna companheira que elle não quizera para si.

É que Mathilde ia na verdade formosa e imponente, na simplicidade da sua dôr!

Mas Gerardo era um egoista... primeiro que tudo, um egoista. E o coração tinha-se-lhe embo-

tado nas mil extravagancias da sua longa vida de rapaz.

Às seis horas, como de costume, o trem parou á porta.

Recebeu só Gerardo, que, antes de subir, disse seccamente ao cocheiro :

— Has de indagar a hora do comboio expresso desta noute para Paris.

E á noute partiu de facto, a passar junto da mãe os desejados dois mezes de ha tanto pedidos.

Passados elles, voltaria tranquillo!...

Sim!... Dois mezes, era mais que sufficiente para esquecer a filha dum lavrador!...

Entretanto, Mathilde regressára a casa. O pae viu-a voltar mais cedo que o costume, mas nada lhe disse. Esperava della uma explicação espontanea, que por certo o havia de tirar daquella tortura.

Ella, porém, não fallava. Caminhava numa completa abstracção. Ao jantar não provou um unico prato e á tarde recolheu-se ás oito horas, muito cançada, muito fatigada, depois de ter beijado a mão ao pae, que não teve coragem de recusar-lh'a.

No outro dia de manhã, acercou-se d'elle, com a mesma terna brandura, com uma indizível mei-

guice e disse-lhe lentamente, com uma voz firme mas soberanamente fatigada:

— Pae, diga ao padre cura que venha antes amanhã e que seja para me acompanhar ao recolhimento de... onde a toda a hora me recebem. O que elle lhe disse é verdade. E' preciso que eu me vá embora. Mas é preciso tambem que antes d'ir, em troca da minha voluntaria obediencia, eu leve uma promessa sua, sagrada e eterna!

Vinte annos de doenças, de trabalhos, de desgostos, não teriam transtornado a phisionomia do velho como aquellas incriveis palavras que a filha lhe ia dizendo com a sua voz triste, suave e cantante.

Por fim, quando ella terminou, elle quasi louco, perdido, morto de desespero, rompeu num choro convulso, onde apenas se ouvia:

— Pois é verdade? Pois tu enganaste-me assim, filha? O' filha da minha alma, como hei de eu viver sem ti e como hei de eu viver contigo! Perdeste-te e perdeste-me! Todos me apontarão a dedo se não partes! Ninguem me trará consolação se te vaes!... Que desgraça, meu Deus, que grande desgraça!...

Já ali não estava o pae terrivel e rispido da vespera! André Miguel, cedera á sua terna amizade pela filha!

Ainda hontem rugia, o pobre leão!... Hoje cahia por terra, ao sopro dum beijo daquella filha deshonrada, mas terna e boa atravez de tudo!

Mathilde tinha ajoelhado perto d'elle e deixava passar aquella terrivel e primeira crise de pranto, para lhe formular o seu ultimo pedido.

Por fim, seccando-lhe os olhos com o lenço, disse-lhe :

— Mas então não é isto o que o pae quer? Não é isto o que me disse hontem? Que, se fosse verdade, era preciso que eu partisse?...

Sim! Era verdade... Elle tinha dito isso. E desejava-o; e queria-o. Era mesmo a unica maneira d'elle poder apparecer de cara levantada... Mas era tão doloroso!...

— Vamos — tornava-lhe Mathilde, corajosa — eu vou. Já prometti, e eu propria quero ir, meu pae. Bem vê que eu propria fui pedir pousada, fallar na minha reclusão ao recolhimento onde me esperam amanhã. Eu quero ir, mas tambem quero de si a promessa solemne de que, em troca do meu sacrificio, nada, nada acontecerá ao conde de Farley! Que de mim ou dos meus nunca lhe virá mal. Que nunca sobre elle exercerá o seu direito de vingança! Jure pela alma da mãe! Jure, e eu partirei quasi feliz!

.....
Como se vê, a rapariga occultava-lhe que antes da sua decisão de entrar no recolhimento, fôra repellida pelo conde na sua generosa e apaixonada proposta de fuga.

Mentia uma ultima vez, fazendo crer ao pae que cedia unicamente á necessidade de obedecer-lhe.

Tinha duas razões para proceder assim. Primeiro, o seu immorredouro amor pelo conde, cuja vida, cuja felicidade ella queria proteger como um anjo da guarda que do ceu o velasse...

Depois, o profundo conhecimento que tinha do character do pae para quem o facto de se fallar no *rigor da sua intolerancia, na força da sua imposição*, poderia consolar um pouco na sua amarissima dôr.

Deixava-o acreditar que *mandára*, quando realmente continuava a ser ella, sempre ella quem mandava.

Impuzera-lhe, por assim dizer, ella própria aquella ordem que ia de encontro aos seus desejos, fazendo-lhe crer que *obedecia*.

.....
As cinco horas batiam pesadas, no relógio da sala, quando assomou á porta o vulto negro e funebre do padre. Mathilde estava de joelhos junto do pae, que acabava de se comprometter á jura que ella lhe pedia.

A rapariga voltou-se para traz e, ao ver o cura, franziu ligeiramente o sobr'olho e levantou-se immediatamente d'aquella posição de humildade que dava a seu pae, mas que negava ao padre.

Elle entrou com os passos pesados, brutos, fazendo tremer a louça nos aparadores e os vidros nos candieiros.

Mathilde abraçou demoradamente o pae e retirou-se sem lançar, sequer, um olhar ao padre,

que involuntariamente se desviou para deixar passar a figura magestosa e serena d'aquella delicada mulher.

No dia seguinte, Mathilde partiu sem dizer mais nada ao pae, com quem tinha assentado que não se tornariam mais a ver. Para quê? Poderiam vir as fraquezas de parte a parte e realmente aquelle caminho era o unico possivel de seguir-se, o unico compativel com o bom nome honrado de André.

Assim era preciso e assim se fez.

Ao portão da quinta esperava-a um carro que, ao arrancar com furia vertiginosa sobre a estrada, se parecia tanto com o rodar suave da carruagem de Gerardo, como a figura negra e hedionda do padre se parecia com a figura gentil e graciosa do conde!

Mathilde nem sequer olhava para o padre que resmungava baixo contra a pecaminosa soberba d'aquella *ovelha desgarrada*.

Metteu-se no comboio, andou rapidamente, abriu uma janella, parecendo ter-se esquecido completamente d'elle.

E na sua negra sotaina, o padre sentia-se arder em cólera, pela nenhuma importancia que merecia áquella que se lhe tinha afigurado guiar.

Furioso, impando para acompanhar o passo rapido e desembaraçado de Mathilde, dizia consigo :

— Afinal está doida!... leva-me atraz de si como um creado ou quê?

O comboio pusera-se em movimento e ella olhava distrahida, absorta, aquellas formosas pay-sagens para que tanta vez olhara em tempos mais felizes da vida e que hoje via pela ultima vez.

De quando em quando, evocava a adorada figura do amante, do amante que nunca mais veria e por quem o seu coração apaixonado jámais deixaria de bater!

Depois, apparecia-lhe a dolorosa figura do pae e a si propria perguntava :

— Que fará elle agora, meu Deus?!

E no meio deste doloroso evocar de ideias foi que ella notou a monotona e eterna lenga-lengua, com que a voz do padre ia acompanhando o barulho do comboio.

Iam sós, num pequeno compartimento.

Ella prestou attenção e ouviu logo palavras entrecortadas em que sobresahia sempre uma evocação de *perdão para ella!* Perdão a Deus! Que a não deixasse ir para o inferno, o inferno em chammas, em chammas ardentes...

Não lhe soffria mais o animo.

Mathilde sentiu acordar em si um louco, um terrivel desejo de baldear o padre á linha, pela porta da carruagem, com a sua prodigiosa força de hysterica!...

Acordára nella a antiga energia, que a desgraça por um momento adormecera!

Com um movimento nervoso, com um gesto rapido e resolutivo, segurou o padre pelos hombros e disse-lhe muito alto:

— Que é que está para ahi a rosnar de inferno e de chammás, senhor padre? Então suppõe que eu sou um pobre diabo, sem intelligencia, fraco de espirito... que me ha de levar para onde quizer, como fez a meu pae?...

Eu vou para o recolhimento porque *quero ir*. Não é porque vocemecê metteu isso na cabeça ao pae. Se eu quizesse ficar, tinha ficado. Bem sei que ninguem me podia obrigar aos trinta annos.

— Perdoae-lhe, Senhor — tornou elle fulo; mas escondendo a raiva numa beata humildade.

— Ai, filha! que se morresses nesta hora, ias direitinha ao inferno, tão certo como estarmos aqui!

— Seu hypocrita — bradou-lhe a rapariga, convulsa — seu diabo! A ameaçar, em nome de Deus! Deus bem sabe que eu já redimi o meu erro por muitas lagrimas e muito soffrimento! Deus bem sabe que eu sou uma desgraçada e elle ama os desgraçados! Deus, se eu morresse agora, levava-me para a sua santa gloria, para ao pé de minha mãe!

Se Gerardo a visse nessa hora, energica, soberba, grande, luctando sósinha contra a desgraça que ambos tinham preparado, ter-lhe-ia

sem duvida aberto os braços, ter-lhe-ia dito: — Vem.

Mas elle a essa hora ia já muito longe, a caminho do seu Paris, onde mulheres lindas e faceis lhe fariam depressa esquecer Mathilde!...

.....
Um secreto instincto de conservação aconselhou comtudo ao padre, que andaria prudentemente, respeitando os nervos vigorosos d'aquella rapariga de trinta annos!

Moderou-se um pouco e, de ahi até Lisboa, não implorou a Deus com tal vehemencia, a salvação da alma da filha de André Miguel.

Chegaram a Lisboa e ella, saltando ligeira sobre a gare, esperou então um pouco, para que o padre tivesse tempo de descer com a sua enorme barriga.

Depois, tomaram um trem e rapidamente voaram até ás portas do recolhimento onde ella antes de entrar atirou ainda ao padre, com estas palavras cheias do mais profundo despreso:

— É verdade... antes de entrar diga-me lá se foi o seu Deus, esse da sua religião, quem lhe fez ir metter aquellas tonteiras na cabeça do pae e fazer assim a desgraça d'elle! Quero ver o que faz agora daquelle desgraçado!... Pobre pae... a quem a ignorancia teria feito feliz!

— Assim era preciso, rapariga — respondeu-lhe o padre a quem a proximidade de gente punha mais desafogado que a solidão do comboio — a

tua conducta estava dando escandalo! Mas... Deus te perdôe!

Mathilde ia a transpôr a grade que a separaria para sempre do mundo... mas volvendo-lhe ainda um olhar torvo e inflammado, respondeu-lhe:

— Olhe ao menos por meu pae! Roa-lhe a fortuna, que é o que você quer, mas trate-o bem e faça-lhe companhia!

A grade fechou-se atraz d'ella. E os seus passos pequeninos, ageis e leves como os dum passarito, mal se sentiam pousar na lagea dos longos corredores que uma irmã lhe ia fazendo atravessar.

Entre ella e o mundo, uma grade e uma eternidade!...

Quando o padre recolheu a Queluz, foi achar o velho André Miguel chorando como uma creança, soluçando com a cabeça entre as mãos e volvendo um olhar de infinita angustia para a porta do quarto que Mathilde tinha habitado.

Sentindo entrar o padre, levantou a cabeça interrogando-o anciosamente com os olhos inquietos.

— Lá ficou na Santa Casa do Senhor — replicou o cura, beatificamente — E então que é isso agora, homem?... Você bem sabe que não podia ser de outra fórma!

— Pois sim, padre! Mas é que isto da gente se separar para sempre duma filha... bóle cá dentro com uma pessoa!...

— Agora — tornava-lhe o padre — é mandar-lhe dizer muitas missas para salvação da alma; dar por sua intenção muitas esmolas, de cuja distribuição eu me encarregarei... e uma vez que a rapariga lhe assegurou que lá ficaria para sempre, empregar a sua fortuna em boas obras...

— Pois sim, sim, senhor padre, tudo o que quiser, — tornava-lhe o pobre lavrador — mas mais tarde!

Por agora deixe-me chorar, que é o que me allivia!

Decorreram mais dois mezes. André Miguel já não era o mesmo; tanto se lhe dava que a lavoura progredisse, como que deixasse de progredir! Que os milhos crescessem, como que não! Que as oliveiras se perdessem por falta de tracto, como que as vinhas precisassem de poda!...

Para que havia elle de matar o corpo com trabalho?... Para quem?...

Tinha por costume, á tarde, agora que era outra vez verão, pegar na espingarda carregada e espantar com ella um ou outro pardal que lhe vinha cantar, chilrear ao pé... quando elle já não podia ouvir cantar nem chilrear ninguem...

O padre via-o assim e não se fartava de repetir-lhe:

— Então, homem? Coração ao largo!

— Coração ao largo, para si, que não é pae, senhor cura!... É bom de dizer, mas mau de fazer!... E machinalmente encostava a bocca do cano da espingarda á cabeça ou ao peito e ficava-se largas horas a scismar!...

Cahia a tarde.

Para além do muro da quinta, sentiu-se o rumor da cavalgada de caça, do conde de Farley, que voltára e que continuava tal qual a sua vida de outr'ora.

— Por certo! Que era aquella pobre gentalha de lavrador, na brilhante carreira da sua vida?... Em Queluz caçava-se bem e é bonito aquillo,.. Porque havia de alterar o seu itinerario?... E depois, talvez tudo estivesse mais esquecido e Mathilde até em casa do pae, agora adormecido na sua vigilancia por aquelles três mezes de plena quietação...

Fosse como fosse, elle passou, e os seus cães e os seus cavalloos ladravam e relinchavam ruidosamente...

André, ergueu a cabeça!...

Numa furia louca, teve a percepção rapida do que se passava...

Veloz como um raio, correu ao portão da quinta e abriu-o de par em par.

Nesse momento preciso, Gerardo passava mesmo em frente delle, radioso, esplendido e um pouco adeantado da sua gente.

André sentiu subir-lhe á cabeça, numa onda de sangue, um lampejo da sua energia da mocidade...

Áquelle homem que passava triumphante e feliz, devia elle toda a desgraça da sua vida!...

Por elle Mathilde se perdera!... Por elle!

Por esse que ali passava e que desviou delle os olhos com uma naturalidade real, que lhe vinha do completo desconhecimento de aquelle pobre velho!...

André viu nisso ainda um novo insulto e quasi involuntariamente ia dar ao gatilho da arma...

De repente, porém, e, tão rapido como o relampago, viram-n'o pousar a espingarda no chão e mettel-a debaixo do proprio peito!

Num momento tinha-se lembrado da jura, da promessa solemne que a filha lhe arrancára ao partir para o recolhimento.

Ella cumprira. Elle tinha tambem cumprido!

A bala trespassou-o de lado a lado a elle; mas Gerardo passou incolume e desapareceu rapidamente na curva da estrada, feliz, bello e deslumbrante, como no dia em que perdera a filha do pobre lavrador!

A mãe da engeitada

Quando nascera, a pobre fôra exposta sem dó, junto á velha muralha, por uma noute tormentosa de inverno.

Começava a trilhar uma senda de espinhos desde a primeira hora de existencia, e a não ser a boa, a santa, a carinhosa creatura que lhe deu agasalho e amor, que ao encontral-a ali por um acaso, tão pequenina e tão só, fez do seu coração um sacrario para adoral-a e de seus braços um escudo para protegel-a contra a adversidade que a ameaçava, a desgraçada teria morrido de fome e de frio.

Graças porém a essa creatura santa, que para ella symbolisava a Providencia, Guida crescera, fizera-se mulher.

Da pallida, rachitica e miseravel creança, fizera-se uma robusta e formosa rapariga, que completava agora os seus risonhos vinte annos.

E o seu espirito, talvez nascido acanhado, deprimido e mal formado como o corpo, tinha sido guiado, moldado e robustecido pela razão clara e previdente da mãe.

A mãe não era só mãe para Guida.

Era também, era quasi mais ainda, a sua leal e certa fiel amiga, a conselheira do seu coração inexperiente.

Com a sua palavra illuminada e persuasiva, impondo-se-lhe suave e brandamente; com a sua voz de infinita doçura, a mãe, mais d'uma vez lhe fizera voltar á razão o espirito transviado.

Quando sentada á costura, n'um doce tête-à-tête, Margarida olhava os abundantes cabellos brancos da mãe, parecia-lhe que a alvura d'essas cãs era o reflexo d'uma alma sem paixões, d'uma longa vida sem mácula.

Quando ella fallava, Guida escutava-a como se ouvisse fallar-lhe Deus, por aquella bocca pura, immaculada; e venerava-a, respeitava-a, adorava-a, como se venera, respeita e adora uma santa num altar, sentindo um grande, um infinito orgulho, de ser filha d'essa mulher incomparavel!

Porque a ternura da mãe, ou talvez um presentido e doloroso receio, tinha deixado ignorar a Margarida, o segredo do seu cruel abandono.

Era uma tarde limpida, serena.

Nem uma folha se mechia, nem a mais ténue aragem perpassava a refrescar a fronté abrazada da pobre mãe que soluçava... arrependida de ter levado a sua generosidade até ao extremo de não desvendar a Margarida o seu segredo.

Parecia-lhe o seu procedimento um roubo feito ao coração de Margarida, que, se soubesse a verdade, teria querido partilhar a sua ternura entre a mãe verdadeira, que possuiria talvez, e a mãe adoptiva.

Parecia-lhe mesmo que não tinha direito de occultar a Guida um segredo que tão de perto lhe tocava!...

E sobretudo teria dado a vida, para que Margarida a estimasse assim, sabendo a verdade, não querendo dever ao abuso e á falsidade o amôr da querida filha da sua alma!

Mergulhada na mais triste preocupação, olhava do jardim para a janella do quarto da filha, onde a roseira predilecta pendia languidamente sobre a grade; assim veio encontral-a Guida que a procurava, e que lhe perguntou, com a sua bella voz alegre e amiga:

— Que tens tu, mamã? Em que pensavas?

Essa pergunta ia direita ao coração da mãe, que lhe respondeu franca e lealmente, penalizada pela continuação das suas mentiras e resolvida a pr-lhes termo:

— Pensava em ti. Pensava no que diria a mi-

na Guida se ella soubesse que eu não sou sua mãe?!...

Margarida franziu o sobr'olho e calou-se.

Naquella resposta que poderia bem ser uma brincadeira, o coração adivinhou-lhe subitamente alguma cousa de mais grave.

Uma nuvem de tristeza, uma atmospherá de dôr, envolveu mãe e filha num gélido desconforto.

Guida tinha comprehendido á primeira palavra! Presentira a verdade em parte, e acabára de desvendal-a no rosto pallido e transparente da pobre mãe! Uma dôr lacerante, dura, como d'um punhal, feriu a pobre Margarida, que pensou de si consigo que d'ali em diante nem a luz do sol continuaria a alumiar a engeitada, como tinha alumiado a filha d'aquella santa mulher!...

Unidas na dôr... abraçadas estreitamente, mãe e filha confundiram longo tempo as suas lagrimas, como tantas vezes tinham confundido os seus risos!...

Mas, ao separarem-se, pareceu á mãe que alguma cousa de suavemente melancolico e vagamente saudoso, se desprendia da alma de Margarida, em busca da sua verdadeira mãe! E que a ella — triste mãe dos trabalhos e das penas — ó restava o sentimento de infinda gratidão que se deve a um bemfeitor! Para ella, Guida era sempre a mesma! — a filha da sua alma, se o não era ás suas entranhas!

.....
Quando Guida a deixou, ao vel-a desaparecer cabisbaixa e pensativa, por entre a folhagem do jardim, com uma voz expressiva de profundo desalento, a pobre mãe disse, comprimindo o seio com ambas as mãos, n'um gesto de supremo desespero:

— Oh filha! oh creança! Quem pudera ensinar-te que muitas vezes o coração de mãe, não pulsa dentro do seio onde o filho foi gerado... mas, ás vezes longe, bem longe, no seio d'uma mulher pela natureza fadada para a esterilidade e para o luto!

Calcanhar d'Achilles

Era quasi noute. Todo o dia tinha cahido um calor asphyxiante.

Os bancos da Avenida achavam-se todos tomados pelos poucos « elegantes » que Lisboa conservava no verão.

A' noute, muita luz, muita frescura, muito luxo e muita coquetterie.

Num grupo dos mais aperalvilhados, composto só da fina roda, entre todos que o escutavam attentamente, fallava e gesticulava com animação, sorrindo com muito dubio sorriso — o verdadeiro riso amarelló — um homem alto, esbelto, pallido, vestindo com requintada elegancia.

A sua voz, aliás grave e bem modulada, tinha uma doçura meliflua que desagradava, que predispunha para a desconfiança.

Comtudo elle prendia as attenções ; escutavam-

n'ó com deferencia; riam por sua imposição e dir-se-ia que todos, tacitamente, lhe reconheciam uma tal ou qual superioridade de intellecto.

— Ha dez annos! Extraordinario! Ha dez annos que não tornei a ver Magdalena! Pois, decorridos dez annos, encontro-a quasi a mesma!

— Conheceste-a? De onde? Quando? — perguntou uma voz do grupo.

— De onde? Quando?... Conheci-a, era ella ainda bem outra cousa do que hoje é! Amores de rapaz!.. Ella era então uma rapariga de quem se fallava ainda com relativo respeito e passava por linda!... Era-o, com effeito: — estatuaria elegancia — soberbos olhos — formosissimas mãos — e sobretudo aquella soberana distincção... aquelle porte de duqueza que ainda hoje conserva.

— Parece que ainda não desdenhas?!!

— Isso é outra cousa. Faço-lhe justiça, nada mais. Não me conheces... Quando por minha culpa, exclusivamente, acabaram esses amôres, vi-a louca, desesperada, quasi matar-se junto de mim! Tive então forças para me desligar e foi de vez. Tive-a três annos; e por formosa e encantadora que seja uma mulher, depois de três annos, todos nós sentimos o desejo de liberdade, o tédio, o aborrecimento da constancia.

Fallava, sorria, com a convicção que só, talvez, a verdade pode dar.

Elle não a teria querido realmente, se ella saudosa e desalentada, de novo se lhe viesse lan-

çar aos pés. Mas a attitude d'essa mulher que elle acabava de ver passar, eternamente graciosa e linda, com o seu aspecto de estouvada ventura, de completo esquecimento do passado que a elle se ligava, incommodou-o, humilhou-o profundamente.

Teria querido ver offerecerem-se-lhe de novo aquelles labios de fogo, para lhe pagar com o gêlo da indifferença orgulhosa; aquelle peito de marfim, para o repellir com brutalidade; aquelles olhos de fulgurante luz, magoados e velados pelo pranto amargo de immorredoura saudade.

Em vez d'isto, só vira uma mulher insolente, orgulhosa e feliz pelo menos na apparencia.

Tinha, ao vel-a, composto o seu mais eloquente sorriso de troça; tinha-a mirado, com um olhar impregnado de toda a insolencia de que era capaz.

Com a mais completa distracção ou com a mais glacial indifferença, correspondera ella ao sorriso e ao olhar!

— E' verdade... aqui o Simões, conhece-a melhor do que eu, pois que a sua fortuna é mais recente... Eu já só posso e *quero* andar... na esphera das recordações. Vamos lá... conta a historia d'ella, se a sabes... debes sabel-a... tens a palavra!...

E dizendo isto, atirava as palavras como setas envenenadas que lhe queimassem a bocca e contrahia os labios que se recusavam a pronuncial-as.

— Estás enganado. Nada sei !... — disse aquelle a quem o importante personagem acanhava de pedir o fio da historia. — Quanto ao passado sei que ella vem de Londres, onde viveu muito tempo. Quanto ao presente, sei que esta Magdalena é uma elegante mundana, uma mulher soberba, cujas salas se acham sempre cheias de apaixonados ricos, que vivem na melhor harmonia d'este mundo, sabendo muito bem que o sol, quando nasce, é para todos !

Uma estúpida gargalhada alvar, acolheu o dito feliz do narrador.

Pouco depois o grupo dispersava-se, seguindo uns para os theatros, outros para os cafés, trauteando uma area em voga ou fumando um charuto, com muita despreocupaçào de espirito e com muita preoccupaçào de *pose*.

No outro dia, de manhã, após uma noute de insomnia doentia, após uma noute que lhe pareceu um século, o desdenhoso e altivo personagem a quem se ligava o passado de Magdalena, recebeu a seguinte carta :

« Meu pobre amigo...

« Desde dez annos que não tornei a perturbar a sua dôce e preciosa *paz de espirito*, que eu tanto alterava, como me dizia.

«E' justo que hoje me conceda um minuto de atenção.

«Tenho-lhe querido muito mal, sabe?...

«Mas hontem, quando o vi, uma profundissima piedade succedeu ao rancor.

«Pois quê?... Dez annos, durante os quaes deve ter gosado plenamente (eu estava tão longe!) a tal *paz de espirito!*... Dez annos de gloria, de triumphos na sua carreira brilhante!... Dez annos talvez passados entre os castissimos braços d'uma esposa!... (O meu amigo deve ter tudo isto... esposa... muitos filhos... muitos creados e muitas chaves para guardar a primeira...) Dez annos assim, puderam transformar n'um feio, feiissimo homem, (perdôe-me a franqueza) pouco amavel, nada gentil, o meu joven e bello Eugenio d'outros tempos?! Vê? Eu não mudei senão no moral... deixei de ser a dôce e romantica Magdalena d'outros tempos, aquella que sonhava só sacrificios, toda amor, toda lyrismo, para ser uma mulher do mundo, uma cortezã!

«...E se soubesse a ventura que tenho fruido!... Não amo, não soffro. E' um redemoinhar estonteador a minha vida. Encaro-a, creia, pela melhor phase. Tomei por habito não pensar nos dias futuros; menos ainda nos passados!

«Para mim não ha *amanhã* nem *hontem*. Existe *hoje*, pura e simplesmente.

«Sou formosa ainda... não me viu? .. Ainda se não cavou uma ruga nas minhas faces; ainda

se não desmanchou uma linha da elegancia que me conheceu!

«Formosa!... E, enquanto o fôr, rica, requestada, distrahida, completamente feliz!

«Para si era muito mais bello e prestigioso que a pobre Magdalena occultasse os seus encantos sob as lageas d'um tumulo ou, pelo menos, num habito de irmã da caridade.

«O mundo fallaria... A sua reputação de conquistador teria augmentado... e as mulheres disputariam entre si, a preferencia d'um homem com tantos e taes merecimentos, que outrem não tinha tolerado a vida depois do seu cruel abandono.

«Esta solução, que eu busquei ao problema da minha existencia, é duma vulgaridade, dum menospreso pelo thesouro da sua pessoa... na verdade irritante!...

«Mas, meu amigo, eu não fiz mais do que sumir por completo na lama, o que o seu amor, refalsado e bruto, tinha começado a manchar.

«E' duro para a sua vaidade saber que os labios que o beijaram, beijam mil outros; os braços que o cingiram, cingem mil outros; que, emfim, a mulher que tanto tempo lhe pertenceu, pertence agora a todos quantos lhe possam proporcionar dinheiro ou prazer!

«Não me julgue louca. Peso bem as palavras e sei-lhes o alcance!...

«Quiz vingar-me, e como não pude fazel-o de

outro modo... fil-o, ferindo a sua enorme vaidade, a alta presumpção que tem da sua pessoa.

«Creia que em mim já nada existe senão a fôrma da antiga

MAGDALENA».

Elle leu, amarrotou a carta e passou a ler outros assumptos. O desgraçado queria illudir-se a si proprio.

Aquella diabolica mulher, com o seu estylo, ora ligeiro ora com reflexos da passada ternura, acordara nelle um mundo de recordações!

Através do espaço ignorado que os separava, apesar dos esforços que elle fazia pôr se livrar d'aquella importuna visão, via-a, via-a... irresistivel e linda, com o cabello solto e perfumado, o collo torneado e flexivel, os seios turgidos, o olhar fulgurante, as roupas em desalinho, passar provocante e semi-nua para a alcova, onde, por tres annos, elle e só elle a possuira; hoje, profanada pelo mundo inteiro, se inteiro o mundo pudesse distrahir essa fatal mulher!

Via-a e ouvia-a repetir-lhe com um riso escarinho e provocador:

— Que não trocaria a sua liberdade de cortezã, o seu luxo, a sua vida de louca, pelo regresso ao passado, do qual se tinha inteiramente esquecido!

E soffria!... soffria... como ella, que tão bem o tinha estudado e conhecido, tinha ideado fazel-o soffrer!

Estava de facto vingada!...

Atacava o lado vulneravel — a vaidade — o eterno e infallivel calcanhar d'Achilles de todos os homens!

Um outono de mulher

I

Era uma manhã fria, clara, dum inverno secco e gelado, que fazia penetrar a sua aguda frialdade até aos corações.

O ceu tinha aquelle azul carregado, firme, dos dias de dezembro.

As arvores pareciam tiritar, açoutadas pelo vento norte, constante, que durava desde o começo da semana.

Não era um sol bom, suave, como o dum verão de S. Martinho. Não. O ceu estava limpo de nuvens; as arvores erguiam-se altaneiras; um ou outro passarito dos que teem a coragem de arrostar com o frio de dezembro, passava de ramo em ramo, a dar uma nota alegre daquellas meigas cantigas que só elles e as creanças sabem trinar.

Por muito caseiro e feliz que seja o leitor no

seu *ménage*, por certo que já ha de ter roubado uma tarde ou uma manhã ás suas occupações, para ir passear um pouco na formosa e poetica avenida de Algés.

Conhece o logar... tanto melhor.

Não se descreve senão mal, o que é verdadeiramente bello, poetico, uma maravilha de belleza, como esse bocado de paraizo.

São duas horas da tarde.

Um grupo de quatro creanças brinca, chilrea alegremente, apesar do frio.

A mais pequena poderá ter trez annos. A cabecita escura e inquieta, o olhar vivo e travesso, a voz vibrante e expansiva, forma um singular contraste com a voz, o olhar, o gesto e a attitude da joven mulher que as acompanha, que terá talvez uns dezoito annos de idade, e cuja tez nevada, transparente, avelludada e fina como a mais delicada flôr, faz lembrar a formosura de uma miss com os seus olhos grandes, azues, expressivamente melancholicos.

Sentada num banco, sósinha, sériã e grave como uma mãe, a rapariga vigia com inteira solitudine o folguedo dos pequeninos irmãos e sorri ás suas mil travessuras com um sorriso bom, intelligente e meigo, que lhe mostra uma dentadura modelar dentro dos labios mais graciosamente desenhados que jámais tenham inspirado um pincel de artista.

Duas creadas com longos aventaes brancos,

bordados e engommados, completam este quadro duma commovente simplicidade.

De vez em quando, uma das creanças, por um grito ou por uma gargalhada mais estridula, faz cahir das mãos da grave rapariga, o livro sobre o qual ella pousa os seus grandes olhos scismadores, mas que evidentemente não lê.

Depois, como acordando de longo lethargo, estremece ao contacto frio das mãositas pequenas, que vem puxal-a, animal-a, agital-a, ou escutando as vozes supplicantes, que vem tomal-a por juiz nesta ou naquella contenda que se levantára ácerca do arco, da péla de jogar ou da boneca favorita.

Então, com uma solicitude toda materna, a rapariga vê que uma traz a pellica longe do pescoço, que outra tem as meias cahidas, outra a saia descida, e trata de remediar essas pequenas desordens, pousando successivamente os irmãos, como bonecos, sobre o banco onde assentára o livro aberto.

Era uma mãe quasi adolescente, e, ao ver aquella grave serenidade, aquella *maternidade precoce d'alma*, adivinhava-se que a sorte orphanára cedo esta joven mulher e, mais cedo ainda, os seus infortunados irmãos.

As crianças partiam, alegres, ruidosas, inconscientemente felizes, e Leonor retomava o seu livro, que instantes depois deixava com um movimento de impaciencia, e olhava para a vastidão do horisonte, talvez evocando alguma in-

tervenção divina para socegar os anceios da sua alma.

Presa duma vaga e dolorosa inquietação, só perto viu que as creanças voltavam seguidas de uma nobre dama que pelo seu requintado luxo e pela alta distincção do porte, trahia a mulher da grande roda, a mulher do mundo, a mulher elegante e primorosa, que toda a vida tem sido — sociedade e etiqueta.

— Leonor! — repetiam em côro as creanças — Uma senhora que te procura. Uma senhora que te quer fallar.

Leonor fitou os olhos admirados nesse vulto gracioso e nobre, que avançava desembaraçadamente para ella.

Era uma formosissima mulher de uns trinta annos de idade.

Animavam aquella doce physionomia duma pallidez marmorea, dois olhos negros, brilhantes, poderosamente investigadores.

Os cabellos, sem o menor atavio, côr dos olhos, deixavam-lhe a descoberto a fronte admiravelmente modelada.

Um sorriso de bondade que os olhos inexperientes de Leonor não poderiam classificar de alegre ou triste, entreabria-lhe os labios pallidos e frios, que ella mordia um pouco para os córar ou para os aquecer talvez.

Era primorosa a linha de sua figura de princesa e no seu andar havia a magestade duma

deusa junta á flexibilidade da elegancia natural, sem artificios nem embustes.

Avançava rapidamente nos seus pés delgadinhos, pequenos, cuidadosamente calçados nos sapatos duma *Cendrillon*.

Longe um pouco ainda, com o seu sorriso bom nos labios, Leonor ouviu que ella lhe dizia: — Eu encontrei-a, encontrei-a! Oh! Mil vezes ainda bem!

Leonor olhava-a pasmada, sem comprehender o que se passava.

Esperava dum para outro momento que a dama, reconhecendo um engano, voltasse para traz ou lhe pedisse desculpa. . . Mas, não! Avançava sempre! Era Leonor a quem procurava e dizia-lhe: — Encontrei-a, ainda bem!

Era a ella! Mas que poderia querer-lhe?

— Não me conhece, querida menina, — continuava avançando sempre e sorrindo — tambem eu não a conheço; isto é, nunca lhe fallei. Mas vamos hoje ter occasião de conversar um pouco e espero que nos ficaremos conhecendo e que nos entenderemos, mesmo admiravelmente.

Tinha chegado junto de Leonor e, sem nenhuma cerimonia, com o seu ar de bondade natural, sentou-se junto da rapariga, que insensivelmente lhe ia fazendo um logar junto de si, enquanto fixava os olhos admirados nesta estranha creatura, que assim se lhe apresentava de tão incomprehensivel maneira.

As creanças affastaram-se brincando; e logo que as viu desaparecer, a pallida e meiga desconhecida, voltando-se para Leonor com uma expressão indefinivel no rosto, disse-lhe numa voz que se esforçou por tornar firme, mas onde um fino observador teria descoberto uma tremula hesitação:

— Para começar conhecimento, minha querida menina, vou já dizer-lhe que sou a marquezia de G. ou antes, para si, quero antes ser Constança de G. Lembrando-se da conversa que teve com alguém ha quatro dias em sua casa, conversa de que eu fui o assumpto, facilmente adivinha o que me levou a procurar-a... e aqui estou. Não fiz bem? Fiz!... Verá!

— Oh! Senhora, senhora! — supplicou Leonor, como a pedir a Deus coragem para entrar num assumpto que visivelmente a magoava.

Mas a marquezia tinha-se chegado e tinha-lhe tomado as mãos nas suas, que Leonor sentiu em fogo apesar da aragem fria a que as tinha exposto, tirando a sua pequena e perfumada luva branca.

Dominava a rapariga com uma tal expressão de inteira bondade, que ninguem poderia um momento duvidar que aquella mulher tinha uma alma grande, immensa, cheia de sentimentos elevados e nobres; uma dessas almas superiores e de tão fino quilate, que raras vezes descem á miseria da terra.

— Leonor, minha filha, — continuava a mar-

queza -- eu hei de contar-lhe alguma cousa de mim quando quizer ouvir-me. Por hoje, venho só para lhe dizer que sou completamente extranha ao tenente Raymundo Lima. Se elle frequenta assiduamente a minha casa, é porque era o mais intimo amigo do marquez, que o presava como a um filho. Estimo-o eu propria como se fosse sua irmã; mas entre mim e Raymundo, nada ha, meu anjo, que possa impedir a vossa união... ouves? ... — murmurou-lhe quasi ao ouvido, como num suspiro, estreitando-a ao coração e beijando-lhe os cabellos.

Os raios do sol começavam a incidir directamente sobre o banco onde ellas se tinham sentado, e, unidas estreitamente, a mesma sombrinha vermelha abrigava essas duas mulheres cujo fatal destino era de se prejudicarem a seu pezar, e toda a vida, irremediavelmente talvez.

Leonor sentiu que do peito lhe arrancavam como que uma lamina de punhal, quando os labios da marqueza, com a sua voz de infinita melodia, lhe repetiu num suspiro.

— Ouves? .. Comprehendes-me, Leonor?

A rapariga olhou aquella fronte nobre, aquelles olhos bons, toda aquella physionomia que uma luz sobrenatural illuminava; deixando cahir a cabeça sobre o hombro da marqueza, exclamou em soluços, beijando-lhe as mãos:

— Oh! Obrigada, obrigada! minha amiga, minha boa amiga. Fez bem em vir. Ah! Como eu a

amo! Como eu me sinto reviver! Se soubesse como desde uma semana vivo desgraçada!

Uma lufada de vento frio, desconsolado, agreste, fazia vergar as arvores e gelava os membros das duas mulheres que uma tormenta interior agitava tambem.

Perto, do outro lado, a marqueza conhecia um pequeno abrigo que designavam pela *palhota*, por sua construcção exotica, a que presidira algum bom gosto experimentado em terras africanas.

— Vamos para ali, vamos conversar um pouco de nós — disse ella, levantando-se primeiro e conservando sempre nos labios o mesmo sorriso bom — E' mais abrigado, embora seja frio.

Levantaram-se e foram-se encaminhando para a *palhota* com um passo apressado, fustigadas pelo vento constante, agudo, que as repassava de frio até á medula dos ossos.

Era um grupo gracioso, o que ellas formavam, no seu absoluto contraste.

Uma tinha a expressão radiosa da mocidade que desabrocha; o olhar brilhante e vivo que nos falla de esperança e nos diz risonho — eu vou viver.

A outra tinha a grave magestade duma rainha ou duma fada; o olhar velado e triste que a desventura apagou e a sua expressão de doce serenidade, e o tom das suas fallas lentas e plenas de harmonia, tudo nella nos diz — eu vou morrer!

II

— De quem fallaremos primeiro? — começou a marquezia — de mim, de si, ou. . . de Raymundo?

— De todos — disse Leonor communicativa, na sua alegria infantil — Mas começará por dizer-me como soube que eu vinha aqui, e sobretudo, como soube que eu, victima dum terrivel engano, queria desligar-me do meu noivo?

— Porque elle proprio m'o disse — respondeu Constança com uma accentuação dolorosa que quasi a denunciava.

— Disse-lh'o? Elle disse-lh'o, Senhora? . . . Mas então, se lh'o disse, como se atreveu a communicar a um extranho as nossas fallas, os nossos projectos e as nossas discussões?

Num momento, Constança, conhecendo a falsidade do terreno em que se collocára, com a sua sciencia de sala, com a sua intelligencia perspicaz, mudou habilmente o rumo do pensamento e dos raciocinios da sua joven interlocutora.

— Minha filha, dir-lhe-hei tudo isso, mas temos primeiro então que fallar um pouco de mim. Também, são duas palavras. Ouça. Ha de ter ouvido fallar de mim varias vezes, decerto; talvez mesmo até a Raymundo.

Emfim, não sei se sabe parte da minha historia, mas conto-lh'a desde o começo.

Sou andaluza. Ha quinze annos que vivo em Lisboa e não tornei a ver a minha terra.

Tinha eu quinze annos, querida Leonor, quando vim com uma irmã casada, para Portugal.

Pertencia a uma familia da mais nobre raça de Hespanha e era — posso dizel-o com desassombro, pois que já lá vão tantos annos! — uma rapariga formosissima.

O nobre marquez de G. viu-me e deixou-se arrebatado por uma grande paixão, achando no seu amor e na sua extrema bondade, a força de me tornar completamente feliz.

Tinha mais que eu vinte annos. Mas a sua rara belleza, a expressão de intelligencia e de bondade que animavam o seu rosto, a sua nobresa e a sua fortuna talvez... (bem vê que sou franca) seduziram-me tambem e dentro de pouco tempo eu era a marquez de G.

Tive dez annos de louca felicidade. Nova, bella, rica, amada e admirada, a minha vida foi um rapido delirio!

Nas minhas salas juntei tudo o que Lisboa possui de bom tom, de primoroso,

Toda a alta roda, enfim, conhecia os salões e as *soirées da marquezia hespanhola*.

Entre esses, começou a frequentar a casa o alferes Raymundo Lima.

Foi meu marido, que o conhecia ha muito do club e que apreciava finamente as qualidades de espirito e de caracter que o exornavam, quem o trouxe a primeira vez ás nossas reuniões.

Raymundo continuou a vir; primeiro, em grande gala, depois com intimidade.

O marquez, cada dia o estimava de mais em mais. Pela minha parte, eu dedicava tambem uma grande estima a este amavel rapaz, que me pareceu sempre bom e simples, cavalheiro e extremamente espirituoso.

Um dia, meu marido revelou-me que Raymundo era um pianista distincto. Nessa mesma tarde fil-o sentar-se ao piano e ouvi-lhe executar varios trechos com uma mestria, uma perfeição, um encanto que me enthusiasmou.

Desde então começámos a tocar ambos, umas vezes a quatro mãos, outras só. Outras vezes ainda, começavamos a estudar uma peça com um sentimento de rivalidade que nos animava mutuamente.

Era um ciume, uma rivalidade de boa casta que muito nos divertia.

Póde dizer-se que d'aqui resultou a intimidade de Raymundo em nossa casa; intimidade que durou até agora e que, bem sei, tem dado que falar

a todas as más linguas, principalmente depois da morte de meu marido.

Quando fiquei viuva, com vinte e sete annos, formosa ainda, riquissima e titular, bem comprehende, Leonor, que não ha vaidade em lhe assegurar que muitos pretendentes se apresentaram á minha mão. Mas por circumstancias que nada se relacionam com o assumpto, nem com a pessoa que me traz aqui, eu não quiz prender mais a minha liberdade.

Uma verdadeira estima, comtudo, uma grande affeição e o longo habito de annos, fez com que Raymundo ficasse no numero dos poucos, pouquissimos intimos de minha casa.

Vendo-o novo, gentil, brilhante emfim, e sabendo-nos precisamente da mesma idade um do outro, começou o mundo a murmurar.

Eu reagi contra as más linguas, affrontando-as de cara levantada, tendo por escudo a minha grande fortuna e um terrivel, um medonho asco da sociedade, que começava a aborrecer-me infinitamente.

Retirei-me eu propria, por completo, d'essa vida de *grande roda*, onde não ha senão vilesa encoberta com o manto da hypocrisia.

Raymundo vinha; era amavel, espirituoso e tinha uma conversação brilhante que me encantava.

Mas — ou por motivos muito secretos e muito intimos que peço para calar, ou porque elle fôra

um grande, o melhor amigo do marquez — o facto é que as nossas relações, creio que os nossos pensamentos até, nunca passaram duma fraternal e innocente amisade.

Constança sentia-se enfraquecer. A bocca contrahia-se-lhe, negava-se-lhe a pronunciar sobretudo aquellas terriveis palavras com que ella fizera comprehender a alguem que tinha um erro na vida, e que esse erro não era Raymundo.

Comtudo, um sentimento forte, um sentimento nascido na sua alma de aço, levou-lhe por diante o discurso.

— Tudo assim ia, quando a semana passada eu o achei duma enorme melancholia, preza duma commoção terrivel que me assustou.

Perguntei-lhe a causa da sua magua, e perguntei-lh'a o melhor que pude — com lagrimas nos olhos e commovido interesse na voz. Então, esquecendo reservas, ou confiando, talvez, completamente na minha affeição, Raymundo disse:

— Marqueza, vou pagar caro os innocentes entretens que ha annos levo aqui. Tinha uma noiva linda, boa, casta e apaixonada, com uma alma de sensitiva. Acaba de ouvir, no dôce retiro da sua pacifica e simples existencia, um echo amaldiçoado da voz que denigre a nossa affeição tão pura e tão innocente. Acreditou; e desta crença só a pôde demover a sua propria declaração, Constança, de que é uma calumnia o que nos lançam em rosto. Enlouqueço de magua, mas que hei de fazer?

— Então, respondi-lhe, logo que a sua ventura depende de tão pouco, não vale a pena de certo, inquietar-se d'ella. Irei procurar Leonor e dir-lhe-ei... isso!...

Aqui tem como e porque vim. Raymundo disse-me que eu a encontraria hoje aqui. Pois bem, aqui vim e aqui estou com os olhos bem fitos nos seus, com a firme resolução que só a verdade póde dar, para lhe dizer novamente: — Por minha causa não transtorne a sua vida, Leonor. Se ama Raymundo, despose-o. Confie em mim, como na mãe que perdeu. Entre mim e elle, nada houve, nada ha e juro-lhe que nada haverá. Que mais quer? Talvez que não torne a recebê-lo? Pois bem; elle será o primeiro que por si achará essa clara solução ao problema do seu socego, minha querida Leonor. Está contente?

— Oh! Marqueza, marqueza! A sua alma é perfeita como o seu corpo de esculptura, como a belleza ideal do seu rosto! Creio-a, creio-a; preciso mesmo acreditar-a, para que o meu coração não me estale dentro do peito! Obrigada, mil vezes obrigada, pelas suas falas que me dão vida!

E Leonor, com uma expressão de confiante alegria, com o olhar animado e um sorriso angelico nos labios vermelhos, pegava nas mãos brancas e pallidas da marqueza e punha-as sobre o seu coração, para que ella ahi verificasse a verdade do que lhe affirmava.

Depois, com um enthusiasmo infantil, levou-as

aos labios e depôz-lhes um beijo da mais sentida gratidão.

Sem um esforço, machinal e insensivelmente, Constança deixara-lh'as ir; e enquanto Leonor pousava esse beijo agradecido sobre aquellas mãos de esculptura, dominava ella a commoção terrível que humedecia os seus olhos scismadores e tristes como os de uma madona.

— E agora? — recomeçou — agora já não duvida, não é verdade? Posso retirar-me, segura de que não recusará a mão do mais nobre, mais leal, mais bello e mais cavalheiro dos homens? Não é assim?

— Eu amo-o — respondeu Leonor, cahindo numa profunda abstracção em que a figura brilhante e seductora de Raymundo se lhe apresentava aos olhos, outra vez livre, leal, sem compromissos, sem o sequito de lagrimas que a aterrava!...

A marqueza, a propria marqueza, com o seu lindo e elegante vestido de seda preta, a sua figura alta, a sua pallidez de santa, extranhamente alliada áquella incomparavel graça de movimentos da mulher andaluza, parecia ao affastar-se, uma vizão ou um sonho, aos olhos da rapariga.

Já longe, quando ia para metter-se no carro, Constança acenou-lhe um amigavel adeus a que Leonor correspondeu alegre.

O carro partiu e, ao vel-o de todo desapare-

cer, levantando-se do banco para vir procurar os irmãos, Leonor trazia no rosto a expressão da ventura immaculada e crente que só é dada ás creaturas terrestres quando teem dezoito annos de idade!

III

Digamos duas palavras sobre Raymundo Lima. Podemos vel-o no seu quarto de rapaz, no meio da esmerada elegancia de que o cêrca a ternura da tia, uma dôce velhinha que delle fez o idolo vivo a quem se perdoam todos os defeitos, todas as diabruras, todas as doidices duma mocidade de rapaz.

Era um homem bello; bello, em toda a extensão da palavra.

Alto, duma altura bem proporcionada e distincta, aprimorado no trajar e requintadamente galanteador.

O seu olhar vivo e penetrante, era desses que as mulheres amam e receiam ao mesmo tempo, porque sentem que nada se lhe póde occultar.

Sobre os hombros admiravelmente talhados para as reluzentes charlateiras do seu uniforme de cavallaria assentava um pescoço forte e nervoso

com uma coloração escura que mostrava este bello official, que era em casa o *enfanté galé* da tia Margarida, correndo, á carga, montes e vales com o seu esquadrão, debaixo dum sol ardente de agosto ou duma rude trovoadade de janeiro, sem que nada disso lhe alterasse a vigorosa saude, nem lhe abalasse sequer a força herculea dos musculos de transmontano.

Dir-se-ia que nunca tivera um capricho insatisfeito, este formoso rapaz.

A vida deslisára-lhe, póde dizer-se, como um sonho; chegára aos trinta annos sem conhecer uma contrariedade.

A tia Margarida era rica, e desde pequenino, Raymundo viera animar com a sua tagarellice de creança alegre e sã, o *ménage* ermo e sombrio desta affectuosa senhora que não tinha o genio aspero, rude e selvaticamente arisco das solteironas egoistas.

Era ainda hoje uma velhinha adbravel de bondade e bom humor, irreprehensivelmente cuidadosa no seu vestido de seda preta, com a sua cabeça ricamente ornada de ondeados cabellos brancos, já um pouco vergada para o chão.

Tinha-se, por assim dizer, tornado uma mãe d'alma, para aquelle sobrinho que lhe deixára nos braços uma irmã querida, morta aos vinte e cinco annos.

Raymundo não se tornára tacanho de espirito

nem enfermicho de corpo, nesta atmospherã de intelligente carinho.

Pelo contrario. Desde creança que fazia rir e desesperar os mestres, pela vivacidade e arrojado das suas travessuras endiabradas.

Não havia rapaz mais desembaraçado, mais rijo nem mais turbulento em toda a cidade de Bragança.

Com um pau na mão, arma que manejava habilmente desde pequeno, varria a praça inteira de toda a garotada que lhe disputasse um brinquedo ou mesmo a sua auctoridade, quando elle passava muito empertigadito e pressuroso, com a pasta dos livros para o lyceu onde fez, com rara distincção, os seus primeiros estudos.

Chamavam-lhe *Roberto o diabo*, de tal maneira as suas travessuras tinham dado brado e a propria tia Margarida, conseguia mais do seu pequeno e estouvado pupillo com uma lagrima de queixa, que com a severidade de uma reprehensão.

Afóra este genio inflammavel e irreflectivo que fôra sempre e desde creança a nota dominante do lado mau do seu character, Raymundo era um coração sensivel e bom; uma alma onde passados os primeiros momentos de uma raiva nervosa, havia sempre a mais real bonhomia; uns labios aonde desabrochava, eternamente alegre e joven, um riso de descuidada ventura.

Tinha os mais formosos e vastos cabellos ne-

gros que lhe cahiam em graciosas ondas revoltas e luzidias, com uns reflexos azues á força de negridão.

Era a mascula formosura correcta, forte, exuberante de saude e de vida realçada por uma extraordinaria e rara animação.

Sobre a secretária, junto da qual neste momento o vemos com os cotovellos pousados, sustendo nas mãos a cabeça que uma febre constante desde uns dias vem agitando, estava uma carta breve, que lhe dizia:

MEU AMOR.

Vae a casa da tua noiva e encontrarás essa encantadora menina feliz e disposta a dar-te a felicidade tambem.

Fiz o que te prometti. Se em alguma coisa mais eu puder ser o teu *anjo da guarda*, lembra-te de que é sem limites a dedicação de

Constança.

Pela frente bella do nosso joven militar passou uma nuvem de tristeza inconcebivel, que marejou de lagrimas os seus grandes olhos pretos.

Depois, beijando a carta, onde de certo descera alguma lagrima de Ella, com uma accentuação de profundo dó, murmurou: — Minha santa amiga! Porque não governamos nós nos sentimentos desordenados do nosso coração?...

Eram quatro horas da tarde. O sol declinava já para o poente naquelle lindo dia de inverno.

Raymundo ergueu a cabeça e ao vêr ali a boa tia Margarida a quem elle confiava de ha muito as suas aventuras semi-sérias de *solteiro* que vai passar em pouco a *solteirão*, puchou uma cadeira para junto de si, e estendendo-lhe a carta, disse, ainda com os olhos humedecidos: — Constança, depois de ter-me dado a sua vida, o seu corpo, a sua alma e a sua honra, acaba de dar-me a sua felicidade, para que eu, acceitando-lh'a, resgate a minha. Veja! — A tia Margarida ao facto, como estava, da vida de Raymundo, comprehendeu toda a nobreza d'alma, toda a dedicada affeição e todo o heroico valôr desta encantadora mulher.

Raymundo, oito dias antes, tinha-lhe contado como se deixára arrebatado por uma paixão impetuosa pela joven Leonor, que acceitára as suas propostas de matrimonio, e como as cousas naturalmente se tinham encadeado de fórma a que elle pudesse constituir-se noivo official da formosa rapariga.

Quasi olvidára Constança, a amante de cinco annos de provada lealdade; aquella que perdera posição, estima e sociedade por elle, sem que uma queixa, sem que mesmo uma palavra lhe pudesse lembrar que a mulher que se lhe dava vergonhosamente, era livre, livre agora, e que os laços da Igreja lhe restituiriam tudo o que por elle perdera...

Deixára-se embalar num longo sonho, com esse corpo gentil nos seus braços egoistas de homem saciado; e acceitára a vida alegre, livre, folgada, como ella se lhe apresentava.

Quatros annos decorreram. Esses quatro annos tinham-lhe sido os mais bellos da existencia.

Era joven, bello, rico; gosava as vantagens do matrimonio sem lhe sentir o peso. Constança dedicára-se-lhe absolutamente. Deixára a sociedade, retirando-se a uma vida de reclusa, em cujo convento só adorava unicamente o deus Raymundo.

A sua vaidade de rapaz podia tambem sentir-se altamente lisonjeada.

A encantadora marquez de G. tinha tido, viuvando, as mais brilhantes propostas de casamento, que rejeitára.

A sua queda nos braços de Raymundo, fôra tudo quanto pôde lisonjear a vaidade e o amôr dum homem.

Por elle tudo perdera. Por elle tudo trahira, ella, a mulher casta e séria que nunca tinha mentido!

Essa ligação, pois, criminosa por tres annos, poderia depois da morte do marquez, levantar da lama em que cahira aquella encantadora mulher. Mas Raymundo não tinha sequer um travo de inquietação ou ciume, que pudesse aguilhoar-lhe o desejo de possuir legalmente essa estonteadora beldade.

Constança não apparecia. Ella propria gostava

de viver assim, a pensar no seu amôr, a esperar com amorosa ternura as horas da sua inegualavel companhia.

Numa palavra, Raymundo nada ganharia em troca da liberdade que sacrificava.

Além disso, a marquezia parecia não tomar pé na sua terrível situação. Era feliz nella; não havia que duvidar. Raymundo assim o julgava e, a falar a verdade, não tinha tambem grande desejo de profundar este dolorido mysterio.

Em casa, com a tia Margarida, elle era o *enfant gaté* da benevola velhinha. Tinha o seu *ménage* bem organizado, bem dirigido. Nada faltava ás suas commodidades.

Fóra, tinha a intelligente, distincta e dedicada amante, para abraçar satisfeito e feliz nas suas noutes de rapaz.

.....
Mas, um dia, o acaso fizera com que a encantadora Leonor se lhe deparasse, cheia de frescura e da graça da primeira mocidade, aureolada com o prestígio incomparavel da completa innocencia.

Raymundo olhou-a primeiro com indiferença, depois com curiosidade, dentro em pouco com amor e agora com a mais imperiosa paixão.

Leonor correspondera-lhe. Dera-lhe completamente o seu mimoso coração e em breve lhe daria a mão de esposa que Raymundo desejava como se deseja a felicidade.

Mas alguém do mundo cedo lhe descobriu a

romanesca aventura, em que se envolvera Raymundo havia quatro annos.

Pintaram-lhe a infeliz Constança abandonada e perdida... morta talvez de desespero!... E duramente a increpavam de causar a desdita de uma digna e generosissima mulher.

De onde partira a carta que denunciava?

Raymundo não o podia saber; mas quando estendendo á tia a carta de Constança, lhe disse: — Leonor soube tudo! Escreveram-lhe uma carta anonyma! — ficou admirado, louco, quando ella lhe disse serenamente:

— Fui eu quem lh'a escrevi, para impedir a primeira infamia que na vida te tenho visto querer praticar! —

Instinctivamente, Raymundo recuou. A indignação estava tão expressa no semblante da tia que elle reconheceu nesse momento que ella não tinha a alma fraca, alquebrada, facil de vergar ao primeiro suspiro; mas sim uma rara energia, uma grande força de vontade que lhe dava alentos para lutar; uma alma que, dobrando ás rapaziadas, ás extravagancias, ás loucuras de Raymundo, ficava inflexivel agora que lhe via querer praticar uma acção que ao seu juízo parecia indigna.

Além disso, é possivel tambem que um ligeiro sentimento de egoismo puzesse a tia Margarida do lado de Constança.

Na ligação com a marquezia, não tinha a ve-

lha o pesadello da separação do seu Raymundo, além do que, só bens, só vantagens o sobrinho poderia tirar desta mesma ligação.

Era um laço de amôr que não alterava usos, habitos de longos annos a que ella, a tia Margarida, se tinha aferrado.

Hoje, para a pobre tia, separar-se de Raymundo, resignar a sua plena auctoridade em quem quer que fosse, alterar o seu lar, admittir-lhe uma terceira pessoa, ou deixando de ter Raymundo como idolo, Raymundo para adorar, Raymundo para a alegrar com as suas eternas facecias, Raymundo, emfim, ter o seu lar, o seu *chez-soi* noutra parte que não fosse a casa della, parecia-lhe um monstruoso attentado contra o qual se insurgia com todas as suas forças.

E o casamento era isto. E era tambem Leonor.

Comtudo este egoismo de boa casta, diga-se a verdade, tanto mais que a boa da velhinha dedicava todos os seus cuidados, todos os seus pensamentos áquelle que considerava para todos os effeitos como o *seu filho adorado* — este egoismo, dizemos nós, era tambem e muito, fortalecido pela immensa piedade, pela grande gratidão que ella tributava a Constança, por amôr de Raymundo.

A pobre tudo perdera por elle e sem uma queixa.

A tia Margarida soubera bem do começo destes doloridos amôres.

Outr'ora o mundo inteiro admirava a graciosa elegancia e a correcta formosura da marquiza de G. Nos salões de *élite* reinava a *salerosa* andalusa.

Quando ella viuvára, tinha alcançado um numero consideravel de inimigos com as suas inabalaveis recusas a contrahir novos laços.

Os proprios regeitados, começaram a profundar as razões que a tinham levado áquelle duro procedimento e descobriram sem grande trabalho que Raymundo Lima era o eleito do coração de Constança.

A aventura foi muito commentada; as sete boccas da fama espalharam que Constança não tinha sido dignamente a marquiza de G.; que antes, dois annos antes, em vida ainda do marquez, Raymundo era furtivamente introduzido no *boudoir* da marquiza que, diziam, tinha muito mais prazer em recebê-lo nesta dôce intimidade, do que em estudar com elle ao piano um *difficillimo* nocturno de Chopin, que o marido lhe sabia em caminho de executar . . .

Tornada livre inesperadamente, Constança teria sem duvida podido reclamar de Raymundo a reparação natural do desvario que por elle cometera; teria, pelo menos, podido pôr as suas condições.

Mas um sentimento de extranha dedicação fizera com que ella nada pedisse, nada impuzesse; que nem ao de leve, sequer, tivesse abordado esse melindroso assumpto.

Talvez, no intimo do peito, Constança tivesse esperado que fosse Raymundo o primeiro a falar em tal. Mas a pobre marqueza cedo viu que, quando o homem nada mais espera, quando já tudo se lhe deu, quando elle consegue enfim, reduzir a mulher ao misero estado de *amante*, considera-se quasi involuntariamente o *senhor*, e olha a mulher como *objecto* seu, inteiramente seu; sobretudo quando encontra uma alma docemente resignada e melancolica como a de Constança G. E era deste ceu de rosas que a tia Margarida via o seu Raymundo querer desertar!

Tambem, estava disposta a tudo, em favor da sua causa.

Com a carta de Constança nas mãos, a velha repetia a Raymundo estas dolorosas palavras: — Que fizeste tu desta mulher? Raymundo, meu querido filho, tu não estás em ti. Como tia, como tua segunda mãe, digo-te: — Nunca te cases. O casamento é cartada arriscadissima em que, as mais das vezes, se perde mais do que se ganha. Como juiz, digo-te: se casares, deve ser com Constança. Constança ha de fazer-te feliz. Constança é a mulher que te conhece, que te estima, que se te dedicou inteiramente; é a mulher tão perfeita de corpo e de alma, que jámais na tua vida encontrarás um thesouro de amôr como o que hoje tão inconsideradamente despresas!

Raymundo tinha cahido abatido sobre uma cadeira de braços.

Á medida que a tia lhe enumerava as qualidades de Constança e quanto elle lhe devia, ia respondendo: — Sim! Sei isso! É verdade! — Mas quando a velha terminou com uma voz profunda e como um echo: — Jámais encontrarás na terra uma outra Constança!... — é que Raymundo sentiu um doloroso aperto de coração. Era uma terrível profecia! E pareceu-lhe que o espectro da morte se ia erguendo num futuro proximo entre elle e a marquezia.

Póde dizer-se que Raymundo passava nesta risonha epocha da mocidade, o seu primeiro desgosto, na lucta acerba que travava comsigo mesmo.

Renunciar a Leonor, era arrancar o coração fóra do peito.

Nesse momento parecia-lhe até que morreria inevitavelmente se tivesse que separar o pensamento do rosto adoravel, da graça encantadora desta interessante rapariga.

Por outro lado, a figura dôce, a physionomia resignada, o olhar ardente e amoroso de Constança, traziam-lhe um mundo de recordações inapagaveis da memoria!

Já tinha tido a horrorosa coragem de pedir a Constança que reatasse ella!!! os laços que haviam de, prendendo-o a outra, separal-o eternamente de si!

E a heroica mulher promettera-lh'o e cumpri-ra. Cavára com os seus braços amorosos, a sepul-

tura onde haviam de dormir as suas derradeiras illusões.

O seu amor era sem limites!

Para que Raymundo não soffresse, era mister morrer por elle? Pois bem... Morreria contente, como os antigos martyres morriam, entre as ter-riveis chammas do supplicio — por Deus!

IV

Constança, minha adorada amiga — dizia nessa noute Raymundo com os olhos fitos na calma physionomia da marquezia, debruçada sobre o parapeito da janella do jardim — fere-nos uma grande desgraça! Por que não podemos nós dominar os nossos sentimentos? Oh! Peço-te, amiga, que creias nesta terrivel verdade. Eu também soffro e muito! Eu sou uma medonha contradicção de mim mesmo! Imagina que estou louco, que nem eu proprio me entendo nem sei o que quero!

.....
Então, olhando-o demoradamente, illuminada pela luz pallida da lua, que nesse momento despontava no horisonte, a marquezia sorriu-se com uma indefinivel meiguice e naquella dôce toada que lhe ficára na voz de quando cantava as canções de Andalusia, disse-lhe: — Meu amôr, temos ambos trinta annos. Num homem é o fulgor da

mocidade, da vida e da belleza. Na mulher é o outono que começa. Bem vi sempre que, cedo ou tarde, havias de pensar isto mesmo. Esperei que no teu coração bom, a lembrança adorada dum amôr tão incondicional e tão terno como o meu, poderia ser-te um bem, um sonho de ouro sobre o qual repousasse mais tarde, a tua alma ferida, quem sabe? nas luctas do viver.

A essa divida sagrada, a essa bella esperança, não faltaste, meu amor.

Nós deixamos de ser amantes, mas seremos eternamente amigos; e a tua confiança em mim é tão grande que me encarregaste da delicada missão de reatar os laços que te prendiam á tua noiva.

Não esqueço isto, meu amigo; é mister que se faça um grande conceito d'uma mulher para que se lhe peça uma tal abdição!

Como vês, não te enganaste. A minha estranha missão está cumprida. Em dois mezes talvez estarás casado e antes delles eu estarei já muito longe de aqui.

A marquezia tinha acabado de pronunciar estas fallas com uma voz sumida, fraca, e recostava-se quanto podia na parede do canto da janella, para não trahir a terrível commoção que a abafava.

Raymundo achava-a linda, imponentemente linda com os anneis de cabello negros dispersos sobre a tunica lilaz enfeitada com rendas e pennas brancas.



Uma pallidez marmorea se lhe espalhava no rosto avelludado e poeticamente illuminado pela lua.

Dir-se-ia uma fada ou uma apparição.

Um momento Raymundo esqueceu tudo o que os separava; todo o abysmo de dôr que, talvez estouvadamente, puzera entre si e aquella delicada e bella mulher.

Uma grande piedade amorosa, uma loucura dos sentidos, uma das mil contradicções que formavam o character desse estouvado rapaz, fel-o apoderar-se com um enthusiasmo ardente das mãos finas de Constança, repetindo aterrado: — Mas eu estou louco, Constança! Eu amo-te ainda! Eu morrerei longe de ti! Não vês que te amo?! Ah! Meu Deus, meu Deus! Que hei de dizer-te agora, se fui eu quem te trahiu!

— Meu amigo — tornou-lhe ella com uma tristeza solemne e triste — se tu és um homem de bem e se eu sou uma mulher de sentimentos, não poderemos mais ver-nos aqui. De hoje, em diante serei sempre tua amiga; deixei de ser a tua amante. Depois do passo a que me impelliste, seria a meus proprios olhos a mais vil das mulheres se trahisse a delicada creança que por ti fui illudir! Disseste-me que era a tua felicidade que nisso me pedias... dei-te, pois, a felicidade! Que queres mais de mim, amôr meu? A vida? A luz dos olhos? O coração fóra do peito? Oh! Falla; falla, amor, que eu tudo te farei; tudo, menos uma traição

mais!... Eu já aprendi muito dolorosamente que a traição arrasta consigo, como fructo, a desgraça e nunca a ventura!

E como Raymundo, louco de dôr, lhe cahisse de joelhos aos pés, ella proseguiu dominando a propria exaltação:

— Raymundo, quando Leonor pousar sobre a tua fronte febril e desvairada a sua mãosinha pura e innocente, essa caricia dum anjo ha de acalmar, como por encanto, a magoa que te devora!... tu amal-a, a ella e só a ella, crê! O que te arrasta para mim é apenas a gratidão, a piedade, o habito e talvez o sopro dum desejo! Mas a tua alma foge para ella, com as suas azas de ouro, que as desgraças e as desillusões, porventura ainda não crestaram! Não é a mim que tu amas, Raymundo, não e não! Amal-a a ella e só a ella, que o verdadeiro amor é exclusivo! Deixa-me passar... deixa-me ir seguindo o meu fado! Não voltes a cabeça para ver passar uma sombra! Oh!... este amôr foi um sonho... mas não foi um sonho mau!

E a marquezia, sentindo que as forças a abandonavam, desviava os olhos de Raymundo, sempre ajoelhado, e dizia-lhe solemne:

— Oh! vae-te, vae-te! tu bem vês que é impossivel, agora! Raymundo, meu amigo, bem vês que tudo findou!

Então, beijando-lhe a fimbria do longo vestido roxo, Raymundo murmurou abatido, entre lagrimas de commovido desespero: — E a tua vida

cortada... os teus sonhos desfeitos... e a tua consciencia ferida!... Ah! Eu queria morrer, Constança... e não queria ter-te causado esta medonha desgraça! Comprehando a tua dôr e a tua horrivel situação! Eu matei-te, alma adorada, que só o meu bem vias no mundo!

Mas Constança affastava-se, recuava... fugia ao contacto de aquellas mãos ardentes, como ao contacto dum punhal envenenado!...

Quando elle ergueu a cabeça, viu-a já á porta do fundo do grande salão vermelho, levantando com o seu braço de esculptura o reposteiro de damasco, e acenando-lhe um eterno adeus, com o lenço de rendas brancas... Depois, ouviu ainda um grito mais longe, soltado talvez da alcova ou do *boudoir*, onde tantas vezes lhe tinha jurado o seu ardente e eterno amôr.

Esse grito repetia-lhe imperioso e firme:—
Vae-te, vae-te, vae-te!

Raymundo levantou-se louco. Era preciso acabar... Lançou involuntaria, inconscientemente um olhar de saudade a cada movel, a cada quadro, a cada *objecto* que não tornaria mais a vêr, e preso de uma horrorosa anciedade, fugiu, fugiu como doido, dessa casa que lhe fôra por tantos annos o paraizo!

As pulsações desordenadas do seu coração nem se poderiam contar naquelle instante em que elle soffria, soffria deveras... pela primeira vez na vida!

V

Três mezes teem decorrido, após a dolorosa scena que acabamos de ver.

Era uma tarde de abril.

Começavam as rosas a florir e as andorinhas a aninhar.

O sol estendia pelos campos o seu manto e dourando-os, dourava tambem o coração dos camponezes.

.....
É o cemiterio um campo santo e... extranha anomalia das cousas!... nem sempre os camponezes que nelle trabalham são os que trazem o coração mais triste ou mais contrario ao folgar.

É no cemiterio de *** que repousa no seu riquissimo jazigo o nobre marquez de G.

Trabalha-se no campo santo, com afinco e alegria!

Os coveiros abrem contentes a valla, onde, de

ahi a momentos, vão lançar o corpo mirrado da misera velhinha; o duma mulher nova e formosa ou o duma creancinha cheia de innocencia e de sonhos ridentes.

A enxada bate na terra com um som lugubre que nos arrepiã as carnes.

Mas o coveiro canta ao abrir as covas e diz uma e outra facecia a proposito do seu terrivel e sinistro officio, cujo horror, cuja tristeza, parece de todo em todo desconhecer.

E' ao fundo, para lá de essa especie de valle semeado de cruces e de cyprestes, num ponto de que o sol foge cedo, que fica o jazigo do marquez de G.

O dia tinha sido movimentado; parecia que se tratava de alguma epidemia; não houvera descanço.

A sineta começava a dobrar lembrando aos vivos que as trevas da noute vão descer sobre aquellas cruces solitarias; que os mortos querem repouso... que cumpre deixal-os a sós com Deus.

Mas no jazigo do marquez, um vulto se conservava immovel, firme, a meio cahido sobre a lagea e com a cabeça encostada aos degraus do altar.

Uma mão branca, fina e transparente, segura ao de leve entre os niveos dedos a fita de moirée preto que desce duma das corôas depostas sobre a preciosa urna.

Desce a noute. A porta do jazigo continúa fechada. Vae fechar-se tambem a porta de ferro do cemiterio.

Ninguem notára o vulto nem sabia mesmo que o defunto marquez tivera nesse dia a visita da sua viuva...

Logo ao entardecer, Constança viera trémula, quasi a medo, pedir á memoria do marido... quem sabe o quê?... O perdão? o esquecimento? Que partilhasse com ella a sua morte como com ella partilhára a sua vida?

Esmerára-se a marqueza na derradeira toilette. A longa cauda do vestido de velludo preto, cahia com a mais correcta elegancia sobre os folhos interiores de *balangeance* de seda lilaz.

Numa das suas nevadas mãos segurava um grande regalo preto, dentro do qual, pelo cuidado assiduo com que o mirava, se adivinhava occulto algum objecto a que ligava subida importancia.

Entrára o portão do cemiterio com um passo decidido, desembaraçado.

Apezar da commoção viva que a agitava interiormente, ninguem poderia suppôr ao vel-a que ella transpunha duma vez para sempre aquella porta fatal.

Subiu á parte mais elevada do campo.

De ali contemplou esse espectaculo mudo e simples das campas erguendo a Deus uma prece na voz de cada passarinho que vôa; no derradeiro e melancolico raio do sol; na aragem que

agita os ramos verde-escuros dos cyprestes esguios.

Tinha commettido, sobre os outros, o delicto de nunca ali ter entrado depois da morte do marido.

Um terrivel sentimento de egoismo amoroso a tinha separado de tudo o que lhe recordasse outro homem, vivo ou morto, presente ou ausente, que não fosse Raymundo.

Não é quando a felicidade nos sorri que o remorso e as saudades dos mortos recrudescem em nós!

— Constança, oh! Constança — dizia-lhe agora alto a voz tardia da consciencia — teu marido era o teu melhor amigo e trahiste-o!

E depois de trahil-o, nem um sentimento de gratidão pela sua nunca desmentida bondade, nem um remorso, nem uma saudade do amigo, ao menos, te trouxe a regar com uma lagrima o seu desolado tumulo!

Cahia a tarde. Então, descendo rapida pela rua do meio e atravessando quasi numa corrida as mil sepulturas pobres que tinham apenas um numero e uma cruz erguida ao ceu, Constança achou-se defronte da porta do jazigo.

Com mão trémula e gelada, abriu essa triste porta e certificando-se de que ninguem a vira metter a chave e entrar, fechou-se dentro e murmurou ao cahir de joelhos sobre os degraus do altar:

— Meu amigo, meu unico, meu verdadeiro amigo, tarde conheci o thesouro da tua alma! Perdoa-me e recebe-me nos teus braços generosos!

.....
Fóra, o sino continuava a tocar, convidando os vivos a sahir.

Constança tirou o chapéu e sentou-se um momento muda e abatida.

De dentro do regalo, tinha tirado um frasco com um liquido branco que parecia agua.

Era uma dóse repetida de morphina que um medico lhe receitára mezes antes para uma dôr e que um boticario imprudente aviára de novo, duplicando assim a dóse de que Constança podia dispôr.

Cercava-a o silencio da morte; e o silencio e a quietação da morte ella buscava para acalmar a dolorida tormenta que lhe ia na alma.

O sino calou-se. Constança não ouvindo o menor ruido que á vida a chamasse, ficou longo tempo meditando, com os olhos fitos na urna onde dormia o marido e segurando o frasco de morphina nas mãos.

Sentada nos degraus do altar, vestida com o seu longo vestido de velludo negro, com as mãos brancas e modelares a sahirem dos tufos perfumados de rendas pretas, com os cabellos ondados um pouco desfeitos sobre os hombros a moldurarem a oval artistica do seu alvo rosto, Constança

tinha já em si o que quer que era de sobrenatural. . .

Lentamente, com uma segura lentidão de quem tem perfeita consciencia dos seus actos, a pobre começou a beber o liquido.

Quando chegou ao meio parou e com uma voz repassada de tristeza, disse: — Como é amargo, meu Deus!

Tinha descido até ao chão e apoiava o cotovello no degrau do altar.

Constança não procedia hallucinada.

A sua decisão era devida ao reconhecimento de que realmente tudo para ella findára.

Procurando a ultima morada do marquez para realisar o seu triste designio, obedecia a uma subita saudade, a um remorso, que lhe mostrava a alma de aquelle homem que por outro ella offendera, aureolada pela suavissima luz de uma bondade sem limites.

No espirito de Constança todos estes pensamentos se atravessavam.

Um quarto de hora tinha passado. Começou a invadil-a uma extranha sensação de bem estar, e ella ageitando-se, recostando-se mais, continuava com os olhos fixos na urna de mogno onde dormia o seu unico amigo; e nos seus bellos olhos velados, começava a apparecer a morte, naquella fixidez terrivel dos que olham já sem ver.

Entrára na volupia dum primeiro sonho; — o marquez'entreabria a urna pesada, onde cinco

annos antes o tinham deitado, e vinha com aquella antiga sollicitude dum pae sentar-se á cabeceira do seu leito improvisado.

Pegando-lhe nas mãos e com a voz grave e baixa que jámais elle tinha levantado diante de aquella que tratára sempre como uma creança mimosa, Constança ouviu dizer-lhe: — Aos pés de Deus, longe das penas do mundo, onde tudo é quietação, amôr e paz, vivo a vida celeste que as paixões da terra não podem perturbar. Venho buscar-te, amiga, vem! Trouxe-te umas azas de anjo, para que possas voar!..

Um resto de consciencia, uma vaga percepção da vida fez ainda com que ella, erguendo-se um pouco, procurasse com o braço pesado o frasco que continha o resto da morphina, deixado em meio.

Entontecida, com a cabeça a pender-lhe para o peito, teve trabalho em exgotar o precioso liquido que entre sonhos de ouro a ia libertar das cadeias terrestres.

Repousou novamente a sua cabeça linda sobre o degrau do altar e um raio da lua que nesse momento apparecia com um circulo arroxeadado no ceu azul sem nuvens, penetrava no jazigo atravez dos vidros coloridos da porta e prateando a fronte nivea de Constança a sonhar os derradeiros sonhos da morte!..

.....
Longe, bem longe de ali, em flagrante con-

traste com este noivado de sepulchro, Raymundo desprendia da frente da noiva o veu e a flôr de laranjeira, e murmurava-lhe ao ouvido: — Minha, minha para sempre!

.....
A chronica não nos revela se os annos trouxeram as costumadas desillusões a este ditoso par!...

A confissão

(NO HOSPITAL)

Progressivamente sentira extinguir-se-lhe a vida... Não podia dizer-se que a morte a viera surprehender; esperava-a, havia longos mezes, com aquella profunda indiferença com que a esperam sómente aquelles para quem a vida tem sido uma longa via dolorosa.

Nos seus fartos e ondulados cabellos, onde começava a ver-se um ou outro fio de prata, desaparecera por completo o apuro, o esmero, a garidice dos tempos passados.

Conservava-os presos sem fita nem enfeites, apertados numa trança e pregados no alto da cabeça.

Na pallidez mate de aquelle rosto de cera estava o soffrimento physico e moral definidamente expresso.

Era mysteriosa comtudo aquella insinuante

physionomia, onde por vezes perpassava a luz de um terníssimo sorriso, para cedo se desfazer num olhar de extrema e incompreensível dureza.

Dir-se-ia que essa mulher era a estatua da dôr, da dôr incompreendida, que nasce e morre dentro do peito a que faltou um ouvido attento para lhe escutar o gemer!

Punha-se o sol, penetrando pela enfermaria os derradeiros raios que douravam o leito da doente.

Junto d'ella, como um espectro, firme e calma na consciencia do seu piedoso dever, uma irmã de caridade velava e alliviava os seus soffrimentos.

Havia dois longos mezes que a doente cahira naquelle assustador abatimento apenas interrompido por uns momentos de allucinação doida, de infinito desespero.

— Minha irmã — dissera ella num desses momentos á irmã enfermeira — sabes o que é morrer?

— Sei — respondeu-lhe inabalavel e firmemente — é dar contas a Deus do que fizemos no mundo e ter-lhe depois o premio ou o castigo segundo Elle o decidir e entender no seu alto juizo.

Calára-se. Dir-se-ia que ella receiava bem mais o juizo dos homens que o juizo de Deus.

Dar contas a Deus?... Ah! Como isso se resumia em pouco para ella que tantas vezes na vida lhe pedira protecção e amparo e que na terra tinha já, tão amargamente pago as faltas a que o coração a arrastára!

A justiça de Deus? Sim! Queria-a, muito antes que a justiça dos homens.

A justiça de Deus sondaria piedosa e profundamente a sua alma apaixonada e ferida; o seu coração sinceramente arrependido e magoado, pesaria na infallível balança do bem e do mal.

— Nos caminhos da vida tropeça-se tanta vez, minha irmã! O destino leva-nos ás vezes tanto mais longe que onde queríamos ir, que é grato pensar não ser a justiça humana que nos espera na hora derradeira, mas sim a justiça infallível, a justiça de Deus, a verdadeira justiça.

— Mas para isso é preciso também um pouco da justiça humana, ou antes, a justiça de Deus sob a fórmula de justiça humana. Quando sentimos aproximar-se a hora extrema... a religião manda que se chame um padre a alliviar nossas almas do peso dos seus pecados, para que, leve e pura, ella suba aos pés de Deus, que, perdoada, a receberá nos seus braços de Pae.

— Chama-o, minha irmã — tornou-lhe a doente com uma infinita esperança a brilhar nos olhos amortecidos.

Depois, concentrada, recolhida em si propria, pareceu fazer um exame de consciencia, um doloroso acordar de todas as horas da sua vida accidentada e romanesca.

Viu passar ante os olhos os primeiros annos da sua mocidade louca e devaneadora; o tempo

em que malbaratava os seus sorrisos e os seus olhares...

E uma nuvem de desgosto, de tristeza, de angustioso desespero perpassou pela sua pallida fronte que ella encostára nas mãos!... mãos dignas de servir de modelo ao esculptor que o procurasse para uma imagem de Nossa Senhora!

Viu a mãe perdida havia longo tempo, a imagem da mãe que ella amára com todas as veras do seu coração apaixonado, mas cujas palavras e sãs doutrinas não tinham podido desviar-a do temeroso caminho que a phantasia lhe traçára!

E uma lagrima de saudade, uma lagrima longo tempo contida, soltou-se-lhe vagarosa, lenta, pesada e incerta. Quão longinqua ia a imagem que a fizera brotar!

Cerrados os olhos, viveu toda a sua triste vida á hora da morte!

E como fôra accidentada e cruel por vezes a vida da desventurada mulher!

Pareceu-lhe que sonhava; mas a vida vista atravez do veu da morte affigurou-se-lhe menos triste, menos pesada, menos insupportavel.

Febrilmente gasta e vivida, nella... houvera faltas pelas quaes deveria tremer; mas tinha tambem havido rasgos de sublime abnegação e desprendimento de si.

Ao longe, num horisonte de lucto e de lagrimas, via alguém que como terna e abençoada mi-

ragem, a chamava ao ceu, prometendo-lh'o numa tranquillizadora firmeza.

Foi nesta especie de sonho, neste momento de consoladora esperanza, que ella viu entrar o padre, solemne, hirto, vagaroso como uma apparição, como a sombra da morte que a buscava.

Tremeu e teve um gesto de supremo desgosto... É que nesse instante, pela sua fronte abraçada pela febre, perpassava a recordação de algumas horas de infinita doçura, divinas, de amor e confiança, junto da imagem bemdita que ella evocava ainda na hora derradeira.

O padre avançava e com um passo pesado e lento parou junto do leito, fixando na moribunda um olhar que, se se encontrasse com o della, lhe não daria certamente a doce confiança, a prometedora esperanza que allivia as dores physicas e moraes daquelle angustioso momento.

Uma ligeira crispação de labios e um ranger de dentes ainda reprimido por uma energica força de vontade, começava a agitar a pobre rapariga.

Tornou a abrir os olhos e numa voz mais firme que a que se podia esperar do seu estado: — Ah! Sois vós, padre?... Bemvindo sejaes... — E depois, como attentasse em que elle mandava affastar todos quantos lhe cercavam o leito, proseguiu ainda mais firmemente:

— Deixae, peço-vos; a minha vida não tem segredos. É uma via dolorosa a contar e diz-se em poucas palavras.

—Está bem. Eu ouço — tornou-lhe o padre com uma voz fria e cortante, dando-lhe o crucifixo a beijar.

.....
Por onde começarei?... A minha vida tem sido uma serie de aventuras mais ou menos romanescas, mais ou menos fugaces, sempre desgraçadas.

Tinha dez annos quando a sorte me deixou sem pae, entregue aos cuidados duma mãe boa — a melhor das mães — mas doente, pobre, alquebrada por toda a sorte de desgostos e de difficuldades na vida.

Luctei, luctámos ambas; começou para nós a ser a vida uma dolorosa provação, aggravada pelo estado de saude da minha mãe, cada vez mais fraca, mais resentida e delicada.

Cada vigilia a que o trabalho da agulha nos forçava, ia deixando nella mais exgotamento de forças, mais fraqueza, mais symptomas do mal que cedo me havia de tornar completamente orphã.

A breve trecho minha mãe não pôde continuar, ficando eu só — pobre obreira de quinze annos! — para prover ás suas e minhas necessidades de cada dia.

Até aqui... como vêdes, padre, não ha faltas, culpas na minha vida. Nessa epocha, comtudo, começaram a germinar no meu espirito os primeiros pensamentos maus.

Minha mãe soffria... necessitava mil cousas que eu não podia dar-lhe com o miseravel producto do meu trabalho de agulha.

A preguiça começou tambem a tornar-me morosa no trabalhar.

Emquanto eu via a mãe sempre corajosa e resoluta, dando-me o mais santo e nobre exemplo, não sentia, não tinha mesmo talvez, tempo para sentir as más tentações que me assaltaram depois.

Agora, ella ficava horas e horas calada, no seu leito de dôr abrazada pela febre e incapaz de me animar como outr'ora ao bem, por uma palavra ao menos que me chamasse á honra ou ao dever.

Nesse tempo — já lá vão bons vinte annos! — diziam que eu era formosa. O mundo é cheio de escolhos... eu era inclinada ao mal... O luxo, a vaidade, a preguiça, tudo me arrastou para uma vida doida, que se prolongou durante uns annos, após os quaes acordei — posso dizer assim. — Que no corropio da vida que eu levava, sonhava um sonho de ouro e de vergonha — acordei sem mãe! Pobre mãe, morta de desgosto pela minha desgraçada conducta!

Sem mãe, mas com um filho nos braços!

Como nascera aquella pobre creança loura, linda, rosada e pura?... Como baixára aquelle anjo de Deus ao regaço duma mulher perdida que nem mesmo poderia saber quem lhe era pae?

Eu olhava para o seu rosto de neve, para os seus bracitos pequenos e innocentes e sentia vergonha, uma grande vergonha de mim, da minha vida sem lei, sem religião, sem Deus!

Um dia, regressando exausta, duma longa orgia, adormeci profundamente e vi em sonhos minha mãe que me disse num tom de voz rispido e severo que eu nunca lhe conhecera: — Os teus desvarios mataram-me. Deus não dá a consolação da familia á mulher que troca a honra e a virtude, pelo ouro, pela preguiça e pelo luxo. O pão que tu comes, é envenenado. Partilhei-o, morri. O teu filho morrerá tambem, se não suspenderes o rumo desgraçado, de essa vida de dissipação e de vergonha!

Acordei; e como louca, hallucinada, corri ao berço de meu filho e certifiquei-me que tudo aquillo fôra um sonho; que elle estava vivo e bem vivo; rosado, fresco e gentil, com o seu alvo e delicado corpinho, deitado entre as rendas e os linhos que a minha vergonha lhe grangeava.

Comtudo, o luxo, a tentação da vida sem cuidados, continuavam a seduzir-me doidamente.

Lembrava-me do sonho que me fizera uma extraordinaria impressão, e ou fosse hallucinação da minha cabeça desvairada, ou fosse nevoa que velava os meus olhos cançados, pareceu-me que as roupas, as rendas, as sedas, em que eu envolvia a creança, começavam a manchar-se, a enne-

grecer de instante a instante, sem que nada se tivesse entornado.

Apenas o vestia, um minuto depois, a roupa perdia a sua deslumbrante alvura, amarellava, ennegrecia!

Eu renovava-a, mas minutos depois, dava-se o mesmo extraordinario phenomeno!

Lembrei-me do sonho; vieram-me á lembrança as palavras da mãe:

—O meu pão era envenenado; o meu dinheiro, maldito; o meu luxo, manchado!

Quando despia a creança, comecei a notar que no seu alvo corpinho de marfim, appareciam tambem as mesmas nodoas, primeiro claras, depois rubras para mais tarde arroxear e ennegrecer.

Não era já illusão da minha vista. Eu via-as bem, nitidas e repellentes, chagando-se a creança, mezes depois, completamente desfigurada.

O mal recrudescia, augmentava, e eu tinha um horror criminoso sentindo pesar no meu regaço o miseravel corpinho disforme, esqueletico agora, quasi sem feitio e sem fórmãs, tal foi o estado lastimoso a que chegou em breve seu mal.

A lepra, manifestára-se horrivel e repugnante, no meu pobre filho, outr'ora tão lindo, tão branco, tão rosado e tão perfeito, que parecia um modelo de marmore côr de rosa!

A pobre mulher callou-se um minuto, ouvindo-se um doloroso gemido escapar-se-lhe do peito

angustiado, gemido de dôr, de remorso, de saudade e de receio...

Como se aquelle evocar de tão tristes recordações não fossem bastantes a magual-a, a voz do padre, áspera e quasi rude echoou terrível no silencio da vasta enfermaria.

— Deus castiga nos filhos os peccados dos paes!

— Morreu-me o filho — proseguiu ella comtudo, como se não tivesse ouvido aquella phrase terrível — Eu não tinha mais ninguem no mundo. Não amava ninguem. Nunca tinha tido amor a homem nenhum. Tinha-me vendido como uma mercadoria, fazendo-me valer o mais possivel, pagando-me pelo mais alto preço que podia obter.

Homem algum na vida me devia um beijo de amôr... eram de interesse os meus beijos, simplesmente de interesse, que nenhum me acordára o coração morto sem ter vivido, adormecido sob a camada de lama em que desde a mocidade o deitára.

Foi muito tarde, tarde, que, no meio do doido redemoinhar da minha vida, surgiu emfim a luminosa estrella, o amor bemdito que havia de remir o meu triste passado de vergonha.

Conheci-o, como a tantos outros... na vertiginosa carreira que me traçára!

Mas esse homem de alma chrystalina, de excepcional bondade, achou no seu piedoso coração amor, ou talvez caridade, para a mulher a quem o

mundo só pedia distracção e prazer, e lhe pagava atirando-lhe umas vís moedas de ouro.

Pouco a pouco, aquelle homem foi trazendo ao meu coração o tédio pela vida que eu levava, o horror ao ouro por que me compravam, o desejo secreto, primeiro, mal definido, depois claro e constante, de viver numa athmosphera de carinho e de amôr, de ser delle mas só delle, de abandonar o mundo e fugir para longe, muito longe, onde ninguem me visse nem conhecesse, trabalhando, regenerando-me, fazendo brotar em mim uma alma nova, sã, perfeita, para lh'a offerecer, rehabilitada e esquecida do viver de outr'ora.

Quando todos os outros me tratavam com bestial rudeza, elle achava palavras de carinhosa piedade para a desventurada, que o olhava espantada de aquella linguagem nova, completamente nova para os seus ouvidos de mulher infeliz!

Fallava-me de esperança, de rehabilitação, de amôr e de esquecimento do mal. Numa vida de trabalho commum, de abandono do mundo para viver escondida e modestamente, sendo-lhe companhia terna e fiel. Fallava-me de Deus, de cousas santas e sagradas, que eu julgava profanar, só a ellas levantando o meu pensamento impuro! E eu sentia-me a pouco e pouco transformada!

O que não tinha conseguido a mãe, com o santo e nobre exemplo, com os ternos conselhos, com as doutrinas sãs, o que não pudera o filho com a sua candida e dôce innocencia, conseguia-o

agora esse homem com a palavra illuminada pelos thesouros de ternura e piedade do seu incomparavel coração.

Mezes depois, estava regenerada! Vivia longe do mundo; nada d'elle sabia nem procurava saber, desse mundo que me fizera tanto mal! Póde dizer-se que eu era a Magdalena arrependida, e elle o Christo redemptor.

Ninguém conheceria na sensata e honesta rapariga que cada dia o esperava, confiante e feliz, no seu modesto traje de chita ou lã, simples, pobre, mas alegre e fresca, a mulher aviltada e perdida, que, mezes antes, cantava canções libertinas numa ceia de rapazes, entre uma garrafa de champagne e dois charutos!

A transformação fôra radical, completa, e honrava aquelle que tão suavemente a operara.

Quando, á tarde, sentados á beira da estrada solitaria, para onde dava o nosso pequeno jardim, eu sentia o mar a poucos passos d'ali, surgir ou sussurrar mansamente, gostava de cantar, aos harpejos da minha viola; mas desta vez eram barcarolas, romanzas, baladas que eu cantava, onde se celebravam amores castos e ternos como era o nosso! Dir-se-hia que eu não conhecera outros, tal era a ingenuidade e a frescura, que o amôr me punha na voz!

Elle sorria, encostava a cabeça no meu regaço, e, ás vezes, a lua, rompendo limpida e clara no azulado horizonte de uma noute de verão, surprehen-

dia-nos assim, quasi adormecidos nessa muda e suave contemplação!

.....
Mas, padre, no mundo a ventura não se fizera para mim.

Um dia, o dever arrebatou dos meus braços esse homem que era toda a minha ventura na terra, talvez a minha salvação no ceu! Era militar e a honra o chamava a atravessar aquelle mar gemebundo e plangente, que tanto ouviamos sorrindo e cantando.

—Crê, ama e espera — disse elle ao partir...

—Cri, amei e esperei... mas a minha felicidade no mundo estava finda. Pouco tempo depois, sabia que o meu amante ficára no campo da honra, atravessado por uma bala, realizando prodigios de valor que lhe custaram a sua preciosa vida!

Estava exausta. Á medida que acordava o seu horrivel penar, as forças iam-lhe faltando, a voz sumia-se-lhe e a fronte cobria-se-lhe duma pallidez marmorea, que só a morte costuma trazer.

Por um supremo esforço continuou ainda:— Depois d'isto, morreu-me na alma toda a esperança. Deixei-me tambem morrer! O desgosto... as necessidades da vida a que não mais tratei de prover... trouxeram-me a este leito de hospital.

Estou aqui ha três mezes, e todos os dias peço a Deus que termine o meu fadario e que me perdoe os meus peccados, dos quaes estou profunda

e sinceramente arrependida, eu vol-o juro pelo Christo cujos pés régo com as minhas lagrimas.

—Filha— volve-lhe o padre, no mesmo tom severo e rispido— nesse arrependimento tem de entrar o tempo que viveu com um homem que não lhe pertencia perante Deus! Repilla da mente, essa imagem ainda peccaminosa, maldiga esse tempo de crime e a esse preço eu lhe prometto o ceu onde o Pae receberá nos braços a sua alma arrependida!

Um raio que cahisse aos pés da desgraçada não lhe teria causado mais profunda impressão, que as palavras injustas e frias que ella acabava de ouvir.

Ergueu-se sobre o cotovelo e fixou o padre por um momento com uma expressão terrível e energica desenhada no rosto. Depois, com uma voz vibrante e quasi firme, apostrophando o padre, num movimento de soberano desespero:— Fallaes-me em Deus e quereis que eu repilla da mente a unica recordação que nelle me faz crer?! Fallaes-me no ceu e quereis que eu renegue o meu Deus de amôr e redempção?! Fallaes-me em perdão e quereis que eu maldiga o unico tempo da minha vida, que me provou que ha justiça e bondade na terra e no ceu?!...

Que vindes fazer aqui, padre, que deshonnaes a religião; padre, que ameaçaes em nome de Deus; padre, que vindes mais ao serviço do inferno que do ceu! Não! Eu não vos reconheço

por padre! Eu não renego o meu Deus na terra! Eu não creio que Deus do ceu que é pae, generoso, grande e bom, condemne aquelle santo e bello amôr pelo qual me remi! Ide-vos!

Á hora da morte, não se impõem condições ao perdão de Deus.

E num gesto soberbo, imperiosamente justo e energico, apontava a porta com o braço e com o olhar, esperando vêr sahir aquella apparição do mal.

Como o padre ficasse ainda irresoluto, indeciso, perante aquella incrível e corajosa apostrophe: — Ide-vos, padre, que deshonraes Deus e a religião! Ide-vos! Eu morrerei sem padre;... eu me julgarei a mim e Deus me perdoará!

Na sala fria e enorme todos tremiam vendo aquella suprema lucta á hora da morte. Mais ainda, quando o padre recuando e olhando-a fixamente como a uma creatura já condemnada e ardendo nas chammas do inferno, deixou cahir dos labios tremulos e pallidos de raiva, estas sinistras e tremendas palavras: — Affastai-vos da maldita! Não lhe toqueis mais! Tratai da excommungada como do leproso, seu filho;... evitae-lhe o perigoso contacto! Deus não perdôa os peccados da carne, senão quando elles estão sincera e totalmente arrependidos!

Ella morre em peccado mortal!

Passou pelos assistentes um frio estremecimento de horror.

O padre sahiu, e, como se a alma da desventurada apenas esperasse isso para se desprender das suas cadeias terrenas, a moribunda cahiu sobre o travesseiro, inerte, esgotada a vida naquelle ultimo esforço.

As irmãs da caridade e as enfermeiras envolveram na grossa e dura sarapilheira do hospital, aquelle bello corpo que outr'ora se envolvera nas mais ricas e custosas rendas; tendo cuidado em não tocar na *excommungada, morta em peccado mortal!*

Comtudo, depois de morta, ella adquiriu uma expressão de doce calma, de confiante sorrir, que contrastava com a terrivel expressão da hora do passamento!

... É que, sem duvida, Deus a recebera nos braços, clemente, justo, recto e infallivel na sua justiça celeste, que ninguem no mundo póde comprehender, representar, nem substituir!

Destinos . . .

A noute estava fria, tempestuosa, medonha. Grandes bategas de agua entremeada de granizo, batiam violentamente de encontro ás vidraças e á porta mal segura da humilde casita do João do Sorrego.

Na lareira um bom fogo de pinheiros, com as suas labaredas altas e azuladas, atenuava o rigor d'aquelle immenso frio de dezembro.

Tinham soado as dez horas da noute. Os lobos e a ventania uivavam sinistramente em redor do casebre.

João do Sorrego, com os pés assentes sobre os grossos tamancos de pau, escutava commovido a voz da mulher, que se viera assentar tambem junto do lume, quando acabou de adormecer o ultimo pequenito.

— Pois é verdade, homem ! Desde hontem de

manhã que ando só a considerar n'isto... e que não posso esquecer este caso da Joanna do alto da Villa!... Se a visses! Chorava que se matava! Cortava o coração vél-a! Principalmente o coração de quem é mãe.

— Como soube ella que o filho tinha morrido? — inquiriu baixinho o marido.

— Por um outro soldado que o acompanhou e o viu cahir morto na ultima guerra contra os pretos...

E Luiza, tremula de commoção, continuava em voz baixa para não acordar os filhos: — Vae uma mãe a Lisbôa, mette-se aos caminhos com a ancia de abraçar o querido filho, na volta de tantos trabalhos... e entra em casa com o coração retalhado de saudades e de lagrimas! Foi a Lisbôa vestir-se de luto!... E, viuva e sem mais ninguem, que ha de ser da pobresinha?!... —

A chuva continuava a rufar nos vidros, impellida pelo mesmo vento ensurdecedor...

Já de ha muitas horas, que, conforme o costume, se devia dormir em casa de João do Sorrego.

Mas, naquella noute, como desde a manhã, Luiza andava alvoraçada e receiosa, com o coração angustiado pelas magoas da Joanna do alto da Villa, rapariga do seu tempo e da sua criação, sua companheira; e tambem por um secretò e terrivel pensamento que lhe tirava completamente o somno e a alegria.

Puxando o banco, em que se sentára, para

junto do marido, com as lagrimas a borbulhar nos grandes olhos azues e infinitamente expressivos, a pobre mulher num tom baixinho, como quem receasse ser ouvida por algum inimigo invisível, murmurou-lhe quasi ao ouvido:

— E o nosso José, tem dezanove annos! Para o mez que vem é o recenseamento; já m'o disseram. Olha, João, que a gente nunca tem tido sorte! Verás como o rapaz tira numero baixo e nos vae por-esse mundo fóra a serviço do rei e em busca da morte! Ah! João! Se falhasse o que nós sabemos! . . .

E o seu olhar immensamente terno, immensamente bom e immensamente amante, seguia a direcção do tabique, atraz do qual dois bancos de pau, grosseiramente talhados á enxó, sustentavam o enxergão duro, sobre o qual o filho descansava.

João do Sorrego, cujos olhos começavam já a fechar-se ao peso do tranquillo somno habitual, sentiu como que o contagio da dôr presentida da companheira, e olhando-a fixamente, cofiando com a mão callosa a barba ainda negra e completamente serrada, disse, surdamente:

— Já tenho pensado nisso! . . . Mais do que julgas, mulher! . . . Nos sômos tão *desinfelizes* que o duro mourejar do meu trabalho, mal chega para o sustento dos oito filhos que temos. . . Sobre-tudo a doença da Maria e do Antonio. . . temos atrazado para toda a vida! Os outros, tão pequenos ainda! . . . Ah! Luiza! Juro-te que, se

eu tivesse agora ao canto duma gaveta cento e cincoenta mil réis, era o homem mais feliz do mundo; e não ia o nosso José por hi fóra, a longe de nós!...

.....

Tinha começado janeiro — o mez terrível...

José, o filho do João do Sorrego, era um grande, enorme rapagão, que a melhor e mais profunda piedade do medico inspector, lacrimosa e desesperadamente solicitado pela pobre Luiza, não poderia de todo isentar do serviço da tropa.

Luiza bem o sabia e bem o dizia num santo orgulho maternal: — O meu José é o moçetão mais alentado cá do sitio! Onde elle deita o braço, é seu! Não ha ahi um mais perfeito em toda a redondeza!

.....

Um caso se déra no sitio, que fazia todos os camponios voltar a cabeça e dizer com, uma intima piedade, ao contemplar toda a «baixa do Sorrego»: — Batata semeada no mez de novembro! O João endoideceu! Então o tôlo não vae pôr aqui isto... semear em novembro, quando os nevões que até já haviam de ter começado, lhe veem agora dar cabo de tudo?! Está doido! Um homem do campo!

Sobre a encosta enorme da extensa «baixa», suavemente descaída, repellindo as aguas, a rama verde e luxuriante do batatal, parecendo um grande tapete de verdura, alegre e altaneira, com dois

mezes de vida, rumorejada pelo vento fraco sussurrante, lançava um murmúrio de desafio aos ditos de quem lhe agourava a existencia e a inaudita precocidade...

Mas porque teria o João, um homem velho, experimentado em cousas de lavoura, semeado a batata em novembro?

E' porque... respondia elle sempre com um enigmatico sorriso a quem lh'o perguntava. Vocês verão! Talvez Deus me ajude nos meus intentos... Vocês verão!

Entretanto, o grande segredo, o segredo rigorosamente guardado entre os dois esposos, era o seguinte:

Luiza sonhara que Nossa Senhora dos Afflictos lhe apparecera e lhe havia ordenado, conseguir do marido a cedencia da «baixa do Sorrego» para uma sementeira que Ella, Senhora, lhe abençoaria, e que, vindo fóra do tempo e «na novidade» lhe renderia os cento e cincoenta mil reis para salvar o José do serviço militar.

No labutar do seu pensamento constante, a pobre vira, vira claramente... E, ao acordar, desvairada, as mãos lentas e trémulas, a voz sumida e entrecortada de soluços, tinha exigido de João, que lhe deixasse tentar aquelle ultimo recurso — que crêsse, que esperasse, que se aventurasse como ella.

A mulher, que tinha sido sempre submissa, modesta e trabalhadora, pedia-lhe pela primeira

vez um sacrificio... onde ella via a vida do José.

João tartamudeava, procurava uma desculpa; palavras perdidas!

O seu conhecimento, a sua prática dos campos, diziam-lhe que ia arriscar o pão da familia... o sustento dum anno.

Luiza obstinara-se, adoecera; e, num delirio febril, repetia:

— João, eu sei que a Senhora abençoou aquelle terreno, para eu salvar o meu filho... João, é um peccado não acreditar no milagre que a Santa me prometeu!

Então os lavradores admirados, apiedados e incredulos, viram o velho João do Sorrego semeando toda a enorme «baixa», de batatas, no mez de novembro, quando os nevões de janeiro e de fevereiro lh'a iriam de certo queimar!...

E, com um sorriso enigmatico, mysterioso, respondia: — Vocês verão, talvez Deus me ajude, pela intenção, que é bôa!

.....
Entretanto o mez de dezembro tinha corrido manso, com raros dias de tempestade e extraordinariamente quente, sobretudo.

Quando chovia, umas gotas grossas de agua quasi tépida, não faziam mais que «puchar pela novidade» como dizia o pobre João, começando a acreditar no' prodigio.

Pelos fins de dezembro, comtudo, duas ou

tres noutes de frio intenso, arriscaram gravemente a milagrosa sementeira...

Mas João, revivendo na fé que lhe incutira Luiza, murmurava:— A rama ainda está pequena... Se a neve m'a queimar, rebentará de novo, Se fosse mais tarde, era peor. Emfim, veremos...

Quando ás cinco horas da manhã, Luiza se erguia, tremendo de frio e de susto, a primeira cousa que fazia era verificar se o batatal lá estava crescendo, intacto, milagrosamente resistindo ao frio e ao rigor do inverno que começava finalmente a fazer-se sentir...

.....

Janeiro entrava. João ia sinceramente a acreditar que a Senhora dos Afflictos benzera aquella terra que elle tão extemporaneamente semeara; e ás noutes, sorrindo finamente e batendo no hombro da mulher, formulava projectos:— Em fevereiro, principios de março, levanto-as e marchó com ellas por ahí abaixo a vendel-as em Lisboa «na novidade». Levo as gallinhas, os carneiros e os coelhos; vendo tudo e volto com pouco menos que os cento e cincoenta mil reis!... Depois, Deus proverá. Talvez inda possa pôr milho no terreno e salvar assim o sustento da casa...

E a bôa mulher exultava... exultava e erguia ao ceu as mãos grossas do trabalho, callosas e escuras como as do marido que ella, ha vinte annos, ajudava corajosamente no labôr dos campos.

.....
Mas a natureza tem leis contra as quaes se não pode lutar.

No fim de janeiro, um terrivel nevão pairou sobre a sementeira e crestou completamente a verdura, que, ainda na vespera, sorria altiva e esperançosa na sua côr verde carregada, a denotar vigor.

Luiza erguera-se como de costume, de manhã cedo, alta madrugada.

Olhou para a quinta; e quando os seus olhos angustiados deram com as braças queimadas e irremediavelmente perdidas pelo temporal, um immenso grito de angustia, de infinito desespero, sahiu-lhe da garganta apertada e rouca: — João! Oh! João. Está tudo perdido! Eu morro! Ai o filho... o meu rico filho! —

E cahiu desmaiada no chão.

Dez mezes se teem passado.

Novembro trouxe para Lisbôa o costumado contingente de recrutas.

Na immensa e magestosa parada de lanceiros 2, d'El-Rei, tresentos e cincoenta rapazes aprendem os primeiros passos da instrucção.

Entre elles está um moço, imberbe completamente, louro, de olhos azues; alentado, erguendo a cabeça por sobre todos os outros, com uma es-

plendida musculatura — um bello typo de soldado, « um bello lanceiro » como lhe chamára o medico inspector.

E' o 78 do 4.º esquadrão — o filho do João do Sorrego e da bôa Luiza.

A lei é a lei. Dura e inflexivel como o proprio ferro.

Cada um tem na terra o seu destino marcado. José do Sorrego, tinha que ser militar !

A bruxa do moinho

Havia já tres annos que o Lino partira para o Brazil, a angariar, dizia elle, os meios com que pudessem desempenhar-se e viver elle e sua mulher, numa relativa abundancia e independencia.

A Emilia bem lhe tinha pedido que não fosse; que não a deixasse a sós com a filhinha de dois mezes no regaço; tão longe e tão saudosa d'aquelle por quem tanto soffrera; que lhe tinha custado a malquerença de toda a familia; que todo o povo lhe mostrava como a peste mais refinada de toda a redondeza, mas a quem ella, apesar de todos os pezares, quiz dar a mão de esposa.

Bem lhe pedira com as lagrimas a brilhar nos seus meigos olhos castanhos que deixasse a fortuna para quem Deus a destina, sem de tão longe a trazer.

E, depois, ella trabalharia tambem, e de todos

era sabido quanto valiam no campo os seus vigorosos braços de vinte e cinco annos. Para que haviam de separar-se?

Sim!... ella por si queria antes comer uns feijões mal temperados e umas couves sem azeite, toda a sua vida, do que vêr ir o seu rico marido pelo mar fóra, atraz duma fortuna que, alem de tudo o mais, poderia vir ou não vir.

*

Tudo tinha sido inutil.

Elle obstinára-se em partir, e, uma bella manhã de maio, quando as flôres dos campos recendiam aromas e a alegria do sol primaveril vinha dourar as campinas, o Lino partira para Lisboa afim de embarcar no navio, que o levaria mar em fóra no dia seguinte.

Desde então nunca mais houve alegria e risos no lar.

A pequena Elvira crescia, mas sem a alegria e as gargalhadas descuidosas da infancia.

Habitára-se á grave seriedade da mãe que nunca vira sorrir.

Quando começou a fallar, Emilia repetia-lhe amiudadas vezes a palavra — pae, pae — que foi a primeira que os seus pequeninos labios aprenderam a dizer, e, mais tarde, estendendo no espaço o bracito roliço, acrescentava — longe, longe, muito longe!

Entretanto a pobre Emilia levava vida negra de trabalho e de desgostos.

Durante muito tempo, Lino escrevia-lhe dando-lhe conta da sua vida; dizia-lhe os seus trabalhos e os sacrificios cujo fructo compartilhariam depois; animava-a a esperal-o com confiança e paciencia e ella sentia um raio longinquo de sol a aquecer o seu peito de viuva... Esperava, cria, porque elle, o seu Lino, o seu amôr, havia de vir como lhe promettia, que não era homem para lhe faltar!...

E nas cartas que lhe mandava escrever, esforçava-se então por parecer-lhe mais resignada, mais esperançosa, menos desesperada...

Era preciso que elle, coitado, não tivesse mais *quebreiras* de cabeça do que as que por lá o apoquentariam!

*

Mas dois mezes se tinham passado sem que ella recebesse carta!

Repentinamente, as noticias tinham faltado e um terror immenso gelou a alma de Emilia, cujo coração parecia adivinhar que lá ao longe, em terras cujo paradeiro ella ignorava, tinha cahido morta a mão adorada que lhe escrevia!

Correu a casa do cura; disse-lhe da sua inquietação, do seu receio:

— Lino não escreve ha mais de dois mezes, snr. cura! Que lhe terá acontecido? Se elle me

tivesse morrido!... Comprimia o coração com as mãos, para conter-lhe as pulsações e abria espantada os seus grandes olhos bons, vidrados como os duma ovelha mansa.

— Não morreu, não, mulher! Então não pôde ter-se perdido uma carta? ou não ter vindo agora paquete... Vamos a ver! Não estejas ahí já a ferver em pouca agua!

A fidalga, a madrinha da Elvira tambem lhe tinha dito isso mesmo:

— Que esperasse... nada de impaciencia! Era muito frequente perder-se a correspondencia! Era preciso ter juizo. Não fosse creança! ..

Apesar destas boas razões, Emilia passava a vida numa continua amargura.

Via o Lino morto, morto, ou doente, longe d'ella, sem os seus carinhos, sem os seus cuidados... com leguas e leguas de mar a separal-os... na impossibilidade completa de se reunirem!...

A fidalga e o cura bem lhe prégavam paciencia... mas, meu Deus! o coração duma mulher que ama, não sabe ter paciencia!...

— Saber, saber ao menos se elle vivia!... Mas como? Se soubesse que elle vivia!...

Então, durante a febre do seu desasocego, Emilia lembrou-se que para alem do povoado, num moinho velho, no cimo dum monte escarpado, existia uma *mulher de virtude*, muito consultada, muito famosa entre a gente do campo, tida

e havida como oraculo inffallivel, a quem chama-
vam — *a bruxa do moinho*.

Porque não havia ella de, no dia seguinte, ao
alvor da manhã, tomar a pèquena Elvira nos bra-
ços e ir por ali fóra, sem dizer nada a ninguem,
consultar a bruxa sobre a sua sorte... pergun-
tar-lhe se o Lino vivia?

*

Se bem o pensou melhor o fez.

Ao romper d'alva, eil-a que parte estrada fó-
ra, com o passo rapido e firme de quem vae
buscar uma certeza definitiva, a ultima palavra,
a inffallivel, a indubitavel, que cahiria dos labios
da bruxa como uma luz sobrenatural no coração
da Emilia...

O cura não gostaria se soubesse que ella lá
ia... nem a sua comadrinha... mas, ora! o que
ella sabia é que a *bruxa do moinho* tinha adivi-
nhado muitas cousas a muita gente, e que tinha
feito tantos milagres, — *todos de adivinhação* — que
o que ella dizia podia considerar-se — uma escri-
ptura!

*

Chovia agora a torrentes. Na estrada não se
via viva alma.

Emilia caminhava resoluta unindo bem a si a
filha e occultando-a sob o chaile, para que não

apanhasse a agua da trovoada que ribombava rigorosa e medonha cada vez mais.

O moinho era longe, mas de muito longe se via.

Emilia caminhava com os olhos fitos nelle, como na Estrella do Norte, parecendo não sentir a chuva repassal-a até a medula dos ossos, nem os trovões que ameaçavam um dia e uma noute, de infrene tempestade.

Dentro em pouco, ia saber se o seu Lino era morto ou se era vivo!

Eis o que lhe importava — sua preocupação, seu pensamento dominante!

A' medida que se approximava, a tempestade redobrava, como que a dizer-lhe — para traz, mulher! Só Deus póde saber aqui o que procuras!...

Mas não raciocinava nem *sentia* senão que ia, emfim, saber a verdade — se Lino morrera ou se vivia!

*

Emilia chegou emfim ao cume do monte.

Ia incharcada e tremia de frio e de commoção.

Um relampago de luz azulada, pallida, illuminou o horrendo pardieiro onde a bruxa fixára a miseravel residencia.

Então parou, repentinamente assustada.

Tinha na frente a porta desmantelada, as janellas sem vidros e cobertas de teias de aranhas, o cheiro inconfundivel da miseria que ella

na sua pobreza desconhecia pelo mediano conforto que lhe davam a sua economia, o seu arranjo e o seu bom governo.

Dez ou doze cães pequenos, brancos, todos pelo mesmo tamanho, exactamente eguaes, parecendo ter sahido todos da mesma ninhada, ladravam com um som penetrante e agudo, dando a conhecer á dona que ali tinha *uma cliente*.

A rapariga esperou sentada num marco de pedra quasi ao pé da porta, dizendo com uma voz tremula de commoção e de fadiga:

— Faz favor?

Mal tinha fallado, appareceu diante della a figura repellente, miseravel, da afamada bruxa.

Era velha, doente dos olhos, vermelha, com uma grande cicatriz ao longo da testa, que lhe arrepanhava os olhos numa hedionda expressão.

O traje condizia com ella. Era uma pura nodoa de gordura e de vinho.

O casaco sem botões, apenas ajustado no peçoço por um alfinete, deixava a descoberto uma *negra camisa* toda esfarrapada e, por baixo desta, uns seios nojentos que desciam até á barriga.

Umas melenas brancas e empastadas pela longa ausencia de pente, a sahir de dentro do lenço desbotado, eis ali estava *a bruxa do moinho*, aquella cujas palavras o povo acolhia como uma luz divina, lançada nas trevas do mundo!

Diziam uns que ella se entendia com o diabo para as suas mysteriosas revelações.

Pretendiam outros que ella era uma santa e que era com os anjos que se entendia.

O certo, comtudo, é que com quem ella se entendia maravilhosamente, era com a parvoeira dos desgraçados que lá acorriam e com o garrafão de vinho ou de aguardente a quem de momento a momento lançava uns olhos demasiado ternos.

Tal como era, ali estava agora com a sua *cliente* a quem começou por pedir que não a denunciasse! Que ella lhe diria tudo sobre o que a consultasse, mas que lhe promettesse nunca dizer quem a fizera saber taes cousas... ella com pouco se contentava e não ia chamar ninguem; apenas attendia as que a procuravam... mas a policia é que não quer saber destas razões e as não entende assim!...

— Emfim, minha rica filha — concluiu ella com os olhos razos de lagrimas, fixos na sua extraordinaria matilha — a policia até já me quiz tirar os meus cães, que são o meu ganha-pão! Não diga nada... mas olhe, são elles que me ajudam nos meus trabalhos! Sem elles, eu não poderia fazer nada!

— Pois, senhora — começou Emilia, impaciente por entrar no assumpto que a trazia — eu venho para saber se o meu homem que foi para o Brazil, vae em três annos e que deixou de me escrever, é morto ou vivo?

— Bem. Vamos saber isso num momento —

disse a bruxa fechando a porta e começando logo uma oração, de que Emilia não percebeu uma palavra, mas que os cães comprehenderam e acompanharam com um ladrar ensurdecedor que impressionou o espirito acanhado e doente da desgraçada rapariga.

Após a *evocação*, a bruxa foi buscar um baralho de cartas esfarrapado, velho e tão cheio de nodoas, tão immundo como as mãos que o manejavam; e lentamente, com os olhos semi-cerrados e os braços agitados por uma grande tremura, começou a estendel-o sobre uma mesa baixa, de pinho, sob a qual três dos cães se postaram immediatamente com os focinhos apoiados no fundo...

Entretanto a pobre Emilia seguia tudo isto com um olhar aterrado, aneoso, indiscriptível!

A velha tinha accendido duas lanternas de azeite que espalhavam sobre as cartas uma luz de mortos.

No fim de alguns momentos de concentração, de recolhimento em si, a bruxa levantou a cabeça e disse:

— Póde perguntar o que deseja, estou habilitada a responder.

— Se o Lino é morto ou vivo? Porque é que não escreve?!

E com uma anciedade quasi de loucura, a pobre estendia o pescoço, abria os olhos, parecendo querer ir buscar as palavras á garganta da

velha e desesperada de não entender ella propria aquellas cartas e aquelles signaes cabalisticos que se referiam ao Lino.

— Não está morto — disse pausadamente a bruxa — não escreve porque vive lá com outra de quem já tem um filho, e, d'ora em diante, é lá que ficará, esquecendo a mulher e a filha que cá deixou.

— Meu rico Deus! — exclamou a Emilia num brado d'alma que fazia dó.

— E' o que ellas dizem — repetia a velha, apontando as cartas ainda estendidas sobre a mesa e sinistramente alumiadas pelas duas lanternas de azeite.

Emilia voltára, pois, para casa, com o coração a transbordar de fel e com a alma completamente abatida!

— Que podia agora esperar?

Entre Lino e ella estavam leguas e leguas de mar, outra mulher e alem disso um filho dessa outra; isto é — esse vivo laço de carne, que prende mais o homem que todas as palavras, todas as juras e todas as promessas aos pés do altar do matrimonio.

O trabalho cançava-a agora immensamente. A filha já não a entretinha... considerava-a uma pequena desgraçada como ella; tinha dó da creança, tinha-lhe amôr, mas sentia que aos vinte e

cinco annos, a mulher tem mais no seu coração para dar, do que o affecto maternal.

Começou a andar tão triste que todos receiavam que dêsse em doida!...

Uma tarde, lembrou-se que na quinta da sua *comadrinha* existia a grande cisterna da rega, onde ella em tempos ia tirar a agua como um homem, atravessando dois grandes pinheiros em cruz por sobre a bocca do precipicio e saltando para cima das taboas, com a ligeireza forte da sua robustez sem egual no povo, puchando os cantaros grandes com uma vigorosa agilidade varonil.

Porque não havia de aquella agua funda, medonha, que ella ia buscar para mitigar a sêde dos campos, mitigar tambem a sua sêde, a sua febre de descanso eterno?...

Oh! Ella não era tão feia como parecia vista de cá de cima, aquella agua!...

Quando a tirava cá para fóra, era limpinha, clara como um crystal...

*

No dia seguinte era um domingo. Logo de manhã, dirigiu-se a casa da fidalga, com a filha nos braços.

A comadrinha estava na missa; mas ella disse aos creados que a esperava na quinta, onde ia dar uma volta, visto o tempo estar tão lindo que fazia gosto...

Como era dia de descanso, ninguem ali andava que pudesse ter visto a desgraçada cortar direita á cisterna grande e quedar-se um momento a olhal-a com uma fixidez de louca. Depois... olhar em roda de si, como a certificar-se de que estava só, beijar a filha para lhe callar o choro presentido e num impulso quasi inconsciente, lançar-se com ella na voragem!

Tudo estava findo! A agua abriu-se com o rumor surdo dum corpo pesado que a feria e Emilia, a pobre mulher do Lino, desapareceu do numero dos vivos!...

A mais forte cadeia

A lua entrava pela janella do quarto entreaberta, illuminando-o com a sua luz pallida, doentia, melancholica como nenhuma, mandando em cada raio seu mais tristeza e mais dôr áquella mansão de agonias.

Sobre a mesa uma carta em meio, escripta com uma calligraphia miuda, incerta, oscillante, cujo talhe attesta bem as angustias do coração que a dictou. Mais alem, um ramo de rosas brancas, pendidas, abandonadas, quasi mortas de sêde e de calôr.

Um leito em completa desordem, e, junto delle, um berço pequenino, delicado, velado por uma cortina transparente, contrasta com tudo mais pelo cuidadoso carinho que delle se evola.

De resto, roupas em desalinho, bahús abertos, cadeiras dispersas e, passando por sobre essa som-

bria desordem, um vago perfume de saudade e de dôr.

É já tarde; na rua não se ouve o mais ligeiro ruído. Encostada á grade da janella, uma mulher escuta com attenção.

No olhar, no gesto, no tremor que lhe agita o seio, traduz-se-lhe o desasocego d'alma.

Que espera? Que deseja? Que adivinha?

É facil reconhecer-se n'ella a terrivel inquietação de quem espera um acontecimento, que ora lhe parece o raiar duma eternal bonança, ora a densa escuridão dum tumulto.

Quantos receios! Quantas saudades e quantas hesitações! Ai, pobre! É já tão tarde e elle sem vir!...

Acaso se esqueceria della e das suas promessas, ainda hontem firmados com tão calorosos beijos?!...

Quem sabe?... Ha corações para tudo.

Até para enganar covardemente uma mulher que os ama! Era um golpe cruel, profundo no seu coração e na sua vaidade de mulher, um véu espesso, luctuoso, lançado sobre as suas mais gratas illusões de rapariga;... mas tambem, assim lhe voltariam ao lar a paz e o socego de espirito que de ha muito lhe andavam arredios.

.....
Meia noute. Ouve-se emfim o passo apressado

de alguém. Junto da janella pára uma figura de homem, cujo porte distincto e nobre faz adivinhar um fidalgo d'alta linhagem.

Illumina-lhe a lua o rosto descórado; affagallhe a brisa os anneis do cabello negro; namoram-lhe as estrellas a luz radiante dos olhos escuros, — uns olhos que dizem mais do que a mais eloquente linguagem; uns olhos que mandam, que subjugam, que imperam em absoluto, quando teem por si a força dum coração apaixonado; espelhos da alma, que nelles reflecte com tudo o que encerra de bom e de ruim.

— Cada minuto perdido é um seculo, bem o sabes! Não hesites, partamos sem demora, que a rua está de todo só.

.....
Ella escutava-o. Escutava-o guardando uma a uma no seio aquellas breves fallas. Sentia-lhe o halito, queimava; via-lhe os olhos, faiscavam; tocava-lhe nas mãos, abrazavam. Quiz fechar os olhos, quiz encerrar-se em si propria, impediu-lh'o a luz dominadora do olhar inflammado que elle lhe lançou.

Suspensa entre a vida e a morte, preza de horriveis torturas, aquella alma luctou para se desprender das cadeias, e voar até onde a chamava a ventura.

Mas a voz da consciencia e da piedade, segredavam-lhe:

— És esposa e sobre tudo és mãe!

Num angustioso minuto, viu o rosto descórado e abatido, do pae do seu filho debruçado sobre o berço pequenino, velando-lhe o somno com uma solicidade de mulher.

Viu depois a creança acordar e com anciedade procural-a, chorando. Ouvia a voz trémula, mas resignada, de seu marido, que dizia ao filho:

— Não me tens a mim? Contenta-te commigo que mamã morreu! —

Viu tudo isto; e insensivelmente, comparou o seu procedimento ao d'esse pae martyr, que ia adormentar a sua dôr junto do berço abandonado por ella — por ella a mulher, o anjo do lar, a mãe, emfim!

.....

Desligando-se brandamente d'aquellas mãos adoradas, quiz ir ao menos acabar a sua carta de despedida. Era repassada de amargura e saudade: — Era a sua triste sina que d'ali a arrancava! Recordando os annos do seu casamento, nem um ralho, nem uma palavra offensiva, nem uma desatenção, podiam desculpar-lhe o proceder egoista. Partia-se-lhe a alma ao abandonar o ninho, mas uma força irresistivel, sobrenatural, a levava!

Para o triste desvario dos seus poucos annos pedia um dôce e generoso perdão. Senão por amôr d'ella, que nada lhe devia merecer, ao menos por amôr do filho!... o filho, ai! o filho!...

A pobre mãe, erguendo-se, veio junto do pe-

quenino berço, trazer-lhe um derradeiro beijo materno.

A creança dormia o somno placido e descuidoso dos innocentes. Tinha um bracinho fóra da roupa — um braço pequenino, roliço, torneado, — que seria para a mãe, se o pequenino accordasse, a mais forte cadeia.

Louca de desespero e dôr, a pobre debruçou-se sobre o filho, olhando-o com indizível expressão de magoa.

Queria ver ainda uma vez aquelle rosto adorado, aquellas suaves e delicadas feições, para que nunca mais lhe esquecessem !

Entre as lagrimas que lhe suffocam o peito, a Providencia desprende duas, vagarosas, sollicitas, pesadas e mornas, sobre o rosto da creança que desperta ao seu doce contacto.

Accorda e fitando a mãe com os seus olhinhos ternos, pergunta-lhe sobresaltada :

— Porque chora a mamã ?

Depois, como por instinctiva segurança, levanta-se e fórma dos seus braços pequeninos um collar cerrado e vigoroso ao pescoço da mãe.

Quasi sem consciencia do que fazia, a desgraçada, despedaçou nas mãos a carta que ha pouco escrevera e conservando-se presa nos braços do filho, traçou com amargura as seguintes linhas :

— Adeus, para sempre, meu amôr ! Se algum affecto te mereço, por elle te peço que nunca mais me procures. Segue outro norte ! A mim prende-

me a cadeia mais forte, que pode prender uma mulher — um filho pequenino!

E num impeto de coragem atirou pela janella fóra este bilhete dictado pelo seu coração de mãe!

.....
Quando o sol da manhã entrou ridente pela janella do quarto ainda aberta, a mãe conservava no regaço a creança de novo adormecida.

Pelas suas faces pallidas, quasi de repente emmagrecidas, resvalavam-lhe ainda duas lagrimas da mais cruciante saudade, da mais profunda dêsesperança.

Se aquelle por quem corriam, as tivesse podido ver, essas lagrimas bastariam para sua amarga consolação.

— Um adeus expressivo de terrivel dôr, á sua ventura para sempre perdida!

Anjo da guarda

Era certo que elle não a tornaria mais a vêr!
Na sua vida de *vieux garçon*, no meio das suas extraordinarias *bonnes fortunes*, dotado dum genio alegre, folgasão e um tanto ou quanto zombeteiro, Armando, o homem da moda, o irresistivel conquistador que se habituára a ouvir em redor de si um murmurio de admiração e de interesse, volvia agora um olhar de incommensuravel má-gua para a suave e melancholica figura d'essa tela que uma horrivel anciedade lhe fizera desenrolar sobre a sua mesa de estudo.

Era numa tarde de junho; o ceu estava de anil. Cahira um calor enervante, mas com elle um dia alegre, fallando de primavera e de flores, um dia de festa popular, uma verdadeira vespera de Santo Antonio.

Fôra tambem em junho, num dia de sol e de

amores, de luz e de alegria, que elle tivera pela primeira vez nos braços, o corpo dessa deliciosa mulher.

Na sua longa carreira de conquistas, na sua mocidade e mesmo na sua idade madura, nunca nenhuma mulher lhe tinha dado os momentos de felicidade, de inteira satisfação, que elle devia áquella dôce e querida creatura.

Com que profundissima mágua olhava agora esse passado de amôr!

Na solidão do seu quarto de rapaz, solidão que prolongára demasiado para que não lhe chegasse ás vezes a pesar, Armando passeava agitado de um para o outro lado, nervoso, e parava, de quando em quando, defronte do retrato que acabára por pregar na parede.

Do outro lado, o espelho reflectia a primorosa linha da sua figura de príncipe, fallada em todos os salões da primeira aristocracia e o seu rosto, a um tempo varonil e delicado, com um bigode sedoso e louro, artisticamente tratado e naturalmente erguido nas guias compridas e graciosas.

Armando recordava-se... Um dia, num circulo de *elegantes*, num grupo de ociosos mais ou menos petulantes, discutia-se o olhar negro e profundo duma mulher que passava.

Elle olhou distraído. Nesse tempo andava enamorado da condeessa Z. uma formosa, cujos cabellos de um ruivo ardente faziam a tentação de

quantos a conheciam, e cuja pelle branca e mimosa tinha a delicada transparencia do lyrio branco.

Disseram que a extranha desconhecida tinha um olhar insistente e dominador; que a côr pallida da sua tez morena tinha qualquer cousa de raro, de exquisito, de singular...

Armando ouviu... mas o pensamento voejava-lhe em volta da formosa condessa e apenas reparou naquella nobre e magestosa figura de mulher que passára, fixára o grupo e não o vira por certo... pois que nem uma só vez voltou para traz a sua airosa cabeça!

Mezes tinham decorrido. A condessa partira. Tambem Armando não tentára detel-a... que diacho!... Taes amores tinham durado três mezes!... Era demasiado já para os seus habitos de incorrigivel bohemio!

E depois a gentil condessinha, com os seus caprichos sem fim, acostumada a vêr o mundo inteiro render um culto de admiração á sua estonteadora formosura, começava a fatigal-o, a aborrecel-o, a mostrar-se-lhe tão frivola e tão pueril, tão vulgar e tão possuida de si, que Armando vira-a affastar-se de Lisboa com prazer, numa viagem de recreio atraz dum marido decrepito, um velho negociante que devia ao seu pouco escrupulo uma fortuna de primeira ordem.

O córte brusco dessas relações, não o abalou, pois; Armando continuou a sua vida de alegria e prazer.

Um dia em que, sem destino, se metteria num carro, olhou para a vizinha que o accaso lhe deparára.

Alguma cousa, como que vaga ideia, insignificante recordação, accordou nelle o olhar penetrante e luminoso de aquella melancholica physionomia.

Notou que aquella mulher tinha uma natural e incontestavel distincção; que nada lhe encontrava do commum das outras; que o seu olhar soberanamente triste e expressivo, dizia um mundo de carinhos e de paixão!

E sentiu que suave e docemente o coração — agora vasio de affectos — se lhe podia e queria prender áquella rapariga que elle adivinhou meiga e boa, sincera, apaixonada e por ventura ferida no intimo da alma.

Os seus olhares tinham-se cruzado intelligentemente amorosos; o della dissera-lhe quasi: — Eu soffro! A sórte tem-me sido adversa, mas o coração que me mataram póde talvez reviver! — E numa fixidez mais expressiva que as mais claras fallas, accrescentaram ainda: — Amo-te! Vem tentar essa resurreição!

Armando reconhecera nella a extranha transeunte que, mezes antes, attrahira as attenções dos seus companheiros de folia e lembrou-se do pouco, do nenhum caso que ella fizera de essas attenções.

Não era uma mulher vulgar; adivinhava-lh'o o coração presentido e a sua pratica de convivencia com mulheres.

A condessa Z. teria voltado cinco ou seis vezes para traz a sua encantadora cabeça, certificando-se de que a impressão produzida no grupo de rapazes lhes duraria ainda uns minutos.

Lembrou-se Armando de como esta passára indifferente e como que preocupada por uma ideia fixa.

Na insistencia e sympathia com que o fixava agora a elle só, havia pois uma alta significação — a concessão de uma falla; uma singular e inesperada aproximação!

Pratico nestes assumptos de galanteria, Armando comprehendera-a, não se enganára.

As suas primeiras fallas foram bem recebidas, a sua côrte correspondida, e, pouco tempo depois, a gentil rapariga era a sua apaixonada amante.

Um anno decorrera como um sonho!... Armando extranhava em si proprio a modificação

que aquelle amôr lhe trouxera: — Nenhuma saudade da sua vida ruidosa de outros tempos; perfeita satisfação, duradoura e completa no exclusivo amôr da sua nova amante.

... Comtudo... por vezes, quantas! Armando possuira mulheres mais bellas que essa a quem voluntaria e expontaneamente se prendera!

A condessa Z., tinha uns braços admiraveis, uns cabellos dourados que lembravam o manto das sultanas das mil e uma noutes!

A prima-dona C., que elle tivera durante a ultima epocha de S. Carlos, parecia modelada em vivo alabastro...

A italiana G., que viera ao Colyseu exhibir a sua deslumbrante formosura e que lhe custára um bom par de libras, era realmente digna da fama de que vinha precedida!...

A sua nova amante não tinha a perfeição de plastica dessas mulheres do mundo e da moda!... Mas Armando nunca sentira em si, ao possuil-as, commoção similhante á que lhe dava Lucia, quando elle a cingia num amoroso amplexo.

Nem elle sabia bem que sensação nova lhe despertava aquella querida mulher!... Sabia porém, sem a menor duvida, que das suas seductoras amantes de outr'ora, nem todas ellas juntas, poderiam hoje arrancar-o dos braços de Lucia!

Dir-se-ia que esta era a mulher da sua alma e do seu corpo; emquanto as outras apenas lhe fallavam aos sentidos.

Effectivamente, encontrára nella tudo o que á primeira vista adivinhára! Aquella grave, deliciosa morena, não o illudira voluntaria nem involuntariamente.

Depois, o seu ser era tão outro do que elle até ali encontrára nessas mulheres de vida facil a quem amára momentaneamente!...

Lucia era terna, suavemente melancholica e desconfiada de si propria, em quem não reconhecia o menor encanto.

Apaixonada e modesta, quantas vezes ella o abraçava, repetindo-lhe convicta:

— Armando, porque me queres? Eu sou tão feia e tu és tão bello! Eu tão triste, tu um raio do mais alegre sol! Eu com tão pouco a que te prendas, tu tão perfeito de corpo e de alma!

Esta linguagem era bem differente da que elle ouvira sempre ás outras!...

Ellas julgavam-se sempre bellas, perfeitas, concedendo um thesouro em si... Lucia era tambem bella, mas quasi inconscientemente, agradecendo-lhe os carinhos de que elle a rodeava, como a escrava reconhecida a um beijo do seu senhor!

Parecia ignorar o poder encantador da sua terna sinceridade; que os seus olhos eram dois mundos de tentação; que a sua tez morena dum tom quente, que lembrava o marfim, revelava um ardentissimo e apaixonado temperamento peninsular.

Certamente, não pensava nesses nada, ninharias que preocupam as outras...

Era uma mulher áparte, singular, excentricamente terna e sincera, desconhecendo todo o artificio e toda a affectação!

Armando sentia-se bem junto de ella e quanto mais tempo passava sobre o inicio das suas relações, mais lhe ia reconhecendo as nobres qualidades que exornavam o seu adoravel character.

Podia dar-lhe a conhecer que se lhe prendera pelo coração; que a amava ternamente; que via nella a sua companheira, o par da sua alma; não a sua amante, mas a sua amada; que soffreria se se afastasse della; que era ella emfim, a mulher da sua alma.

Podia dizer-lhe isto, certo de que Lucia não abusaria duma tal confissão e que, em vez de tortural-o com exigencias, caprichos e imposições, como outras fariam, pensaria simplesmente o que lhe respondia:

— Se isso é verdade, meu amôr, é Deus que tendo dó de mim, me concedeu finalmente a maior ventura que eu podia ambicionar, em que eu quasi não creia, se não fosses tu que o disseses!

E redobrava de amôr, ternura e dedicação.

Uma tal mulher tinha-se-lhe imposto; a pouco e pouco se lhe tornou mais querida.

Armando poderia talvez ter um capricho momentaneo por outra, mas o pensamento de per-

der Lucia para sempre, aterrava-o como uma cousa medonha e impossivel, que evitaria á custa fosse do que fosse!

Assim, tinha tambem por sua vez dado a Lucia um anno de completa felicidade.

Ensinára-a, se póde dizer, a amar, a crêr, a sentir!

Ensinára-lhe que a vida é ás vezes boa; que nem tudo era vileza e traição na terra; ensinára a alma desconfiada e triste de aquella pobre rapariga, a adormecer embalada numa dôce ternura.

Mas, observando-a attenta e profundamente, Armando notára sempre que o seu amôr nunca pudera desfazer de todo em todo o mysterioso veu de tristeza que velava o coração da sua idolatrada amante.

E, de mais em mais, e dia a dia, essa nuvem augmentava; envolvendo Lucia, quasi o alcançava a elle tambem, a elle o alegre, o folgazão, o feliz, que vira tudo sempre pelo melhor e para quem este mundo fôra sempre um paraizo!

Muitas vezes lhe perguntava terna e docemente, numa sombria anciedade de que o seu amor lhe fosse pesado:

— Lucia, tu não te sentes feliz? Que tens, minha triste amiga?

Num profundo desanimo, numa doida previdencia do futuro, a rapariga respondia-lhe alvoraçada:

— Sou feliz, muito feliz! O presente é um encanto, é um sonho, é tudo quanto eu pedi a

Deus nas minhas horas de infinito desespero, antes de conhecer-te!

Mas o porvir?!! Vejo-o vagamente, mas escuro, negro, sombrio, como os dias feios do mais tormentoso inverno!

.....
E as previsões de Lucia estavam agora realizadas!

Armando olhava ainda o retrato da sua amantissima companheira, com a mesma ternura com que tanta vez a olhára a ella propria, perguntando a si mesmo se era realmente verdade, que nunca mais tornaria a vêr aquella doce rapariga, tão meiga, tão amante, tão bôa, em cujos traços elle encontrára a felicidade completa do corpo e da alma! Se era bem verdade que Lucia desaparecera da sua vida! Se ella effectivamente morrera ou se não acordaria admirada, viva ao contacto dum beijo seu!

E lia e relia as linhas pavorosas de um jornal da vespera e uma carta pequena, perfumada, escripta numa letra ligeiramente tremula:

ARMANDO.

Perdôa a minha resolução extrema e não me creias alucinada.

Pensei muito e muito tempo, perto e longe de ti, neste acto que se me apresentou como a unica sahida possivel, deste profundissimo abysmo em que a minha alma tombou.

Acabo de receber a quasi certesa de que tu, meu amôr, minha luz d'alma, trahiste Lucia como se Lucia te tivera dado apenas o que encontraste nas outras mulheres!

Depois d'isto, nada mais tenho a prender-me no mundo e d'elle me vou, porque finda a confiança, a crença absoluta, a terna e consoladora certesa de que só a mim pertencias, como só a ti pertenci, nunca mais te poderei ser o que te fui quando acreditava no teu amôr!

Este anno passado nos teus braços, foi toda a minha ventura na terra!

Nada te perguntei, nada inquiri... para quê?... O coração presentiu-me sempre esta medonha desgraça.

Infelizmente, elle nunca se enganou — este coração que tanto tem querido e que tu tão cruelmente despedaçaste!

Adeus. Esquece-me, se puderes, mas nunca mais ames ninguem, porque nem todas as mulheres são como

Lucia.

Uma pallida e ultima esperanza tinha ficado ainda a Armando ao lêr a carta...

Lucia podia ter-se arrependido, pensado melhor; ou até a sua louca tentativa ter ficado gorada, como tantas vezes succede!

Esteve para correr immediatamente a procural-a sem perda dum momento; estreitar nos braços aquella adoravel e adorada mulher, cujo unico defeito era o exaggero, a paixão com que via tudo no seu temperamento, na sua extrema sensibilidade de hysterica.

Porém, as breves linhas dum jornal que antes abrira tiraram-lhe toda a esperança!...

Num frio e terrivel laconismo, dizia o bastante para que elle não tivesse mais duvidas.

Lucia metterá-se num trem para o Lumiar e na estrada do Campo Grande disparára dois tiros de revolver sobre o coração.

Armando sabia e sentia bem que amava ternamente aquella formosa rapariga, que quasi lhe communicára parte da sua delicada sensibilidade, da sua exaggerada e louca phantasia.

Mas ignorava a sua alma, outr'ora tão alegre, tão despreocupada, lhe pudesse morrer assim completamente ao saber que Lucia não existia já no mundo.

Era monstruoso! Lucia, morta! Lucia num mar de sangue! Frio e immovel aquelle gentilissimo corpo, que tantas vezes elle cingira nos braços com tão amoroso transporte!

E para cumulo de magua, morta por elle, porque duvidára do seu amôr! Porque elle não sou-

bera mais conservar naquelle espirito delicado e tímido, a eterna confiança que aos dois evitaria tal desgraça!... E o retrato de Lucia, melancolico, suave e terno, seguia com um olhar vago e triste todos os movimentos de Armando.

Ella devia estar assim, na algidez do seu tumulto dum dia! Talvez sorrindo tristemente, conservando ainda no rosto a expressão dum pensamento derradeiro que sem duvida teria sido para Armando!

Talvez sorrindo resignada e docemente — tal como a reproduzia o fidelissimo e primoroso retrato! Antes Armando nunca a tivesse conhecido! Antes elle não tivesse gosado aquelle anno de infavel doçura, de completa felicidade, do que sentir agora todo o horror de uma tão cruel viuvez!

Dias depois, Armando arranjava as malas com que á noute partiria para o estrangeiro.

Buscava esquecer-se, ou antes — receava enlouquecer!

Numa carta de despedida que deixou para o seu melhor e mais intimo amigo, dizia-lhe:

Parto... vou tentar esquecer. Aqui endoudeceria! Tudo me falla de Lucia — os sitios onde estivemos juntos, os passeios que dava com ella, tudo, — que nós andavamos um pouco por toda a

parte! — os arredores de Lisboa, que todos me parecem Campo Grande, a propria Lisboa, onde a tive, tudo... tudo me falla della nitida e desesperadamente!

Isto é dum homem morrer! — Na ultima vez que a vi, nada ter sabido adivinhar nella!...

Pareceu-me socegada, confiante e risonha; terna e amantissima como sempre, como ella o sabia ser; sorridente e alegre como poucas vezes a vira!

Ai, meu amigo! Foi a primeira e a ultima vez que ella me enganou. Tenho a certeza de que foi a unica!

É tudo isto que eu agora lastimo!... — A sua bocca adorada que jámais se abriu para me enganar!... o seu olhar expressivo de amantissima ternura!... A sua alma incomparavel e nobre, esse thesouro de amôr e de dedicação, que só eu posso avaliar!

.....
Vou-me embora. Decididamente não posso viver aqui.

Vou á França, á Inglaterra, á Italia, depois, talvez ainda á America... nem eu sei onde irei!...

Não sou hypocrita. Não te digo que vou arastar saudades!... — Vou procurar esquecer — Farei tudo por esquecer, e ai de mim se o não consigo, que se não vive muito tempo com uma saudade destas dentro da alma.

Envio-te o retrato della para que o queimes;
-eu não tenho coragem para isso.

É um ultimo favor ao teu

Armando.

Dois annos depois, a uma 5.^a feira das recepções da marquezia de L. não se falava senão de Armando, que chegára na vespera, rejuvenescido, elegante, parecendo que lhe não tocára o tempo, sorridente e galanteador, o mesmo Armando de outr'ora, cujos olhares e attenções começavam já a despertar a rivalidade das mulheres.

Mirado com curiosidade, recebido com apreço, sentindo-se bello, fórte, joven como d'antes, Armando gosava a estranheza que fazia a sua eterna formosura, relanceando um imperceptivel olhar pelos espelhos que o deixavam completamente satisfeito.

De facto, aquella organização especial, aquelle genio sem maguas, aquelle coração onde os desgostos cedo se afogavam em risos e alegria, tudo isso lhe trouxera, lhe conservára uma mocidade sem fim.

Ninguem diria ao vêr a linha elegante e flexivel da sua nobre figura, que esse homem caminhava a largos passos para os 50 annos.

Desenvolto, extremamente delicado, dotado de um espirito raro e de uma graça leve e re-

pentista, Armando fazia as delicias de todas as salas, de todas as reuniões, de todos os centros onde se sabia e se queria conversar.

.....
Vendo aquelle excepcional temperamento de estouvado, o amigo a quem elle deixára a sua carta de despedida, tão desesperada, tão cheia de desanimo, disse-lhe, quasi ao ouvido, chamando-o de parte:

— E Lucia? Lembras-te de ella? —

Armando era um bom rapaz, amoravel, terno e sobretudo sincero. Procurára esquecer-se e conseguira-o; mas foi com sentida saudade que respondeu tristemente:

— Se lembro! E com que pena ainda, com que saudade! Mas a vida é isto, meu amigo, hontem por ella, amanhã por mim!

E puchando pelo relógio, nervoso e quasi febril, accrescentou:

— Tenho um *rendes-vous* com a cantora S. que me espera no Avenida Palace ás duas horas da noute... Não quiz faltar á reunião da marquesa; mas é já uma e meia e não tenho tempo a perder. Adeus!

E fugindo quasi, despedindo-se aqui com um galanteio, ali com um sorriso, mais longe com um cumprimento, desapareceu apressado pela escadaria do palacio.

Fóra, teve a sensação de cruciante saudade de quasi remorso, que já quizera affogar em es-

touvamento ás palavras do amigo; e parou quando viu luzir, oscillar, tremer uma estrella no azul calmo e sereno do ceu!

Uma vez, Lucia dissera-lhe tristemente:

— Eu hei de ir para uma estrella quando morrer. Subirá a ella a minha alma e de lá vendote, hei-de sorrir-te, falar-te... dar-te a conhecer que vivo ali e que vigio os teus passos!

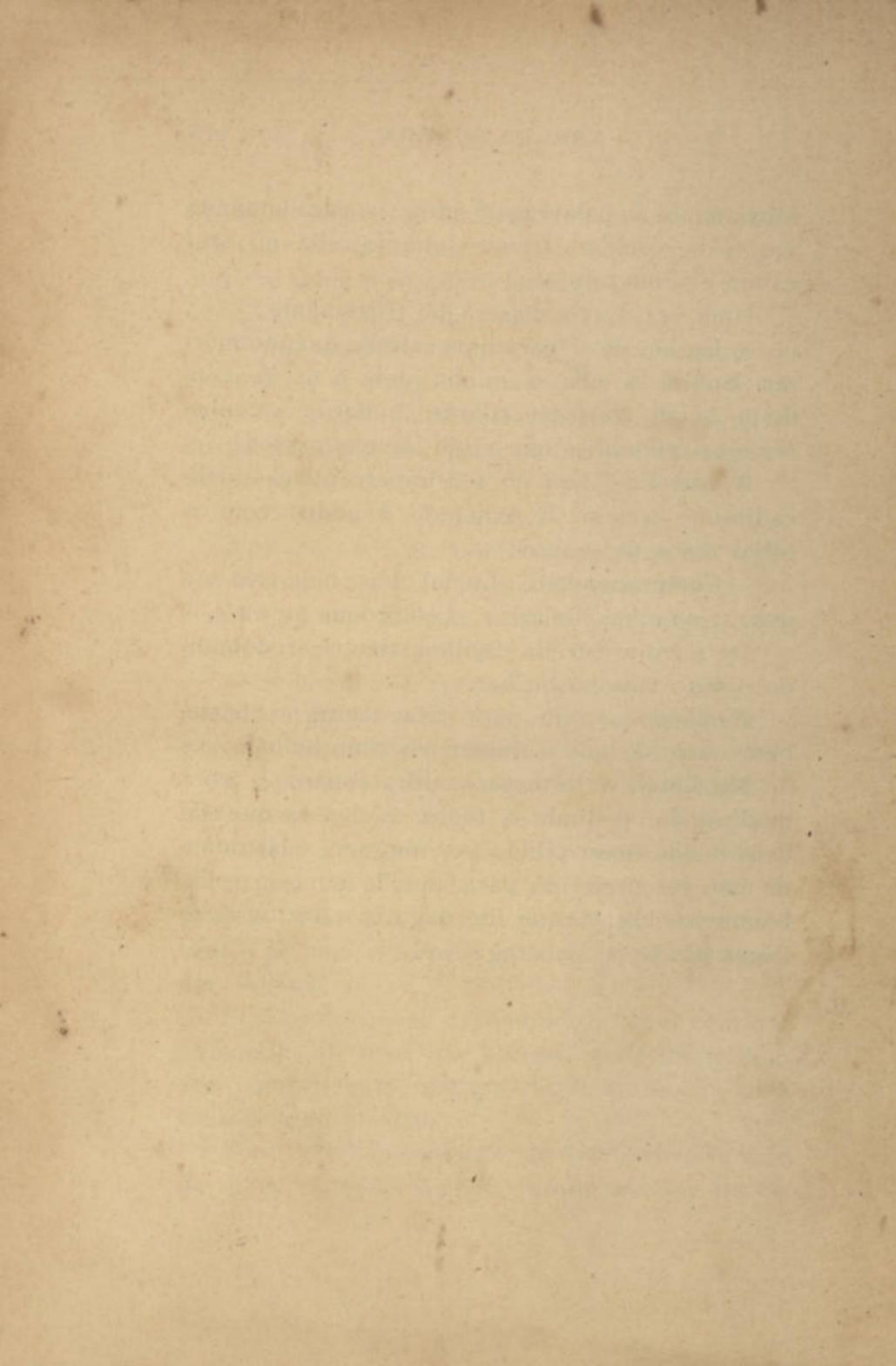
A estrella falára no seu imperceptivel e delicadissimo tremor. E Armando, fixando-a com os olhos rasos de pranto:

— Comprehendo-te. Lucia! Faz hoje três annos... sete de junho!... Lembro-me agora!

De novo a estrella oscillou, tremeu, redobrando o seu extranho brilhar.

Armando seguiu para casa, taciturno, triste, bem outro do que o tinham visto no baile!...

No hotel, a formosa cantora esperou-o até á madrugada, pedindo a todos os deuses que tal desaire não fosse sabido por ninguem e lastimando não ter preferido para aquella noute o velho banqueiro inglez, que lhe pagaria a dez ou doze libras por hora, sem regatear!



Sergio Villar

Às três horas da tarde, contra seu costume e quasi contra sua vontade, Isabel tinha deposto o bordado na mesa de costura, e muito nervosa, numa impaciencia visivel, ia e vinha da cozinha á janella e da janella á cozinha, com uma grande inquietação a revelar-se-lhe no olhar ordinariamente tão calmo, com uma suavidade triste que lembrava a transparencia dum lago.

— Três e três, seis, e três, nove, e três doze — dizia consigo mesma, contando os lençóes já bordados com uma grande corôa a branco — a cinco tostões cada corôa, tenho aqui seis mil reis, que sem duvida, chegam já para se completar a renda da casa. A senhora condessa não póde achar caro... é o meu trabalho de toda a semana... e a bom trabalhar! Mas, enfim!.. está completa a renda da casa... Eis uma boa noticia para dar

ao Edmundo... Assim elle traga tambem boas novas da sua vida!...

Doia-lhe o peito e a linha delicada da sua debil figura, dobrava-se um pouco pela fadiga tão superior ás suas poucas forças.

Toda a semana tinha trabalhado brutalmente.

De dia com a lida da casa, pouco podia fazer, pouco tempo lhe restava; mas os serões até ás tres horas da madrugada tinham rendido, tinham sido bem aproveitados.

Estava extenuada, mas tinha conseguido acabar a obra finalmente.

À noite iria leval-a a casa da condessa * * * e teria o dinheiro preciso para poder dizer a Edmundo: — «Não te apoquentes mais. Eis aqui o que nos faltava.»

E talvez elle então começasse a andar menos insupportavel. Talvez que fossem os cuidados que o tornavam irascível.

De facto, coitado, elle tinha uma certa razão. Doente, cheio de cuidados pela vida, sem dinheiro e com os exames á porta...

Ella não podia fazer mais do que fazia. Tinha a consciencia d'isso... Era a costureira, a cozinheira, a engommadeira da casa... Ali não se dispendiam cinco reis senão com o pão nosso de cada dia!...

Trabalhava como uma moira de manhã até á noute, e muitas vezes desde a noute até pela ma-

nhã, quando arranjava que fazer pela sua arte de bordadeira.

No vestuario não havia rapariga mais modesta, e o pouco que dispendia era sempre dos seus ganhos que o tirava.

Nunca pedira a Edmundo nem um triste vestido de chita, nem uns sapatos de trazer em casa, nem o seu chapeusito redondo, simples, apenas enfeitado com uma fita em redor.

Trabalhava, trabalhava sempre que podia, e generosa e francamente, juntava o seu dinheiro com o de Edmundo, não pensando na sua candida honestidade, em que para ter como tinha, uma situação falsa, com a sua carinha fresca e rosada e com a sua figurita de princesa, poderia ao menos achar um homem que lhe desse brilhantes, vestidos de seda, theatros, etc., tirando-a da vida miseravel que ella arrastava, carregada de difficuldades e de trabalho, em casa do estudante de medicina.

Mas elle fôra o seu primeiro amôr, e ella havia querido dar-lhe bem a prova disso, consentindo em vir viver ali, compartilhando todas as amarguras e todas as difficuldades da sua vida.

Em casa não teria tido tanta miseria, se quizesse trabalhar assim. Mas na sua natureza fraca, submissa, Isabel tinha-se de tal fórma identificado com o amante, que nem mesmo pensava em que podia tel-o muito naturalmente substituido.

Soaram quatro horas no relógio, quando ella ouviu os passos leves, rapidos, de Edmundo pela escada acima.

Apertou-se-lhe o coração... Elle vinha do exame do 5.º anno... o ultimo, o decisivo!...

Sentiu-o metter a chave na porta da saleta e brutalmente começar a sacudil-a antes de lhe ter dado volta.

Depois, viu-o entrar como um trovão, pallido, com os olhos chammejantes e atirar-se para cima do canapé de palha, dizendo:

— «O tratante do lente fez-me a partida!... Um chumbo!... Mais um anno amarrado aos livros e á miseria!... Raios o partam!... Foi uma injustiça...»

Sobre a mesa onde costumava estudar estavam ainda varios apontamentos tirados na vespera, muita papelada miuda que Isabel teve receio de destruir, lembrando-se duma scena de brutalidade provocada por um facto semelhante, mezes antes, em que Edmundo lhe repetiu mil vezes o epitheto de:— Estupida!— Não entendia nada. Era uma boçal, uma bruta. Deixasse estar o que estava, visto não lhe comprehender a serventia!

Com a mansidão, com a doçura natural do seu feitio, tinha soffrido tudo, callando-se, com os olhos marejados de lagrimas e dizendo a si propria que era preciso ter paciencia!

Edmundo, quando voltava do hospital ou das aulas de mau humor, sobre ella descarregava o

genio furioso, a ira brutal, com toda a cobardia, toda a vileza da sua alma de lama!

Era um rapaz baixo, atarracado, com uns olhos azues, pequenos, d'uma expressão felina; quasi sem bigode nem barba, apesar dos seus vinte e oito annos já completos e com uma côr trigueira esverdeada, pallida, a denunciar o soffrimento physico, que, havia mais de quatro annos, o tornava insupportavel.

Olhou para a mesa, e ao depararem-se-lhe os papeis, levantou-se d'um salto e começou com uma régua a fazer voar em estilhaços quanto encontrava, com os apontamentos.

— De que serve tudo isto, afinal? Ah! Ainda se servisse para poder esbofetear com elles o canalha do lente!...

Assim!... — e continuava n'uma raiva doida, n'um verdadeiro ataque de hysteria, a destruir, a rasgar, a inutilisar, levando tudo a eito, partindo canetas, derrubando livros, duas jarras pequenitas com flores dentro, os frascos dos remedios de que elle proprio necessitava, e, por fim, erguendo ainda a régua, cada vez mais cego, cada vez mais inconsciente, ia lançar por terra um grande frasco de tinta preta, quando Isabel n'um movimento quasi involuntario correu para elle, a evitar o extravasamento da tinta, que na sua imaginação receiosa, timida, representaria o prenuncio d'uma desgraça medonha.

Desde que elle entrára, desde que ella sou-

bera o resultado do exame, a rapariga não lhe tinha dito uma palavra.

Conhecia profundamente o genio de Edmundo. Sabia que todo o tacto era pouco para leval-o e o instincto ensinava-lhe a cortar pelo melhor caminho n'aquellas horas difficeis.

Deixava-se levar mais pelo instincto do que pela observação.

Deixava-o gritar, berrar, praguejar, quebrar tudo, sabendo que era preciso deixar passar aquella crise de furia em que os nervos se distendiam.

E realmente, se aquelle processo não era bom, outro qualquer ainda peor seria.

Mas aquelle facto da tinta entornada, oh! esse valia para ella a pena evital-o á custa de tudo!... Mesmo que elle a cobrisse de insultos... até que lhe batesse!... Tudo, tudo!

No auge da afflicção, correu a amparar o frasco, com um grito em que ia toda a angustia da sua alma supersticiosa.

Mas não chegou tanto a tempo que Edmundo não tivesse podido quebral-o, e, ao chegar-se, a pobre ficou litteralmente cheia de tinta no vestido, no avental, nas meias, nos sapatos e nas mãos, nas suas mãos brancas, avelludadas, com uma pelle tão pura e setinosa que talvez se ferissem com a fricção necessaria para tirar a nodoa!

O frasco era grande e para apoquentar o co-

ração afflicto da pobre rapariga, parece que maior ainda o diabo o tornára n'aquelle momento.

No sobrado alastrou-se uma nodoa immensa de todo o liquido que rolára desde a mesa, pingando umas gotas grossas com um cheiro acre, d'uma negrura luzente e um pouco pegajosa que se entranhou rapidamente nas taboas.

— Ahi está, estúpida, é o que tu querias. Para que vieste metter-te aqui? — berrou-lhe Edmundo sem dó d'aquelle rosto aterrado, d'aquelles olhos com uma expressão de pasmo supersticioso, d'aquellas mãos finas e brancas, apezar dos serviços grosseiros que faziam, agora todas negras da tinta, apenas com as unhas e um pouco da parte superior livres da medonha catastrophe!

Quasi sem o ouvir, a pobre mirava as mãos d'um lado e do outro, e, com o mesmo gesto de angustia que a tinha feito correr alli, torcia os dedos, levantava o avental e descia o olhar já velado por grossas lagrimas até á grande nodoa do chão.

— Não pude evitar — disse fallando mais para si do que para Edmundo — Meu Deus! que estará para me acontecer?

Num supremo desalento, como se de facto lhe tivesse já succedido a grave desgraça que esse acontecimento lhe prognosticava, sentou-se, desviando as mãos instinctivamente da roupa, como se a roupa não tivesse apanhado mais ainda do que as suas mãos pequenas, finas, aguçadas e de

ordinario tão cuidadosamente tratadas, por esmero e por necessidade da sua arte delicada de bordadora.

Talvez porque, no seu bestial egoismo, a contemplação do soffrimento alheio minorasse de alguma fórma o desespero proprio, Edmundo tinha socegado e começava a reflectir que realmente aquella triste rapariga era a sua companheira de desgraça... muitas vezes para elle, na sua flagrante injustiça — o cordeiro manso sobre quem recahiam os peccados do mundo!

Por um sentimento de súbita piedade, ou porque os seus nervos agora mais calmos lhe deixassem livre o raciocinio, avançou lentamente para ella e pegando-lhe nas mãos, n'aquellas mãos tão bonitas que assim a entristeciam, disse-lhe num tom quasi carinhoso em que o remorso fallava claro: — Isso sae tudo, já. Ora queres vêr?... Das mãos sae já.

Ella não respondeu. Deixou pender a cabeça e uma torrente de lagrimas cahiu clara e morna sobre a nodoa do avental...

Edmundo teve então dó, um verdadeiro dó d'ella que, numa attitude de creança, olhava com terror immenso para aquellas nodoas de tinta, como se ellas fossem a propria maldição!

Não pensava agora no exame.

Foi a um armario e tirando um frasco com uma droga qualquer, sentou-se defronte de Isabel pegando-lhe nas mãos e dizendo-lhe: — Feche

os olhos e abra-os cinco minutos depois. Vou num instante descalçar-lhe as luvas!

Ella apresentou-lh'as rapidamente e fechou de facto os olhos onde as lagrimas brilhavam na franja opulenta setinosa das longas pestanas escuras.

Sentiu-o trabalhar, mas durante todo esse tempo não abriu os olhos. Demais, já ella tinha visto aquellas mãos assim negras, medonhas, que lhe lembravam a gangrena dos mortos, no seu phantastico terror!

No fim de momentos, Edmundo disse-lhe:

— Abra os olhos. Ahi tem as nossas mãos!

Ella abriu-os anciosamente e verificou que a tinta tinha de todo desaparecido. Teve um suspiro de alivio e um sorriso que brilhou por entre as lagrimas como o sol por entre as nuvens da chuva — Eram outra vez as suas mãos brancas — oh! finalmente!

— Tontinha — disse-lhe elle, levantando-se para arrumar o frasco e beijando-a nos cabellos com meiguice — tu és como as creanças? Julgavas que ficavas com as mãos pretas toda a vida?

Entretanto ella, reanimada pelas boas palavras do companheiro, foi cuidar de substituir o vestido e o avental.

Edmundo ficou só. Começou de novo a pensar na vida.

Ahi tinha em perspectiva um anno ainda dessa situação pessima, insustentavel, que, de dia para

dia, se aggravava e que elle não podia de fórma alguma modificar emquanto não sabisse medico, aceitando qualquer partido fóra de Lisbôa.

Antes de conhecer Isabel, tinha sido um grande estroina.

Tinha tido três temiveis vicios — o jogo, as mulheres e o vinho.

D'este ultimo nunca se emendára por completo e a elle devia, em grande parte, o deploravel estado da sua saude.

Antigamente, passava noutes inteiras á banca do jogo com uma garrafa de aguardente ao lado. Chegando á madrugada, recolhia a casa com a primeira cocotte barata que encontrava e, no dia seguinte, faltava ás aulas e ao serviço do hospital, ficando no leito, sem comer, bebendo apenas, e dormindo de dia o somno que de noute perdera.

No fim do anno sabia tanto como no principio e tinha tido uma séria questão, forçada a murro e a insultos da peor especie, com cada um dos seus condiscipulos que nenhum o podia soffrer.

Era este o seu modo de vida quando dois annos antes tinha encontrado a Isabelita bordadora.

Morava ella n'um pequeno rez-do-chão, na rua de S. Lazaro. Para ir para a escola, passava-lhe todos os dias á porta.

Tinha duas janellas muito baixinhas pelas quaes elle, na sua liberdade de estudante e de

folgazão, começou a metter a cabeça para lhe dar os bons dias.

Isabel achava-lhe graça; mas o que a filha achava uma engraçadíssima brincadeira, achou a mãe um grandíssimo atrevimento, e, dentro em pouco, o estudante, que a mãe alcuñhava de estroina, de valdevinos e de descarado, foi um serio motivo de discordia em casa da bordadora.

A mãe dizia:

— Nunca eu consentirei que vás levar a tua obra sósinha á loja, agora que anda no teu encaço esse maldito diabo!

— E nunca eu pucharei mais uma linha do meu bordado, emquanto a mãe não comprehender que sou senhora das minhas acções!

A mãe tinha razão. Fallava pelo seu instincto de que d'ali, d'aquelle futuro doutor, presentemente sem eira nem beira, não poderia vir senão mal á sua Isabel.

De seu lado a rapariga não podia conformar-se com aquelle affecto materno que considerava para ella *uma desgraça*, o mesmo factó que ella propria considerava *uma ventura*.

Havia três mezes que essa robusta e sadia quarentona, aborrecendo-se da viuvez, tinha tomado por amante um segundo sargento de infantaria.

A filha tinha soffrido resignada aquelle ultraje á memoria do pae e tinha-se mesmo conformado com a introduccão d'essa detestavel terceira pessôa, na sua honesta casa de rapariga.

Calára-se. Ao seu character fraco repugnava immenso o lutar; e, como tinha a certeza de nada conseguir, deixára a sôrte correr o seu rumo, e sem protestos nem queixas, continuou a trabalhar como d'antes, apenas com uma nuvem de tristeza sobre a fronte, quando ouvia a voz do sargento a dizer á mãe, com uma gargalhada alvar e brutal:

— A Isabelita está bem bôa! Um bello dia, se me deixas em casa só com ella... olha que não respondo por mim!...

Como todo o conselho que não seja confirmado pelo exemplo, os conselhos da mãe de Isabel, foram inuteis, ou antes, foram contraproducentes. A rapariga obstinou-se com uma energia desusada no seu feitio docil, e o namorico do estudante foi progredindo a ponto de ella uma bella manhã declarar á mãe que queria sahir de casa e que não a procurasse mais.

A mãe havia esgotado os recursos de que podia dispôr para convencel-a. Isabel tinha ao tempo vinte e dois annos; era senhora de si.

Além d'isso, os olhos ternos, com que o sargento mirava ás vezes a rapariga, começavam a dar serios cuidados á mãe!... Deixou-a ir.

O affecto maternal não tomára demasiado logar no coração d'esta respeitavel matrona!...

Então, livre de tutelas e embaraços, tinha começado uma vida de rosas para os dois pombos amorosos.

O estudante fez-se socegado. Não voltou ás casas de jogo. Deixou-se das cocotes. Recolhia a casa com regularidade e estudava com cuidado.

Durante dois annos nunca ficou reprovado. Dizia ás vezes a Isabel que « ella tinha sido o seu anjo bom ».

Mas, após esses dois annos, ou porque chegasse o aborrecimento, ou porque Edmundo tivesse visto alguns lindos olhos que lhe sorriam, começou a tratar a bordadora com menos carinho e a voltar a pouco e pouco á vida d'outr'ora.

Não lh'o dizia claramente a ella, por um resto de consciencia e de honradez que tinha ficado intacto na sua alma corrompida.

Sabia que tinha sido o primeiro, o unico amante d'essa rapariga, sentia de alguma maneira que o facto de abandonal-a, seria classificado por toda a gente como uma « patifaria », mormente se o fizesse sem o menor motivo, sem a minima desculpa.

Ella passava por séria. Sabia-se que era aquelle o seu primeiro erro.

Além d'isso, sabia-se tambem do seu espirito de independencia. Tendo conservado o mister de bordadora, não pesava ao estudante. Dava-lhe o seu amôr, não lh'o vendia. Ajudava-o, amparava-o, aconselhava-o e servia-o, se pôde dizer;

porque as suaves e pequeninas mãos, que, em casa da mãe, eram cuidadosamente poupadas para o bordado e nada mais, ali faziam todo o serviço domestico. Trabalhava agora, a bom trabalhar e generosamente, para não humilhar Edmundo; não separava o seu dinheiro do d'elle, para que este não chegasse ao conhecimento de que o producto da sua arte de bordadora, sobre tudo quando havia encommendas particulares, chegava mais longe do que a escassa mezada dos vinte mil reis que Edmundo recebia do pae, sempre com a eterna ameaça de lh'a retirar, perante a noticia d'um novo chumbo.

Apesar d'isto tudo, enquanto Edmundo foi bom, enquanto viviam a calma e doce existencia do trabalho a dois, encontrando ella no companheiro carinho e amôr a compensar-lhe os sacrificios, Isabel considerava-se a mais feliz mulher.

Só desde que tudo tinha mudado, desde que se tinham tornado uma excepção os dias em que não disputavam, ou antes, em que Edmundo não explodia n'um ataque de furia, a bordadora sentia um fundo desanimo apoderar-se-lhe da alma.

Tudo se reunia. Falta de dinheiro, falta de carinho e falta de alegria.

A felicidade voára do seu lar, sem remedio, talvez para sempre!

Edmundo zangava-se e dizia-lhe constantemente:

— Sua estúpida! Não percebe nada! Não sabe nada!

Era uma injustiça e sobretudo um grande insulto que elle lhe queria lançar em rosto.

Ella era bem educada para a sua classe.

O pae e a mãe, tinham cuidado tanto quanto possível da sua educação. Tinham-n'a mandado ao collegio até aos doze annos, idade em que se começára a manifestar a sua extraordinaria vocação para o bordado e em que por isso a retiraram para lançar mão do que mais tarde lhe podia ser um modo de vida.

Tinha feito com distincção o seu exame de instrucção primaria; e tinha mesmo continuado a estudar, algum tempo depois.

Não era, de fórma alguma, uma analphabeta.

Este insulto, sobretudo, offendia-a muito gravemente; fazia-lhe subir ao rosto um rubor intenso e Edmundo, desde que o percebera, era quando mais frequentemente o usava.

Era seu intento, agora, firme, desfazer-se d'ella; mas faltava-lhe a coragem e a razão para dizer-lhe:

— Vae-te. Estou aborrecido de ti e quero variar.

Procurava de proposito tornar-se tão insupportavel, que ella se visse forçada a deixal-o, tomando sobre si a iniciativa da separação.

Para isso não tinha mais a fazer do que não se dominar, não fazer a menor violencia sobre

si, deixar-se arrebatado por aquellas iras medonhas que d'antes soffreava por amôr da delicada companheira.

Fazendo-lhe bem a ella, fazia bem a si.

Agora que se deixava ir atraz do genio, chegava a ter verdadeiros ataques de loucura, no auge da qual se prejudicava gravemente.

Pelo moderno processo, perdia tanto elle como ella, e, além d'isso, elle não conseguia o seu fim.

A bordadora começou a encarar as fúrias pelo lado da doença. Para ella, Edmundo era um verdadeiro doente, que mais que nunca devia amparar e cuidar. Deixava passar a tempestade com uma paciência evangelica, tal como tinha feito agora, quando elle tão brutalmente a manchára com a tinta.

A sua resignação, a sua bondade eram tão grandes, que despertavam ás vezes um remorso na alma do estudante que um momento a acarinhava, como tinha feito agora, lançando uma luz fugidia de consolação no inferno em que se tinha transformado a vida da infeliz.

Mas o remorso pouco durava e raras vezes mesmo apparecia.

No espirito de Edmundo estava definitivamente assente, que era necessario voltar á liberdade do viver antigo.

Sentia a nostalgia da pulhice. Achava muito mais divertidas aquellas alegres raparigas que d'antes o visitavam e com quem se vira forçado

a romper — queria a vida antiga, a vida alegre, a vida d'outr'ora!

Pensava n'isto tudo, quando Isabel reaparecendo diante d'elle toda vestida de preto, com um sorriso nos labios, aquelle sorriso que as suas boas palavras um momento tinham feito reviver, lhe disse:

— Vamos jantar, que depois tenho de ir levar a obra prompta a casa da condessa * * *

Propositadamente, não lhe fallava mais da tinta, nem do exame, nem de cousas tristes...

Elle, porém, é que recommençava o seu tiroteio de brutalidade:

— De maneira que num dia em que sahi reprovado, em que vêjo desabar diante de mim uma fatalidade d'esta ordem, em que avalio tudo o que se seguirá... eis-me occupado a tirar tinta das mãos d'uma amasia, que entendeu ser esse o melhor meio de me distrahir!... Oh! está tudo remediado? Sim, senhores! Pelo menos já as mãos estão brancas, que era a primeira cousa em que havia de pensar-se!

Izabel parou. Ia a avançar para elle, para lhe agradecer a sua bondade de inda agora.

Não pensava que em dez minutos, Edmundo tivesse dado nova reviravolta.

O sorriso que se esboçava esteve para desfazer-se em lagrimas. Mas o sentimento da dignidade revoltada conteve essas lagrimas de dôr.

Muito calma, mas com uma profunda magua desenhada no rosto, respondeu-lhe :

— Mas se tu não queres que eu seja a tua « amasia » faze de mim a tua « mulher ». Nada vêjo na minha vida, que d'isso me torne indigna.

— Não estou de humor para ouvir asneiras. Já disse que estou aborrecido e tambem nada vêjo na minha vida que me dê gosto. Vamos jantar.

Foram jantar. Ah! como era differente esse jantar, dos que tinham comido juntos no tempo feliz!

Então, comiam a fructa a meias; cortava um, com os dentes uma pêra, que o outro segurava da mesma forma. Bebiam no mesmo copo e riam e conversavam alegremente durante toda a refeição.

Depois, enquanto ella arrumava tudo, Edmundo estudava. E á noute, no verão, iam passear, como dois noivos, felizes, amigos, inseparaveis, cheios de mocidade e de alegria.

Agora, Edmundo não fallava, e se surprehedia os olhos d'ella a observal-o timidamente, dizia-lhe desabrido :

— Que diabo queres ?

Era um não acabar de scenas, de offensas, de injurias, sem razão.

Um tormento de viça com que ella estava bem

longe de contar, quando, após a sua queda nos braços de Edmundo, este lhe propusera ficar ali, ficar para sempre, serem, um para o outro, a família que a ambos faltava...

Mas, que lhe havia de fazer?... Para retroceder, era agora demasiado tarde!

Terminado o jantar, Isabel viu-o pôr o chapéu e sahir, sem lhe dizer para onde ia, sem mesmo lhe dizer o costumado adeus...

A pobre na sua candida innocencia, recebeu por um momento que elle pensasse no suicidio!...

Pareceu-lhe transtornado. Lembrou-se do resultado do exame; das cartas severas do pae de Edmundo; de como o velho recebia sempre novas como a que havia agora para lhe mandar; das difficuldades em que o desgraçado ia ver-se para viver, se o pae lhe tirasse a mesada, como sempre o ameaçava; do estado da saude do estudante, que passava as noites inteiras em accessos de febre ou de tosse violenta.

Lembrou-se de tudo isto, e um grande terror começou a apossar-se d'ella, um quasi remorso de não ter pelo menos tentado detel-o, perguntando-lhe aonde ia, embora isso pudesse render-lhe um novo ataque de furia da parte de Edmundo.

Daria tudo por o ter ali junto de si, embora a insultal-a, embora a bater-lhe, fosse como fosse!

— Onde teria elle ido? A quê?

Ainda nos momentos mais angustiosos da vida,

a santa rapariga, sempre boa, sempre dedicada, pensava mais n'elle que em si propria!

Se n'esse momento lh'o tivessem mostrado são e salvo, embora junto de outra mulher, teriam socegado os anceios d'aquelle pobre coração, cujo amor se desdobrava para Edmundo, n'uma especie de affecto maternal.

Mas ninguem tinha esse poder! Na sua honesta imaginação, na honradez do seu character serio, Isabel não podia lembrar-se, que Edmundo, áquella hora, pedia o esquecimento dos seus azares do dia a uma garrafa de champagne que pagára com o ultimo dinheiro que tinha no bolso!

Continuava no desespero do mesmo desasocego, até que, ouvindo soar as onze horas da noute sem que Edmundo voltasse, metteu-se ella propria ao caminho em procura d'esse pobre «desvairado».

A obra para a condessa*** tinha ficado por entregar. Nem n'esse momento a bordadora estava em disposição de espirito para se occupar d'isso.

Sahiu da rua da Palma, onde morava, e com o seu passo rapido, miudinho, entrou na travessa de S. Domingos, atravessou o Rocio e foi direita á rua do Principe, a uma especie de casa de pasto, muito escura, muito ordinaria, onde ella sabia que Edmundo jantava quasi sempre, antes de ter o seu *ménage*, na companhia de varios outros estudantes.

Já ali tinha ido mais vezes perguntar por elle. O dono da casa conhecia-a; tratou-a bem. Disse-lhe que naquelle instante Edmundo sahira e que ia perfeitamente, devendo, talvez, já estar em casa áquella hora.

No emtanto, d'um grupo de cinco ou seis estudantes condiscipulos de Edmundo, sahira uma voz escarniçadeira e apiedada, que resmungou:

— Levava mais d'uma garrafa de champagne no buxo! Deve ter partido a cabeça ahi por algum canto, mas não se perde nada!

Isabel sentiu subir-lhe ao rosto a mais intensa vermelhidão!...

Insultavam-lhe o amante e ella não podia defendel-o!

Na verdade, o seu procedimento era indefensavel!

Que podia dizer-se em abono d'um homem que ia embebedar-se a uma *tasca* reles, para esquecer o facto gravissimo d'uma reprovação no ultimo anno do curso?

Agradeceu as indicações e retirou-se.

No caminho de casa, á luz tão calma e tão bella d'aquelle luar de julho, a bordadora pensava no que teria podido ser-lhe a vida, se não fosse o desgraçado genio do seu amante.

Eram ambos novos. O dinheiro d'elle junto com o dinheiro d'ella, dar-lhes-ia uma sufficiente abastança, se houvesse união.

Poderiam ser felizes, alegres, se fossem ambos bons.

Ella, não tinha a menor falha de consciencia. Tinha sido sempre leal, boa, trabalhadora e honrada. Só elle tinha procedido para com ella como um verdadeiro patife, ultimamente!

Confessava-o com dôr, a si propria. A si propria e a mais ninguem!

Pouca gente se via na rua áquella hora. Ella avançava muito lentamente, mergulhada n'estas dolorosas cogitações.

Quando chegou a casa, nem mesmo tinha pensado na maneira como seria recebida pelo estudante.

Começou a metter a chave na porta para abri-la; mas cedo conheceu que Edmundo tendo entrado com a d'elle, muito de proposito a deixára ficar na fechadura, por dentro, para que ella não pudesse entrar sem elle vir abrir.

Bateu pois á porta, e, cinco minutos depois de estar batendo desesperadamente, viu-a abrir-se e apparecer-lhe Edmundo, que lhe dizia com uma voz alta, o mais alto que a podia levantar:

— É á meia noute que recolhe a casa uma mulher honesta!

Evidentemente queria desacreditá-la para com a vizinhança. Isabel bem o percebeu.

A sua consciencia, comtudo, completamente desanuviada, não a deixou intimidar-se.

Tambem em voz alta e firme, respondeu :

— Quando essa mulher tem fóra de casa o seu homem doente e desesperado, póde sahir para procural-o !

A porta fechou-se com estrondo, impellida pela mão brutal de Edmundo que exclamou :

— Estou farto d'isto até aos olhos ! Uma pouca vergonha ! Sahiste a distrahir com os amantes, que os tens aos centos, e a abusar da minha credulidade e da minha bôa fé ! Não penses que me intrujas ! É de mais ! É indigno ! É preciso acabar com esta comedia indecente !

Isabel crusou os braços sobre o peito e encarando, então, bem de frente o amante, disse-lhe com um pasmo real, desenhado nos olhos francamente fixos n'elle :

— Como ? És tu ainda quem acusa ? Que significa isto ? Eram onze horas quando d'aqui sahi, cheia de receios pelo que te succedera ; fui procurar-te ; soube que tinhas estado a beber champagne na taberna, casa de pasto, ou o que é ; que sahiras n'esse instante ! . . . Chego aqui com o coração ralado de desgostos e com a alma cheia de vergonha e recebes-me d'esta fórma, ainda em cima ?

Mal tinha proferido estas palavras, já Edmundo a tinha segurado pelos hombros e saccudindo-a brutalmente, bradava-lhe :

— Desavergonhada! Mentirosa! Fique sabendo que deitou mal as suas contas! Julgou que eu não viriase não tarde e aproveitou para passear e enganar-me! Pois cedo se encontra quem mente! Eu sahi e voltei meia hora depois! Ha seis horas que você anda a vadiar por essas ruas de Lisboa, ou lá por onde lhe parece! Amanhã tudo para a rua! Tudo de minha casa para fóra! Todos os seus trapos fóra, senão lanço tudo da janella abaixo e a si fecho-lhe a porta como a um cão!

Um momento, Isabel, julgou que era a garrafa de champagne que fallava. Mas, depois, reflectiu que Edmundo a injuriava com perfeita consciencia, com clara lucidez e mathematica precisão.

Elle sahira effectivamente, ás seis horas como lhe dizia; agora eram de facto doze; mediavam tambem as seis que elle contava.

A infamia estava bem imaginada. Muito bem planeada para provir de um bebado. Não: Edmundo não estava bebado! Raciocinava e muito bem. Devia ter a consciencia da sua pulhice, mas mascarava-se em homem de bem!

Era horrivel!

A pobre apertava a cabeça nas mãos, sem querer comprehender. Chegou a pensar que Edmundo lhe dizia a verdade... de tal fórma elle representava bem o seu papel!

Meu Deus! Se ella propria é que tivesse enlouquecido?! Se fosse tudo como elle dizia e ella

se tivesse esquecido?!... Mas, não! Ella não estava doida... não, não!

Edmundo, é que era um pulha! Não havia duvida nenhuma!

Sentou-se n'uma cadeira, seguindo-o com o olhar, no seu agitado passeio de um para o outro lado da saleta.

Nem cambaleava. Tinha bebido a garrafa de champagne mas não se tinha embebedado. Era um odre acostumado a elle. Por mais que bebesse, não se embriagava.

Estava no completo uso da sua razão.

Responsavel pois pelo que dizia e em perfeito estado de lucidez para se poder tratar com elle o que houvesse a tratar.

— É então certo, que queres que eu me vá embora ámanhã? — recomeçou ella com um ligeiro tremôr na voz.

— Quero. Não admitto em minha casa mulheres que recolhem á meia noute, depois das ceias com os amantes!

No outro dia de manhã, quando Edmundo se levantou, mais tarde um pouco, pelo somno pesado que o champagne lhe carregára sobre a madrugada, achou apenas um bilhete de Isabel, que lhe dizia:

— És um pulha! Mas és tambem um infeliz! Se algum dia precisares de mim, chama-me que eu voltarei, se retirares os insultos, que me lançaste em rosto, injustamente. Nas lojas para

onde trábhalho, te dirão sempre do meu paradeiro.

Sobre a mesa, tinha ficado um ramallete murcho, que dois dias antes ella tinha trazido ao peito.

Edmundo, agarrou furioso nas flores e atirou-as com uma praga, pela janella fóra, juntamente com o bilhete feito em tiras.

Estava realísado o seu desejo. Estava outra vez só. Isabel tinha desaparecido da sua vida e a sua liberdade estava recuperada.

Machinalmente, desceu o olhar até á grande nodoa de tinta preta, alastrada no chão desde a vespera. Fez-se pallido como a morte. Elle, que nunca na sua vida accreditára em agouros, elle, q estouvonado, que se ria sempre de taes piégui-ces... sentiu o coração apertar-se-lhe com uma angustia inexplicavel... A separação da rapariga ficava marcada a lucto em sua casa! .

Com a sua pequena bagagem, tão pequena que ella propria a levava n'uma mala de mão, a rapariga achou-se na rua, sem saber para onde iria dormir em chegando a noute.

Levava o coração estrangulado no immenso esforço de quem quer absolutamente reter as lagrimas.

Começou lentamente a caminhar pela rua a cima, sem destino; sem dar por isso metteu pela Calçada do Desterro e foi dar ao Campo de Sant'Anna.

Eram seis horas da manhã. O dia ameaçava ser suffocante de calma.

Já áquella hora quasi se não podia respirar.

Ella sentia os braços despedaçados de fadiga, por levar o peso da mala e do grande embrulho n'uma toalha onde trouxera os lençoes já bordados para entregar á Condessa.

Áquella hora havia ali grande animação. Era a força da venda no mercado.

Atravessou por entre aquelle povoleu que se descompunha e chalaceava alternadamente, sem ouvir nadâ mais que a voz da sua alma afflicta a murmurar-lhe desanimada:

— Para onde ir? E que fazer agora?

Não era a vida material que lhe dava cuidado. Na sua permanencia em casa de Edmundo, em dois annos de assiduo e lucrativo trabalho, a bordadora tinha comprado dois vestidos, um de chita e outro de lã, uma capa, dois pares de sapatos e três ou quatro peças de roupa branca.

Emfim, a sua bagagem era tão pequena que ella propria a manejava de um para o outro lado!

Além d'isso tinha vendido durante esse tempo, o seu grande cordão de ouro e o seu bonito relógio, objectos que levára ainda de casa da mãe.

Agora, ali estava na rua, sem dinheiro, sem



nada que lhe pudesse render cinco réis, para a primeira ocasião, deshonrada e com uma grande tristeza dentro da alma, tão cedo ferida pela desgraça!

Atravessou o mercado e foi sentar-se num banco do jardim que fica pela parte de cima.

Não podia andar mais. Estava estenuada. Tinha-a invadido uma grande fraqueza, uma prostração enorme.

Via de lá o bolicio da gente que fervilhava, ia e vinha com cestos, cabazes nos braços — criadas de avental branco ao lado de seus respectivos policias; vendedores ambulantes que se forneciam; collarejas que regateavam; creanças semi-nuas a comer cerejas e agarradas ás saias das mães.

Tudo aquillo lhe pareceu bem mais feliz do que ella! Tinham ao menos animo para olhar pela vida.

Ella, nem isso! Sentia os braços e as pernas partidas de fadiga, o coração ermo de esperança; sabia que não tinha onde dormir.. Oh! Descia-se depressa no caminho da desgraça!..

Presentemente era uma vadia! Sem casa e sem cinco réis comsigo!

Cada vez se sentia mais tomada por aquella grande prostração, por uma enorme fraqueza que ao mesmo tempo não deixava de ser-lhe suave, pela indiferença que lhe trazia!.. mas era preciso reagir! Á noute não poderia ficar ali! Não

tinha dinheiro, mas tinha a sua obra para entregar. Eram seis mil réis seguros.

Vamos! Era necessario mecher-se!

Lembrou-se ainda de procurar a mãe — voltar para casa. Tinha a certeza de ser bem recebida. A mãe era uma boa mulher que nunca tinha especulado com o trabalho d'ella, nem lhe tinha imposto um sacrificio grande.

Pelo contrario. O seu gosto era ver a filha bonita, bem vestida e bem tratada. Não lhe comia um real, e, quando Isabel comprou o cordão e o relógio por cincoenta mil réis que tinha junto, a mãe teve uma verdadeira alegria. Não era má, isso não. Mas Isabel tinha-a perdido de vista e além d'isso o sargento, a lembrança do sargento, que ella aborrecia tanto quanto sua mãe o adorava, desvaneceu-lhe de todo a ideia de voltar á casa materna.

O primeiro passo que tinha a dar, era pois ir entregar a obra, para obter dinheiro. Depois pensaria no resto que havia a fazer.

A condessa morava na Avenida, mas no verão vivia n'um chalet ao Dáfundo.

Novas difficuldades sobrevinham :

— Longissimo! — E ella sem dinheiro para se metter no carro e sobrecarregada com a mala!...

Veio-lhe uma ideia. Tirou dos hombros a capa e dirigiu-se a uma das vendedeiras :

— Minha senhora, preciso de dez tostões para já. Não tenho forças para ir mais longe, vender

ou empenhar qualquer objecto. Podia-me fazer o favor de perguntar a alguma das suas collegas se quererá comprar-me esta capa?

A vendedeira, pegou-lhe. Verificou que estava completamente nova.

— Compro-lh'a eu, menina. Ahi tem mais do que o que me pede. Eu gosto de ficar a bem com a minha consciencia.

Concluiu-se a venda. Isabel recebeu quinze tostões pela capa que três mezes antes lhe tinha custado oito mil réis. Tinha-a posto duas ou três vezes.

A vendedeira tinha tido consciencia!

A condessa *** era uma senhora ainda formosa, viuva, cheia de bondade, e mãe de uma filha de vinte annos.

Esta filha, Amelia, objecto de todo o seu enlevo e de todos os seus cuidados, tinha-lhe sido pedida em casamento na semana anterior por um tenente de cavallaria; descendente duma alta nobresa e dotado de todas as qualidades brilhantes e boas que podem ambicionar-se para um noivo.

Realisava o ideal da mãe e da filha, que, desde que fôra pedida, vivia num verdadeiro ceu, entre

a ternura da condessa e o amor do official que todos os dias a visitava.

Começava a pensar-se no enxoval.

Isabel vinha encontrar ali tudo em festa, n'este dia em que o seu coração só luto e lagrimas continha.

Contrastes do mundo! A uns tudo, a outros nada! É a vida! A brutalidade da vida!

Justamente a condessa tinha dito que precisava fallar a Isabel.

Queria ver se ella se encarregava do bordado completo do enxoval de Amelia.

— Não conhecia outras mãos com a arte, o gosto, e a delicadesa precisas para tão esmerada obra. Aquella rapariga fazia prodigios de habilitade, dizia-o ella muitas vezes. É uma das primeiras bordadeiras de Lisboa.

Logo ao chegar, Isabel foi pois recebida com alvoroço pelas senhoras.

Amelia estava radiante, communicativa, a transbordar ventura!

Era uma adoravel menina, que reunia em si todas as prendas naturaes, aperfeiçoadas pela mais fina educação. Era linda, intelligente, meiga e boa. A condessa possuia uma boa fortuna, mas dizia sempre que de toda a sua riqueza a joia de mais subido valor, era Amelia.

O casamento que ia realizar-se, era um casamento de amôr, de verdadeira paixão.

O noivo não tinha fortuna, mas Amelia não

precisava de pensar n'isso. Era filha unica e herdeira duma fortuna de trezentos contos.

No momento em que chegou a bordadora, as duas senhoras acabavam de almoçar e estavam sós, contra o seu costume. Raro era que não tivessem a casa cheia de visitas, de hospedes e de amigos.

Quando lhes annunciaram que estava ali Isabel, Amelia, batendo as mãos de contente, exclamou:

— Oh! mandem entrar! Para aqui mesmo. A mamã dá licença. Vae-se tratar dos bordados do veu, primeiro que tudo!

A bordadora entrou. Trazia um parecer tão cançado e tão gasto, que Amelia encarando-a estupefacta, exclamou:

— Que tens tu, Isabelita? Estás doente? Anda cá, chega-te aqui!... Assim!... Perto para te ver melhor! Aqui sentada ao pé de nós!

— Estou, na verdade, doente, sim, minha querida menina — disse Isabel para explicar a transformação do seu parecer.

De facto, dir-se-ia ter mais dez annos que na vespera! A pallidez cadaverica do seu rosto, as suas olheiras profundamente sulcadas e todo aquelle ar de abatimento e de fadiga impressionavam devéras as duas senhoras que conheciam Isabel de ha um bom numero de annos.

Havia muito tempo, que ella trabalhava para casa da condessa, que sabia apreciar na devida

conta a extraordinaria perfeição e delicadesa das suas obras.

Interessava-se sempre por ella, e ajudava-a tanto quanto podia, sem lhe offender a dignidade em extremo susceptível.

Muito affectuosamente, disse-lhe, com uma alegria franca no rosto :

— Mas então doente, tu, agora que é preciso bordar todo o enxoval de Amelia?... Ainda não sabias? Amelia está noiva e muito naturalmente és tu quem vae ter muito que fazer com ella, porque não a havemos de deixar ir senão muito linda, muito apurada, um verdadeiro mimo de graça e formosura. Não é assim?

— Oh! minha senhora — murmurou Isabel, com um sorriso triste — a menina Amelia não precisa da minha arte, da de ninguem, para ser encantadora. No entanto, não ha duvida que hei-de bordar tudo com aquella amorosa ternura, que é devida á sua grande bondade.

— Mas agora, doente, como ha de ser? — disse Amelia alvoraçada — Tudo é com tanta pressa! Valha-nos Deus, Isabelita, e nós que contamos contigo!

— Mas, menina — tornou-lhe Isabel, com o mesmo sorriso triste — eu não estou tão doente, como o meu parecer o faz suppor. Além d'isso, não poderei deixar de trabalhar. Que havia então de ser de mim? De que havia de viver? Bem vê que, doente ou sã, hei-de trabalhar da mesma fórma.

Ainda a bordadora não tinha acabado de falar, já Amelia se tinha aproximado d'ella, grave, séria, estendendo-lhe a sua mãozinha branca, cheia de aneis, e, num tom onde ia uma acerba reprehensão, dizia-lhe:

— Achas então, Isabelita, que se tu estivesses muito doente, sem poderes bordar, eu e a mamã te deixariamos morrer á mingua, apesar de te conhecermos e de te estimarmos ha mais de cinco annos?

Isabel sentiu o coração prestes a desabafar em lagrimas e conhecendo que a nobre menina fallava com sinceridade, disse-lhe commovida:

— Não, minha menina, bem sei que não. Mas, graças a Deus, eu não estou nesses casos. Isto é uma ligeira indisposição que ha de passar breve e que passará mesmo trabalhando. O trabalho distrahe e é de distracção que eu preciso. Mais do que qualquer outro, me distrahirá o que fôr para o seu enxoval que eu adornarei com toda a arte, com toda a graça de que fôr capaz. E verá como ha de ficar bonito!

— Sim, bonito! — respondeu Amelia de novo entusiasmada com a sua *toilette* de noiva — bordal-o-has com tão esmerado gosto que ninguem o terá melhor. Interessar-te-has por elle... como se fosse o teu, sim?

Oh! Que palavra dolorosa a noiva acabava de proferir! Fallar a Isabel no seu traje de noiva!

O seu traje de noiva fôra um triste e pobre vestido de chita; o seu veu, tinham sido unicamente as suas tranças louras, desmanchadas; a sua flôr de lorangeira um pobre ramo de violetas escuras que perfumavam o ambiente do humilde quarto de Edmundo!

Quasi involuntariamente, respondeu a Amelia num tom de supplica que a admirou:

— Por amôr de Deus, minha querida menina! Não me falle no meu traje de noiva! Nunca me falle nisso a mim! Hei de bordar-lhe o veu e todo o seu enxoval, com todo o carinho e todo o amôr! Mas, pela sua saude, nunca me falle a mim no meu casamento!

Era quasi uma confissão. Com aquella intuição delicada de toda a mulher verdadeiramente boa, Amelia comprehendeu que havia ali uma chaga sangrenta, ainda para sarar.

Com uma sincera piedade, passou o braço pelo pescoço da bordadora e disse-lhe com meiguice, beijando-a na face:

— Isabelita, queres ficar aqui oito dias comnosco, sem trabalhar, só a convalescer da tua doença, porque estás realmente doente, queres?

— É verdade, — respondeu a mãe — Isabel fica oito dias, durante os quaes combinaremos o que ha a fazer. Entretanto restabelece-se e faz-nos companhia.

— Oh! Minha senhora! Eu fazer companhia!
A fortuna não a abandonava de todo.

Certamente era uma fortuna, o interesse que as duas senhoras lhe mostravam.

Entretanto, n'aquelle momento, tinha preferido que a deixassem ir chorar entre as quatro paredes do primeiro quarto que encontrasse para alugar. Mas não havia recusa, que não a mostrasse ingrata e não offendesse gravemente as senhoras.

Pedi para ir a Lisboa buscar roupa e voltaria de tarde. Às quatro horas estaria de volta. Queria dizer em Lisboa o seu paradeiro, na principal loja para onde trabalhava.

Tinha uma esperança de que Edmundo se arrependeria!... Custa a perder a derradeira illusão!

Em Lisboa, não fallou em Edmundo.

Disse apenas que se *alguem* a procurasse, dissessem que estava em casa da condessa *** por oito dias, e depois, num quarto alugado, na rua das Pretas n.º tal.

Esse *alguem* era Edmundo — que mais ninguem a conhecia, nem podia procural-a.

Sahindo do carro, a primeira cousa que ella fez, coherente nos seus raciocinios, tendendo sempre a poder dar exacta conta de si, foi alugar o quarto que havia de vir habitar na semana seguinte.

No caminho, tinha comprado o jornal e viu que na rua das Pretas havia o que ella procurava.

A condessa tinha-lhe pago. Assim, sem olhar, quasi sem vêr se ficava bem ou mal alojada, Isabel tinha podido fixar a sua residencia.

As primeiras difficuldades estavam vencidas.

À tarde recolhia ao Dáfundo, onde com tão grande sacrificio ia ficar durante toda a semana.

— Minha bôa Isabelita, has de hoje ver o meu noivo, — dizia-lhe Amelia no dia seguinte. — Não tarda ahi uma hora que elle não venha. Todos os dias vem fazer-me uma visita e muitas vezes vem jantar comnosco, como hoje, que é domingo.

A mocidade e a alegria, teem o grande defeito do egoismo. Amelia era um anjo de bondade. Queria, do fundo d'alma, fazer bem a Isabel e distrahil-a, mas insensivelmente, fallava-lhe de si, do que a ella propria interessava!

Ao meio dia, chegou de facto, o official.

Vinha brilhantemente bonito no esplendor do seu uniforme muito bem feito, e da sua mocidade alegre e sadia.

Subiu e entrou familiarmente na sala de jantar onde se achavam reunidas Amelia e a condessa.

— Sabem quem lhes trago?... Adivinhem. Adivinhem quem aqui vem passar três dias a matar saudades longas!

— Parece que é uma nova feliz, Raul!... Da-te tanta alegria!...

— Uma grande felicidade, sim! Mas digam, digam quem é!

A condessa começou pensando. No fim, com uma expressão de sincera alegria no rosto, perguntou:

— Sergio Villar?

— O padrinho? — repetiu Amelia, alvoroçada também.

— É verdade. Adivinharam — disse Raul, tirando a espada para se sentar e puchando a cadeira para junto da noiva.

— Mas quando vem então, Raul? Também, ha que tempos que elle por lá andava!

— Vem ahi num momento. Talvez neste comboio que chegou agora á estação. Encontrei-o hontem á noute e encarregou-me de dar essa noticia cá em casa e de pedir hospitalidade para elle, por três dias.

— Oh! Mas com que prazer! disse a condessa com affabilidade.

Entretanto Isabel a um canto da janella olhava para fóra e involuntariamente ia ouvindo a conversa.

Tinham-n'a esquecido e ella sentia-se feliz com isso.

Occulta pela sanefa, collava-se quando podia com a janella, ao canto, envergonhada e receiosa

de encontrar-se ali, naquelle meio tão differente do seu.

Com o genio timido, com o temperamento nervoso e melancholico de Izabel, a pobre teria sido muito menos infeliz, se a deixassem ir chorar o seu abandono na solidão e no labutar do trabalho diario. Oh! como ella anceiava pelo fim da semana, para poder finalmente partir!

Amelia batia as mãos de contente:

— O padrinho! O padrinho que volta!

— Não é verdade, Amelia, que vos trouxe uma boa noticia? — perguntava-lhe Raul, sorrindo com ternura. Depois voltando-se para a condessa, disse, cheio de enthusiasmo:

— Parece que obtive um verdadeiro successo em Paris o seu ultimo quadro! Uma gloria para Portugal! Os quadros de Sergio, são hoje disputados a contos de réis. Já deve ter uma fortuna grande e se quizer e puder continuar a trabalhar, terá dentro em pouco com que fundar os asylos, as escolas, os sanatorios com que elle sonha sempre, o nosso incomparavel Mestre!...

Raul fallava d'elle com unccão, com terno respeito e affecto filial.

Parece que a vinda d'aquelle novo personagem era motivo da maior alegria para todos, em casa.

.. Sergio Villar... — tinha ouvido bem. Izabel não se enganára. Aquelle nome, uma recordação se lhe vinha ligar.

Descançou a cabeça no braço curvado e entregou-se a essa recordação.

Era uma tarde de outono, o anno passado.

No grande salão de vendas, da Avenida, estava exposto um quadro magnifico, enorme, numa moldura de alto valor.

Accumulava-se á porta immensa gente, para entrar a vel-o.

Ella e Edmundo, que passavam, quizeram ver tambem, e, no meio do apertão, esperando vez, lá conseguiram chegar ao pé.

Era um quadro religioso. Representava aquella suave passagem tão poetica, tão doce, da vida de Christo, em que elle apiedado da mulher adultera, diz aos que a perseguem :

— Ao que tiver a consciencia limpa de todo o peccado, o direito de atirar-lhe a primeira pedra!

O quadro tomava a parede inteira e estava para ser mandado para o *salon* de Paris.

A figura suave e magesticamente bella de Christo destacava-se no fundo azulado dum ceu sem nuvens. Com o braço estendido na direcção da adultera, tinha no gesto e no olhar a expressão da paz e do perdão.

Isabel lembrava-se bem. Havia lagrimas nos olhos de alguns dos espectadores.

O Christo, parecia fallar ! Parecia no seu largo gesto de clemencia, abençoar os que erram, porque tambem tantas vezes soffrem !

Tinha ouvido de todos os lados: — Oh! Admiravel! Não apresentam lá outro como este! Que talento de homem! Que cousa nunca vista!

E o nome de Sergio Villar, andava de bocca em bocca sempre seguido do epitheto de *Mestre*.

Não houve mortal em Lisboa, que não corresse a ver o quadro. O proprio Edmundo, pouco apreciador da arte, pouco entusiasta nas suas manifestações, tinha dito:

— Sergio Villar, é uma gloria nacional. O seu nome nunca morrerá.

Lembrava-se de tudo isto, Isabel, como se fosse hontem.

Para fazer esse trabalho com uma tal vida, era mister que o Mestre tivesse uma grande alma. Uma alma tão grande, como o seu extraordinario talento!

Era uma obra onde fallava a convicção. O artista punha ali a sua extrema bondade como o seu prodigioso talento!

Uma grande lenda de caridade andava ligada ao nome do Mestre.

O quadro pertencia a uma collecção completa em que estava trabalhando, cujo producto reverteria intacto, para a fundação duma instituição de caridade.

O nome de Sergio tinha a dupla aureola do talento e da bondade e não se sabia qual das duas qualidades supplantava a outra.

Ás quintas e aos domingos, havia um curso

de aperfeiçoamento em sua casa, para os rapazes de talento, pobres. Mas pobres e ricos lá acorriam de todas as partes, á lição proveitosa do Mestre dos mestres.

Comparavam-no a Rubens, a Murillo, a Miguel Angelo e orgulhavam-se os portuguezes de dizer no estrangeiro, que Sergio Villar era portuguez. Isabel recordava-se de ter ouvido fallar em tudo isto.

O seu espirito não estava em disposições de attender a factos que fossem indifferentes á sua dôr, mas involuntariamente, sahiu da sombra, levantou a cortina e ficou immovel, presa dum extranho interesse, quando sentiu Raul levantar-se e dizer: — Ahi vem.

Era um homem de altura pouco mais que regular, duma elegancia grave, cheia de magestade e de nobresa.

Tinha o olhar doce e demorado do myope. O cabello e os olhos escuros, muito escuros em comparação do bigode ainda louro, dum louro carregado, quasi castanho claro, apesar dos seus sessenta annos completos. De todo o seu ser, de toda a sua pessoa emanava uma encantadora magia, que ninguem sabia comprehender mas que ninguem podia contestar.

A testa, muito vasta e muito branca, de uma alvura talvez até desproporcionada á côr trigueira do rosto, era a verdadeira fronte do artista.

As feições, um primor de correcção, poderiam

servir-lhe de modelo para os seus proprios quadros.

A bocca, sobretudo a bocca, de labios um pouco grossos mas admiravelmente desenhada, com uma dentadura alva, certa e fórte como se elle atravessasse a primeira quadra da mocidade, tinha uma magica attracção que prendia o olhar de quem o escutava!

Pareciam uns labios feitos para doutrinar o bem. E a sua voz, com a mais maviosa modulação que se tenha ouvido no mundo, era feita para fallar de perdão, de paz, de esperança e de luz!

Devia ser assim, como aquella, a bocca suave de Christo!

Isabel ficou estatica, deslumbrada, olhando a figura do Mestre, como se lhe apparecesse, de facto, a figura de Jesus! A casa estava em festa. Desde o mais humilde ao mais nobre, desde a grande *Terra Nova*, que se levantou immediatamente para affagar o hospede, até á dona da casa em cujo sorriso apparecia a intima satisfação, todos saudavam a vinda de Sergio, com uma alegria excepcional, rara, que mais ninguem tinha o condão de inspirar!

Amelia abraçava-o com uma ternura cheia de enthusiasmo:

— O padrinho! O meu querido padrinho que voltou e que vem assistir ao meu casamento! Sabe que me desesperava a ideia de que não vi-

ria? Era quasi um agouro, padrinho, faltar-me a sua benção!

— A minha benção — disse Sergio com a sua voz doce e grave, um pouco baixa, com uma vibração quente que fallava aos corações — mas todos teem a minha benção, nesta casa, sem excepção!

Elle dizia *todos* e sorria. Não se sabia bem se de facto abençoára *todos*, como se a *todos* chegasse a sua bondade e a sua affeição paternal.

Diria *todos* por um acaso ou por uma brincadeira. Mas o facto é que não houve *um só* que não recebesse a sua parte nessa benção geral, com verdadeira fé.

Na grande roda elegante, dizia-se que Sergio Villar era um mystico.

Os humildes, a gente do povo, diziam que elle era um santo.

Todos concordavam, porém, em que era um *bom*.

Sergio conservava-se de pé e perguntava por todos a um e um: Primos, amigos, conhecidos, creados, creadas — de ninguem se esquecia, de todos sabia o nome e para todos tinha uma palavra boa!

Ainda não tinha visto a bordadora que continuava a olhal-o, com uns grandes olhos, onde a admiração e o interesse se encontravam ingenuamente retratados.

Foi então, que Amelia se lembrou d'ella.

— Padrinho, olhe, esta menina, veio para bordar em quatro mezes o meu veu e o meu enxoval. É a melhor bordadora de Lisboa. As suas mãos são de ouro, de ouro de lei!

— Conseguimos que ficasse estes oito dias aqui, para combinar os trabalhos — accrescentou a condessa — Os trabalhos sobre os quaes Sergio tem que dar o seu voto, o seu voto de artista! Veio na melhor occasião!

— Esta menina está doente — disse Sergio acercando-se de Isabel com uma naturalidade cheia de doçura; tem as faces pallidas e as olheiras como duas violetas.

Effectivamente a bordadora sentia-se desfallecer.

Uma lividez de morte tinha-lhe invadido o rosto, a vista tremia-lhe e offuscava-a com mil scintilações brilhantes.

As pernas vergaram-se-lhe e a pobre rapariga, tentando em vão reagir, cahiu redondamente nos primeiros braços que se estenderam para recebê-la.

— Levemol-a para o meu quarto.

— Desapertemol-a, — dizia Amelia, contristada.

— Vá-se chamar um medico — recommendava a condessa com verdadeira piedade.

Era noute, agora.

Numa das salas da condessa *** tornaremos a encontrar, reunidos, as mesmas personagens, em familia.

Amelia conversava em voz baixa com o noivo. Dizia-lhe as eternas e invariaveis ternuras daquelle tempo de noivos, que dizem ser o melhor da vida.

A condessa dizia a Sergio, num tom ligeiramente resentido: — A desgraçada esteve dois annos, creio que com um estudante de medicina, que acaba de abandonal-a na miseria. Disse-m'o hontem a Francisca, a minha creada de quarto, que o soube não sei onde. Parece que devia considerar-se feliz pelo nosso acolhimento... pois bem!... ao voltar a si do longo desmaio que a accommetteu, a primeira cousa que fez foi declarar-nos, pedir-nos pelo amôr de Deus que a deixassemos ir, partir para sua casa; — que voltaria em estando boa, mas que doente não podia estar aqui! O medico declarou-a atacada duma neurasthenia. Creio que vae em caminho da morte, mas como vê, nada ha a fazer-lhe, porque por dignidade ou por soberba, nada acceita de nós!

— E partiu? — perguntou Sergio com uma voz de profunda melancholia.

— Partiu — tornou-lhe a condessa, encolhendo os hombros, num gesto de quem acrescentava — a maluca!

— Para onde?

— Para um triste quarto alugado, onde vive, na Rua das Pretas n.º tal.

O Mestre callou-se. Pensava com uma grande magua naquella historia tão triste e infelizmente tão vulgar, de mulher abandonada pelo amante ingrato, sem brios.

De noute, em vez do somno placido e socegado que costumava fechar-lhe as palpebras, pensou na bordadora, naquella triste rapariga, pallida, loura, vestida de preto, com um ar de abattimento e de dôr a aureolar-lhe a fronte de martyr.

Toda a desgraça, toda a magua alheia, encontravam um echo sentido na sua alma de santo... mas aquelle pequeno romance, tão doloroso na sua simplicidade, commoveu-o extraordinariamente, e no seu grande quarto que por horas elle mediu a passos agitados, não lhe sahia da ideia a bordadora, que via agora estendida num leito de morte, abandonada e só, áquella hora da noute e presa talvez do delirio da febre!

O mesmo sentimento de dignidade que a tinha feito fugir e que a condessa tanto condemnava, aquecia a imaginação do artista com um extranho interesse por aquella mulher!

Comprehendia essa dignidade e, no seu profundo conhecimento da natureza humana, comprehendia tambem o duplo tormento que a necessidade ia impor a Isabel.

— Abandonada, expulsa pelo amante, ia fazer

com as suas mãos de artista, o veu de noivado duma mulher feliz!

Não era inveja... era um sentimento de egoísmo de toda a humanidade! A miseria humana! Evidentemente, a pobre naquelle momento, não podia pensar senão na sua dôr!

A brutalidade da vida, a dura necessidade, forçavam-n'a a desviar o espirito do seu lucto para as galas alheias. Oh! A condessa era mãe da noiva e não era um psychologo.

A interessada, a propria Isabel, não o saberia talvez!...

A sua natureza humana revoltava-se, reagia sem que ella tivesse a consciencia disso!

Mas elle, que via com a dupla vista da sua grande intelligencia, comprehendia, sentia que a bordadora, naquelle momento, não podia materialmente occupar-se senão da sua magoa.

Precisava esquecer! E para esquecer, chorar, meditar.

Inconscientemente, pegou no pincel, nas tintas, em todos os aprestes da sua prodigiosa arte de que por habito nunca se separava e esboçou um quadro pequeno...

De manhã, quando a condessa o encontrou á mesa do almoço, Sergio preveniu-a de que tinha que retirar para Lisboa, nesse mesmo dia.

— Para a distrahir, deixo-lhe um quadro que fiz esta manhã em sua casa, depois duma insomnia pertinaz.

Levantou-se e, um momento depois, voltou com uma tela finamente desenhada, que desdobrou sobre a mesa.

Um oh! de verdadeira admiração sahiu de todas as boccas! O quadro era simples, rapidamente esboçado, mas tinha a *maneira*, o *encanto*, o *incomparavel* da arte do Mestre!

Junto dum pobre leito de ferro, completamente defeito e desalinhado, um vultó de mulher se ajoelhava com as mãos postas e o olhar velado por grossas lagrimas sobre um crucifixo de madeira ordinaria e tosca.

Por uma unica janella, acanhada, entrava uma claridade frouxa, doentia, triste, que illuminava escassamente o perfil da rapariga.

Por baixo do quadro, obedecendo sempre á ideia dominante que lhe dera a inspiração, Sergio escrevera com uma letra miuda, ligeiramente tremida: — Abandonada.

A condessa e Amelia olharam-se com um pasmo crescente — era a figura, as mãos, os cabellos e a linha de Isabel, no momento em que vergara a ajoelhar desmaiada no chão!

E, no auge da admiração, sem nada comprehender, repararam que havia nos olhos do Mestre o brilho das lagrimas!

... Á tarde, Sergio partia para Lisbôa... e sem ser psychologo, a condessa dizia, surprehendida, a Amelia e a Raul:

— O Mestre apaixonou-se pela bordadora!

Não se enganára.

No coração amovavel e terno do grande artista, assim nascera suave e consolador um affecto formado pela piedade e pela estranha sympathia que o arrastava para Isabel.

Conheceu que era amôr, mas córou de si mesmo.

Tinha sessenta annos. Isabel tinha vinte e cinco!

Seis mezes se tinham passado sobre os acontecimentos que vimos de narrar.

Durante elles, a mais bella, a mais encantadora familiaridade se tinha estabelecido entre Isabel e o Mestre.

Ambos levaram vida de trabalho, mas aos domingos havia treguas e davam longos e bellos passeios quando o tempo o consentia. Quando não, Isabel recebia a visita do Mestre na sua pequenina saleta de costura, emquanto a chuva batia impetuosa na vidraça da janella.

Sergio nunca lhe fallára de amôr.

Visitava-a com a mesma intimidade respeitosa com que visitaria uma grande dama.

Via-a bordar, trabalhar, quando o trabalho era tanto que mesmo aos domingos não deixava treguas; e com a sua voz linda, naquella harmonia

dulcissima das suas fallas de misericórdia, dizia-lhe:

— Não esmoreça, Isabel! Na sua vida ha um erro, uma fatalidade; mas um homem de bem, um homem bom, póde ainda orgulhar-se de ser seu marido. Isabelinha é uma rapariga de bem — é uma mulher honrada.

Mas as palavras do Mestre entristeciam-n'a então!

Fallavam-lhe de esperança e tornavam-n'a triste!...

Como podia explicar-se esta contradicção espantosa?

Sergio envolvia-a num olhar de terna affeição e cumpria o que lhe promettera, quando ella lhe disse no primeiro dia em que elle a procurou:

— Choro, por que me vejo só neste mundo!

Sergio respondera-lhe:

— Tem-me a mim, a mim que serei o seu melhor, o seu mais dedicado amigo. Hei de vir vel-a muitas vezes, hei de animal-a, hei de cural-a da sua grave enfermidade moral. Tambem eu não tenho ninguem. Será Isabel a minha filha... não quer?

O tom daquella voz doce, misericordiosa, musical, tinha exercido nella o seu mysterioso condão.

...A dôr gastou-se, a magua foi-se apagando, e Isabel revivia na santa affeição do Mestre que

lhe queria com toda a ternura do seu amovavel coração.

Tinha ouvido as queixas, as confidencias entrecortadas de soluços e tinha-lhe dito :

— Deus tem sempre misericordia para os infelizes. Trabalhe, minha querida Isabel, e o seu coração leal e honrado, que teve a santificação da desgraça, ha de curar-se totalmente do mal que lhe fizeram !

Era assim, era esta vida de quietação e de calma, que ella queria viver.

Esta monotonia melancholica, embalava consoladamente a bordadora.

Porém, sempre que o Mestre acrescentava — um homem de bem, um homem bom, pôde recebe-la por esposa — sempre que alludia a introdução duma nova personagem na pacifica existencia que levava, uma nuvem de tristesa lhe subia do coração ao rosto.

Porque?... Começava a saber-o ! oh !... era certo ! Amava o Mestre !... Ella, a humilde bordadora, tinha-o amado porque elle lhe fallava de perdão, de esperança, de olvido desse passado que a matava.

Começara por amal-o com todo o entusiasmo da sua mocidade — amava-o com orgulho, com verdadeiro amôr, clara e indubitavelmente.

Queria a vida como ella era, assim remançosa, placida, com o passado extincto da memoria e os

olhos da alma fitos numa duvidosa, numa incertíssima esperança!

Pelo seu lado, Sergio não dizia uma palavra que pudesse trahir o seu segredo. Um dia tinha-lhe contado tambem a sua historia, o seu romance de amôr, que todos o teem na vida!

Era puro, santo, impecavel, como tudo na vida deste homem extraordinario.

Contara-lhe em poucas palavras, fallando-lhe dum passado tão longinquo, tão vago, que quasi lhe parecia um sonho, um sonho bom.

Conhecera em Roma uma joven italiana, formôsa, casta, meiga como as madonas que elle ia aprender a pintar. Tinha elle vinte e dois annos, a italiana quinze. Chamava-se Aurora e a felicidade que lhe trouxe, durou tanto como uma verdadeira aurora, apenas!

Tinham casado, logo, sem mais romance, sem mais demora, attrahidos pela mais ardente paixão.

Mas um mez depois, Aurora morria-lhe nos braços, victimada por uma doença epidemica que então grassava em Roma!...

Elle partiu immediatamente d'ali... e a vida obscureceu-se-lhe numa suave e doce saudade da joven romana, que partira aos quinze annos a sorrir-lhe, vestida de branco, no seu esquife coberto de rosas!...

Isabel ouvia-o extasiada! Na vida do Mestre não havia uma aventura, um mal, um erro ou um remorso!

Nunca fizera mal, na sua vida!

Tinha por toda a parte, semeado a esperança e o bem!

Era a voz do povo, — a voz de Deus — quem o dizia.

O povo, a pobresa, a quem elle dava quasi por inteiro o producto das suas obras inegula-veis!

Assim corria o viver, quando Isabel, um dia, foi surprehendida por uma carta que lhe vieram entregar em mão propria.

A bordadora olhou para a letra do sobrescripto e sentiu uma colera ardente a afoguar-lhe as faces...

— Letra de Edmundo!... Com que direito vinha o miseravel perturbar a sua quietação, agora, depois de ter feito della a mulher desgraçada e abatida que Sergio resuscitára?

Abriu a carta. Quíz vêr até onde chegava a vilania do infame.

Qual não foi, porém o seu espanto, quando em vez dos insultos, dos despresos, das calumnias e das ameaças que esperava ler, viu apenas, numa letra tremida e torta a supplica dum desgraçado que implorava!

Edmundo pedia-lhe para vir a sua casa immediatamente. Morava na mesma casa. Era um

moribundo que lhe pedia isso, pela sua felicidade, por tudo quanto ella mais prezasse na terra!

No outro dia de manhã, não seria já tempo!

Um momento Isabel hesitou. Era uma cilada?

Edmundo queria attrahil-a, para mais uma vez a insultar, ou para lhe fallar do passado?

Mas se não fosse isso?

Lembrou-se de que Sergio lhe dizia muitas vezes que Edmundo acabaria mal... que lhe prognosticava um fim desgraçado!... E as suas prophcias passavam por certas, como as dum novo Jesus.

Eram quatro horas... não havia que hesitar. A partir, era já.

Um sentimento de piedade, arrastou-a fóra da porta e, firmemente escudada pelo seu amôr por Sergio, repetia a si propria:

— Que hei de eu receiar?... Odeio-o, até. Só quero vêr se evito a desgraça que elle me faz prever!... Um dever de consciencia, nada mais!...

No intimo do seu coração, alguma cousa lhe gritava que Edmundo não mentia! Que ia dar-se uma tremenda fatalidade!

Num P. S. a carta dizia-lhe, ainda:— Encontra a chave na porta. Dá-lhe volta e entra.

Isabel conhecia-o bem. Nada extranhava desse atrevido maluco, hystérico, doente e com o vicio do alcoolismo a perturbar-lhe ainda mais a razão.

Queria evitar a desgraça, mas as pernas recusavam-lhe o marchar!

Calma, sem aquella afflicção natural que devia agitar-lhe o peito nesse momento tremendo, a bordadora chegou á porta de Edmundo e abriu-a sem hesitação, com uma indifferença glacial, como a do medico chamado a assistir aos ultimos momentos dum estranho.

Relanceou o mesmo olhar de gelo para toda aquella ruim mobilia do seu antigo ménage. Nada mudára. Parecia que nem uma cadeira tinha mudado de lugar. Uma grossa camada de pó cobria os moveis que provavelmente ninguem mais tinha tornado a limpar, desde que ella sahira.

— Aqui — murmurou uma voz fraca, sahida do quarto interior — estou aqui. És tu, Isabel?

Por preparada que ella estivesse na sua frialdade resentida, não foi superior a um movimento de piedade ao dar com os olhos em Edmundo.

Sentado junto do leito, numa grande cadeira de palha grosseira, miseravelmente coberto com uma manta cheia de nodoas, com as facés cavadas e duma lividez cadaverica, Edmundo não parecia mais que a propria sombra de si mesmo, no tempo em que Isabel o conhecera!

Um longo ataque de tosse, funda e pertinaz, sacudia o peito do desgraçado, apenas coberto por uma velha e pouco limpa camisa de chita desbotada.

Isabel teve piedade, sobretudo porque elle lhe não tinha mentido. Era realmente um moribundo que a chamava!

Sergio ensinara-lhe a piedade pelos que sofrem!

Acercou-se de Edmundo e disse-lhe quasi carinhosamente:

— Então, assim? E só? Não ha um amigo, não ha uma mulher que venha para aqui tratá-lo?

— Amanhã entro no hospital... entro... e bem vê que já de lá não saio senão morto. Chamei-a para que me perdôe, Isabel, minha amiga! Calumniei-a, injuriei-a, expulsei-a! Não posso morrer sem que me venha perdoar! Foi só para isso que a chamei... perdôa-me?

Os olhos de Edmundo imploravam também.

Isabel teve uma indizível piedade do desgraçado.

A tarde descorava e a vida fugia a largos passos, daquelle misero homem que o seu proprio character perdera!

Debruçando-se sobre elle e fechando os olhos á visão terrível do passado que se erguia a retirar-lhe dos labios o perdão, a bordadora disse-lhe com uma voz calma e firme, baixa e doce, onde havia alguma cousa da vibração, da toada da voz de Sergio:

— Morre em paz. Perdôo-te.

O moribundo recebeu esse perdão, com um

recolhimento religioso, convicto, do qual ninguem julgaria capaz o estroina de outros tempos!

Como Isabel ficasse ainda de pé diante d'elle, observando-o e com lagrimas de dó a brilhar nos olhos, disse-lhe baixo, tão baixo que mal ella o poude ouvir:

— Adeus! Vae-te! Pódes ir. Era só isto que eu queria, só para isto te chamei. Obrigado. Deus te faça feliz.

A noite cahia. Sergio devia esperal-a e porventura estranhar a sua ausencia.

A carta de Edmundo tinha ficado aberta, sobre a mesa, para que elle a visse bem.

Quando ellá chegou, Sergio interrogou-a com um olhar mudo e designou a carta, como a perguntar-lhé:

— Era verdade? Que fizeste?

Isabel comprehendeu-o: — Edmundo está nos ultimos momentos... Oh! Sergio! É o meu passado que morre! Elle queria de mim o perdão, perdoei-lhe! Perdoei-lhe do fundo da alma, porque o coração que elle tão sem dó magoára, está curado, completamente curado!... Perdoei-lhe porque esqueci tudo o que não seja a minha vida presente!... e acercando-se do Mestre, com um rubor intenso a colorir-lhe as faces, acrescentou com enthusiasmo:

— Perdoei-lhe porque amo outro homem, e

porque esse homem que eu amo, me ensina, como Christo, a perdoar as injurias!

Sergio julgou não comprehender!...

A lua entrava clara e mansa a illuminar a saleta onde não havia outra luz.

Aproximando-se da bordadora, murmurou-lhe baixinho:

— E quem é esse homem que tu amas?

— Sergio Villar! O artista, o Mestre, o santo!

Num gesto de apaixonada ternura, Sergio abriu-lhe os braços, onde ella se deixou cahir, com a confiança de longo tempo firmada!...

Quinze dias depois, na Igreja de *, com assistencia apenas dos padrinhos, realisava-se o casamento de Sergio Villar com Isabel.

Era tarde, quasi ao crepusculo. Aquella luz doce, vagamente melancholica mas bella e suave como nenhuma, retractava a formosura do noivo, tambem no crepusculo da vida, mas doce, encantador, suave e bom, com um sorriso de felicidade a illuminar-lhe a physionomia.

O seu noivado, se não tinha a ardente luz do sol que brilha na força do dia, tinha a doce formosura, a calma poesia dum crepusculo sem nuvens!...

E Isabel, era feliz, feliz, feliz! Inexcedivelmente feliz!



75227

INDICE

	Pag.
PREFACIO	1
A promessa	5
A mãe da engeitada	57
Calcanhar d'Achilles.	63
I — Um outono de mulher	71
II — » » » »	79
III — » » » »	87
IV — » » » »	100
A confissão.	113
Destinos	129
A bruxa do moinho.	139
A mais forte cadeia	151
Anjo da guarda.	157
Sergio Villar	175

FERREIRA & OLIVEIRA L.^{da} — Lhureiros-Editores

Rua Aurea, 132 a 138 — LISBOA

Fornecedores de S. M. El-Rei e Depositario das publicações do Estado

Ultimas publicações

D. JOÃO DE CASTRO	<i>Jornadas do Minho...</i>	1 vol.
JONATHAN SWIFT	<i>Viagens de Gulliver..</i>	1 vol.
TEIXEIRA BOTELHO.	<i>O homem primitivo...</i>	1 vol.
LOPES D'AZEVEDO..	<i>Historia dos Eclipses.</i>	1 vol.
CERVANTES	<i>D. Quichote..</i>	1 vol.
ADELINO D'ABREU..	<i>Serra da Estrella ...</i>	1 vol.
FRANCIS CHASSEREAU		
COOMBE	<i>The Tourist's and Visitors</i>	
	<i>Illustrated Pocket Guide</i>	
	<i>to Lisbon Cintra, and</i>	
	<i>Cascaes</i>	1 vol.
EGAS MONIZ	<i>Vida Sexual (physiologia)</i>	1 vol.
» »	<i>Vida Sexual (pathologia)</i>	1 vol.
HENRIQUE DE VASCONCELLOS	<i>Flirt</i>	1 vol.
ANTHERO DE FIGUEIREDO ...	<i>Recordações e Viagens ...</i>	1 vol.
MAXIMILIANO D'AZEVEDO ...	<i>Em casa do filho</i>	1 vol.
HENRIQUE LOPES DE MEN-		
DONÇA	<i>Nó cego..</i>	1 vol.
ANTONIO CORREIA D'OLIV. ^a	<i>Parabolas</i>	1 vol.
» » »	<i>Ara, poema..</i>	1 vol.
» » »	<i>Auto de Junho...</i>	1 vol.
MARIA P. FIGUEIRINHAS ...	<i>Contos para as creanças.</i>	1 vol.
RAUL BRANDÃO	<i>A Farça</i>	1 vol.
ARNALDO DA FONSECA.. ...	<i>Mulher amada...</i>	1 vol.
CANDIDO FIGUEIREDO... ..	<i>Lições práticas da lingua</i>	
	<i>portugueza.</i>	1 vol.
CONDE DE SABUGOSA	<i>O Paço de Cintra</i>	1 vol.
MARCELLINO DE MESQUITA...	<i>Almas Doentes... ..</i>	1 vol.
LUIZ GUIMARÃES	<i>Pedras Preciosas</i>	1 vol.
QUEIROZ RIBEIRO... ..	<i>Caminho do Céu.</i>	1 vol.
AUGUSTO LOUZA	<i>Na Suissa</i>	1 vol.
VISCONDE DE VILLARINHO DE		
S. ROMÃO	<i>O Minho e as suas culturas</i>	1 vol.
J. MATTOS BRAAMCAMP. ...	<i>O Tiro de caça... ..</i>	1 vol.
JOAQUIM MADUREIRA	<i>Impressões de theatro ...</i>	1 vol.
C. PINA MACHADO..	<i>Alma errante, poema dra-</i>	
	<i>matico</i>	1 vol.
JOÃO CHAGAS..	<i>Bom humor..</i>	1 vol.

66-
21

